

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ARTES

**MEMÓRIAS PARA UMA POÉTICA**  
**HERBÁRIO MNEMOSINE – UMA BIBLIOTECA DE TESTEMUNHOS**

**PATRÍCIA SANCHES FARIA**

Campinas  
2008

PATRÍCIA SANCHES FARIA

**MEMÓRIAS PARA UMA POÉTICA**  
**HERBÁRIO MNEMOSINE – UMA BIBLIOTECA DE TESTEMUNHOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Artes do Instituto de Artes da UNICAMP como registro parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientação: Professora Dra. Cláudia Valladão de Mattos.

Co-orientação: Professora Dra. Luise Weiss.

Campinas

2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

F225m Faria, Patrícia Sanches.  
Memórias para uma Poética: Herbário Mnemosine: uma  
Biblioteca de Testemunhos / Patrícia Sanches Faria –  
Campinas, SP: [s.n.], 2008.

Orientador: Profa. Dra. Cláudia Valladão de Mattos.  
Co-orientador: Profa. Dra. Luise Weiss.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Campinas,  
Instituto de Artes.

1. Memoria. 2. Arte. 3. Arquivos e arquivamento  
(Documentos) 4. Coleções artísticas.

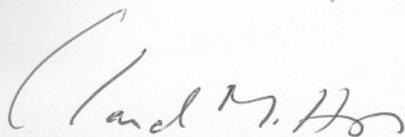
I. Mattos, Cláudia Valladão de  
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes.  
III. Título.

(em/ia)

# INSTITUTO DE ARTES

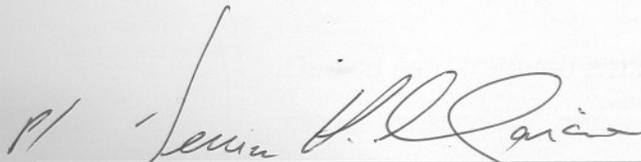
## Comissão Julgadora

Defesa de Dissertação de Mestrado em Artes, apresentada pela Mestranda Patrícia Sanches Faria, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Artes, apresentada perante a Comissão Julgadora:



---

Profa. Dra. Cláudia Valladão de Mattos  
DAP/IA — Unicamp



---

Profa. Dra. Leticia Coelho Squeff  
USP



---

Profa. Dra. Lygia Arcuri Eluf  
DAP/IA — Unicamp

200814017

*Dedico este trabalho à minha família, mãe, irmãos, filhos, enteados, neto e agregados, núcleo e estrutura de afeto que me proporciona as diretrizes necessárias ao meu caminhar. Em especial ao meu companheiro de todas as horas, Edmar Herméto, por sua dedicação, empenho e excepcional apoio, sem o qual não teria finalizado esta Dissertação.*

## AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que compartilharam comigo essa jornada e me ajudaram a torná-la mais prazerosa ainda. Gostaria de deixar registrado aqui meu agradecimento a todas elas.

Primeiramente à minha orientadora, Professora Dra. Cláudia Valladão de Mattos que, com aconselhamentos primorosos, me fez descobrir novos caminhos e novas possibilidades nesse imenso universo da memória e do arquivo.

Agradeço aos professores Dr. Marco Antonio do Valle, Dra. Lygia Arcuri Eluf, Dra. Sara Pereira Lopes e Dr. Rubens Souza Brito, com os quais tive a oportunidade de conviver e aprender; e ênfase a colaboração das professoras Dra. Luise Weiss, co-orientadora deste projeto, e Dra. Ivanir Cozeniosque Silva, pela contribuição no desenvolvimento da apresentação plástica das “exsicatas mnemônicas”.

Meu agradecimento especial à Professora Dra. Ana Tozzi, do Departamento de Botânica da Unicamp, amiga fraterna que me levou a conceber a base da minha pesquisa ao me apresentar o Herbário da Unicamp, me acolher e compartilhar preciosos momentos em seu lar. Também ao Professor Dr. Clésio Tozzi, pela amizade e sábias argumentações.

Agradeço, também, à Professora e Doutoranda Cláudia França, que disponibilizou sua amizade e partilhou generosa e graciosamente seus conhecimentos.

E a todos aqueles que, com total desprendimento, cederam suas memórias afetivas com as quais foi possível construir a grande coleção “Mnemoteca” e tornar realidade o meu projeto artístico.

*“Desapareceu num montão de escombros a pobríssima morada de meus avós maternos, esse mágico casulo onde se geraram metamorfoses decisivas da criança e do adolescente. Essa perda, porém, deixou de me causar sofrimento porque, pelo poder reconstrutor da memória, posso levantar as suas paredes brancas, plantar a oliveira que dava sombra à entrada, entrar nas pocilgas para ver mamar os bácoros, ir à cozinha e deitar do cântaro para o púcaro de esmalte esborcelado a água que pela milésima vez me matará a sede daquele verão.”*

(José Saramago – trecho de “As pequenas Memórias”)

## RESUMO

Quando arquivamos o nosso passado, catalogamos cada momento da nossa experiência e gravamos nossas lembranças, estamos abrindo um processo de resgate das nossas tradições, assim como o colecionador que recolhe e conserva uma série de objetos. A procura de estratégias para preservar a memória por meio de coleções sempre interessou à humanidade. Na nossa tradição ocidental ela remonta aos tempos do *studiolo* medieval italiano. É esta busca por estratégias de preservação da memória que norteia a coleção “*Mnemoteca – Uma Biblioteca de Testemunhos*” que compõe a obra “*Herbário Mnemosine*”. Ela desenvolve plasticamente aspectos dos conceitos de arquivo e de coleção botânica e, utilizando técnicas de arquivamento botânico, pretende funcionar como um arquivo que documentará e preservará a memória afetiva de amigos e parentes, vinculadas a algum tipo de planta (árvore, flor, vegetação, etc.). Esse processo desenvolve-se por meio de “*Exsicatas Mnemônicas*”, isto é, pranchas de parafina com impressões elaboradas com o exemplar botânico da planta indicada e o texto das lembranças afetivas entregues pelas pessoas envolvidas no trabalho. Como os espécimes botânicos, essas pranchas serão classificadas em unidades taxonômicas próprias, de acordo com as afinidades dos participantes. As pranchas foram executadas por meio de uma técnica que venho desenvolvendo e pesquisando há algum tempo, a qual denominei “*Gravura de Vestígios*”: impressões de materiais diversos em matrizes de argila que são gravados em placas de parafina, fazendo uma referência à concepção de memória como escritura.

**Palavras-chave:** memória, arte da memória, memória da arte, arquivo, coleção, arte.

## ABSTRACT

Whenever we file our past, sort each moment within our experience and record our memories, we initiate a process of recovering our traditions, just as a collector who harvests and keeps a series of objects. The search for memory preservation strategies through collections was always of interest for mankind. Our western tradition goes back to the times of the Italian medieval *studiolo*. It is this search that guides the collection "*Mnemotheca – A testimony library*" that composes the work "*Mnemosine Herbarium*". This collection visually develops aspects of the archive and botanical collection concepts and, making use of botanical filing techniques, intends to function as a file that will document and maintain the affective memory of friends and relatives, linked to any kind of plant (tree, flower, vegetation, etc.). This process unfolds through "*Exsicatas Mnemônicas*", that is, paraffin boards with imprints elaborated with the botanical sample of the indicated plant and the text related to the affective memories delivered by the people involved in the work. Just as botanical specimens, these boards will be organized in their own taxonomic groups, according to the participants affinity. The boards were made through a technique I have been developing and researching for some time, which I have named "*Vestige Imprinting*", different material prints in clay matrices imprinted in paraffin boards, referring to the notion of memory as writing.

**Key-words:** memory, art of memory, memory of art, archive, collection, art.

## ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1 — Herbário Mnemosine .....	30
Figura 2 — Vestígios da Memória III.....	34
Figura 3 — Hibisco pressionado com o rolo de massa na argila.....	36
Figura 4 — Planta delimitada pela forma de cortar .....	36
Figura 5 — Formas com a parafina colorida ainda liquefeita. ....	37
Figura 6 — Primeira placa retirada .....	38
Figura 7 — Impressões na argila que serão novamente retiradas. ....	38
Figura 8 — Parafina colocada dentro dos moldes.....	39
Figura 9 — Duplicatas.....	39
Figura 10, Figura 11, Figura 12 — Procedimentos finais: pintura .....	40
Figura 13 — Kunstschränk de Gustavo Augusto — Museu da Universidade de Uppsala.....	42
Figura 14 — Museu de Francesco Calceolari — Biblioteca Nacional da França.....	45
Figura 15 — Caixa de folha de flandres.....	52
Figura 16 — Coleções de algas organizadas sob a forma de livro .....	53
Figura 17 — Exsicatas representadas por desenhos, a nanquim ou a lápis.....	53
Figura 18 — Exemplar de exsicata acompanhada de desenhos .....	54
Figura 19 — Exsicatas .....	55
Figura 20 — Etiquetas.....	55
Figura 21 — Modelo: Thomas Ender. <i>E</i> .....	59
Figura 22 — Prancha VIII — <i>Flora Brasiliensis</i> .....	59
Figura 23 — Modelo: Thomas Ender. <i>Vista dos campos de Mogi das Cruzes</i> . ....	60
Figura 24 — Prancha V — <i>Flora Brasiliensis</i> .....	60
Figura 25 — Modelo: Benjamin Mary. <i>Brodbaum</i> .....	61

Figura 26 — Prancha XXXI — <i>Flora Brasiliensis</i> .....	61
Figura 27 — Modelo: Benjamin Mary. <i>Mangues perto de Ubatuba</i> .....	62
Figura 28 — Prancha XII — <i>Flora Brasiliensis</i> .....	62
Figura 29, Figura 30 e Figura 31 — Vol. XIII, Part I, Fasc. 55, Prancha 88, 87 e 86 .....	63
Figura 32 e Figura 33 — Partes do texto da Família Bixaceae: .....	64
Figura 34 — Tábua de argila suméria datada do final do 3º Milênio AC.....	65
Figura 35 — Inscrição em casca de tartaruga, China, séculos XIV-XI.....	66
Figura 36 — Manuscrito em sânscrito em folha de palmeira, Índia séc. XVIII. ....	67
Figura 37 e Figura 38 — Codex do século XIV e livro chinês, em formato de codex. ....	67
Figura 39 e Figura 40 — Ilustrações dos sistemas de memorização de Johannes Romberch .....	77
Figura 41 e Figura 42 — <i>2146 Steine</i> , de 1990-93 — Jochen Gerz.....	82
Figura 43 — Sigrid Sigurdsson — Instalação Vor der Stille .....	83
Figura 44 e Figura 45 — <i>Atlas Mnemosyne</i> .....	87
Figura 46 e Figura 47 — Oratório de Mulher e Anunciação .....	91
Figura 48 e Figura 49 — Auto-Retrato e Carga Genética .....	93
Figura 50 — Certas Coisas, Certas Outras .....	94
Figura 51 — Inda.....	95

# SUMÁRIO

Agradecimentos .....	9
Resumo .....	13
Abstract .....	15
Índice das figuras .....	17
Sumário .....	19
<b>PARTE I</b> .....	<b>21</b>
Introdução .....	23
<b>Capítulo 1. A OBRA</b> .....	<b>27</b>
1.1. O Herbário Mnemosine .....	27
1.2. A Gravura de Vestígios .....	33
<b>Capítulo 2. COLECIONISMO E ARQUIVAMENTO</b> .....	<b>41</b>
2.1. História das Coleções .....	41
2.2. Coleções Botânicas .....	49
2.2.1. O Herbário .....	51
2.2.2. Coleções Botânicas Brasileiras .....	57
<b>Capítulo 3. O TEXTO, A IMAGEM E A INSCRIÇÃO</b> .....	<b>65</b>
3.1. Gravura e Livro: uma história de parceria secular .....	65
<b>Capítulo 4. MEMÓRIA E ARQUIVO</b> .....	<b>71</b>
4.1. A Arte da Memória .....	71
4.2. Arquivo, Memória e Arte .....	79
4.3. Aby Warburg e seu Atlas Mnemosine .....	85

<b>Capítulo 5. A POÉTICA “VESTÍGIOS DO TEMPO”</b> .....	89
<b>PARTE II</b> .....	97
Introdução .....	101
<b>A COLEÇÃO “MNEMOTECA BIBLIOTECA DE TESTEMUNHOS”</b> .....	103
Gaveta A — Amigos da Unicamp .....	105
Gaveta B — Amigos da Unb e Amigos das Gerais .....	115
Gaveta C — Amigos do Planalto .....	127
Gaveta D — Amigos do Planalto .....	139
Gaveta E — Amigos da Mantiqueira .....	151
Gaveta F — Amigos da Mantiqueira .....	163
Gaveta G — Amigos da Vida .....	177
Gaveta H — Parentes dos Ribeiro e dos Herméto .....	189
Gaveta I — Parentes dos Sanches e dos Faria .....	201
Gaveta J — Parentes dos Sanches e dos Faria .....	213
Livro Tombo .....	225
Conclusão .....	235
Bibliografia .....	237

## **PARTE I**

---

# INTRODUÇÃO

Dois eventos marcaram de forma contundente o projeto de pesquisa a ser apresentado. Em primeiro lugar, o trabalho e as pesquisas de Aby Warburg<sup>1</sup>, o funcionamento de sua Biblioteca e de seu projeto Mnemosyne, proporcionou-me a abertura de um vasto território de novas investigações, levando-me a compreender o seu conceito de história fundamentado em uma teoria da memória e do símbolo, com foco no legado material. Em segundo lugar, a oportunidade de visitar o Herbário<sup>2</sup> do Departamento de Botânica da Unicamp e conhecer as formas de arquivamento e ordenação dos exemplares de plantas, direcionou de forma definitiva a minha proposta de trabalho.

A presente Pesquisa de Mestrado trabalha duas frentes simultâneas: uma poética e outra teórica. A primeira vertente dedica-se ao desenvolvimento da

---

1 Aby Warburg é o idealizador e fundador da importante Biblioteca Warburg, hoje sediada em Londres e também mentor da “Escola de Warburg”; que inclui importantes nomes da história da arte, como Erwin Panofsky, Fritz Saxl, Edgard Wind, Gombrich, entre outros.

2 Herbário é uma coleção de plantas preservadas e organizadas segundo um sistema determinado, e que servem como material de pesquisa científica (Herbário = fitoteca). Essa coleção de plantas é organizada em exsicatas, exemplares dessecados de uma planta com informações onde constam sua descrição e todos os elementos importantes a seu respeito: além do seu nome científico, do nome do seu determinante e do coletor, carimbo da Instituição de Pesquisa, descrição do local de coleta, etc. O tipo mais usual de preservação é a desidratação, obtida através da herborização. Nesse método, as amostras de plantas são secas sob pressão, entre folhas de papel absorvente, em pranchas de madeira, tecnicamente conhecidas como prensas. As amostras assim preparadas podem ser secas em estufas ou mesmo ao sol, e se mantidas posteriormente em condições de temperatura e umidade constantes, livre do ataque de insetos, podem ser indefinidamente preservadas. Após a secagem, as plantas são afixadas em cartolinas e recebem um rótulo, onde estão anotadas todas as informações relativas ao local onde foram coletadas e a aspectos que não podem ser recuperados através da amostra, como seu hábito (árvore, arbusto ou erva) e odor e cor das flores e frutos, que se alteram com a secagem. Os herbários são geralmente mantidos por instituições de pesquisa e ensino, que se responsabilizam pela conservação, organização e manejo de suas coleções. A organização é a característica essencial dos herbários, que possibilita a utilização de seus acervos como fonte de informações para pesquisa. Nos herbários brasileiros as amostras estão geralmente dispostas em ordem alfabética da família botânica à qual pertencem, e dentro delas, por sua vez, em ordem também alfabética de seu gênero e espécie. O manejo do acervo consiste em promover seu crescimento, identificar cientificamente suas coleções e mantê-las disponíveis para consulta. O crescimento do acervo dos herbários é obtido através de trocas com outras instituições semelhantes, ou pela inclusão de novas plantas coletadas pelos pesquisadores desses herbários. Identificar uma planta significa descobrir seu nome científico e a família à qual a espécie pertence. Pois é através destes atributos, que as amostras são organizadas no acervo do herbário. O terceiro aspecto relativo ao manejo do acervo é a possibilidade de acesso a suas amostras, que está diretamente ligado à organização e manutenção do acervo. Disponível em: <<http://www.ibot.sp.gov.br/Herbario/herbario.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2006.

poética “*Vestígios do Tempo*”, com a construção da obra denominada “*Herbário Mnemosine*”, que abriga a coleção “*Mnemoteca – Uma Biblioteca de Testemunhos*” e que pretendo instalar na Biblioteca do IA. A segunda vertente concentra-se no estudo das coleções como um processo de armazenamento da memória na cultura, além do estudo da arte da memória.

À semelhança de um herbário, o “*Herbário Mnemosine*” funciona como um arquivo que documenta a memória por meio do armazenamento da coleção “*Mnemoteca – Uma Biblioteca de Testemunhos*” composta de “*Exsicatas Mnemônicas*” elaboradas por um processo de impressão o qual denominei “*Gravura de Vestígios*”. Essas impressões são uma forma de gravura<sup>3</sup>, com duplicatas, elaboradas a partir de um exemplar de uma planta e o texto da lembrança afetiva vinculada a ela, que coletei entre pessoas amigas e parentes. Essas “*Gravuras de Vestígios*” estão classificadas<sup>4</sup> em categorias, *unidades taxonômicas*, de acordo com as suas características de semelhança e parentesco. Das duplicatas executadas algumas serão distribuídas entre os participantes da pesquisa e outras serão conservadas para montagem de outras obras.

A Dissertação foi dividida em duas partes. Na Primeira Parte, o Primeiro Capítulo, **A Obra** tem como objetivo descrever o trabalho construído, além de apresentar os procedimentos desenvolvidos para a sua construção e as conexões estabelecidas com a vertente teórica da dissertação.

Os Capítulos subseqüentes foram idealizados e escritos com o intuito de fazer uma reflexão teórica sobre os aspectos conceituais do trabalho prático, dando corpo e embasamento teórico à obra. A temática do Segundo Capítulo, **Colecionismo e Arquivamento**, foi abordada através da história das coleções no

---

3 Denomino como gravura este meio expressivo, pois no meu entendimento ele é muito similar aos processos envolvidos no fazer da gravura tradicional. Existe uma matriz, uma superfície aonde insiro sulcos e marcas e dela obtenho cópias, neste caso utilizando a parafina no lugar do papel. Ao retirar as cópias, a surpresa e expectativa é igual à de quando retiro a primeira prova de estado de uma xilogravura ou de uma gravura em metal. Coloco este fazer no âmbito da arte expandida.

4 Pego por empréstimo o termo botânico “*Classificar*”, que é a ciência de agrupar as plantas em unidades taxonômicas, como família, gênero e espécie.

mundo ocidental e através da história das coleções botânicas.

O Terceiro Capítulo, **Memória e Arquivo** aborda uma parte da teoria da memória; seus conceitos, os princípios da arte da memória e suas implicações na arte e no arquivo. Aborda, também, alguns aspectos da biografia e dos legados de Aby Wargurg.

O Quarto Capítulo, **O Texto, a Imagem e a Inscrição**, estabelece as conexões entre a gravura e o texto, abordagem que sintetiza o conceito das “*Exsicatas Mnemônicas*”, e, finalmente, o Quinto e último capítulo, **A Poética Vestígios do Tempo**, visa realizar uma exposição circunstanciada do processo criativo envolvido na obra.

A Segunda Parte, apresenta a coleção “*Mnemoteca – Biblioteca de Testemunhos*”, bem como o Livro Tombo com o registro de cada um dos participantes.

# Capítulo 1. A OBRA

## 1.1. O Herbário Mnemosine

A construção do trabalho prático “*Herbário Mnemosine*” deu corpo e direção à esta dissertação de mestrado. É uma obra que põe em foco a questão da memória; conta histórias de pessoas e de sua ligação com a natureza. É, também, um desdobramento de três interesses que me acompanham desde criança: o primeiro é a minha predileção por ler e escutar histórias e o segundo é a minha preferência especial por plantas e pela natureza, e o terceiro meu interesse por colecionar objetos que me emocionam e me trazem sensações sinestésicas. Essa vocação colecionista é responsável pela atitude que permeia todos os processos criativos envolvidos na produção dos objetos que construo, e dá consistência à minha poética.

Para compor o “*Herbário Mnemosine*” uma nova coleção foi iniciada, com o formato de uma biblioteca de testemunhos, sendo motivada pela necessidade de tentar preservar a memória de momentos que marcaram, tanto de forma positiva como de forma negativa, a existência de pessoas com as quais mantenho uma relação de afeto. Denominei esta coleção de “*Mnemoteca – Biblioteca de Testemunhos*”, e o “*Herbário Mnemosine*” é o seu arquivo.

Acredito que as nossas vivências do passado, que um dia já foram o presente, marcam e direcionam nossas escolhas durante todo o percurso pela vida. Andreaei Tarkovskiaei, afirma que, “se, por exemplo, alguém nos fizer um relato de suas impressões da infância, poderemos afirmar, com certeza, que temos em nossas mãos material suficiente para formar um retrato completo dessa mesma pessoa”<sup>5</sup> e continua dizendo que “o passado é muito mais real, (...) mais resistente que o presente, o qual desliza e se esvai como areia entre os dedos

---

5 TARKOVSKIAEI, Andaei Arsensevich. **Esculpir o Tempo**, 2. ed., São Paulo: Martins Fontes; 1998, p. 64.

adquirindo peso material somente através da recordação”<sup>6</sup>. Para manter retido este presente, o “aqui e agora”, precisamos, como diz Jeanne Marie Gagnebin<sup>7</sup>, inventar estratégias de resgate para que não sejam esquecidas nossas tradições, falas e imagens. De acordo com o artista alemão Jochen Gerz, que trabalha com a temática do testemunho, “a memória não pode ter nenhum lugar fora de nós” e “apenas nos recordamos daquilo que nós nos esquecemos”<sup>8</sup>. É neste contexto que o “*Herbário Mnemosine*” foi construído: para ser um mecanismo que possa resguardar, através do arquivamento, a memória de emoções e vivências afetivas de algumas pessoas escolhidas no contexto do meu relacionamento, afetivo e familiar, evitando o apagamento destas experiências e possibilitando que elas possam ser resgatadas a qualquer momento. Para tanto, o intuito é colocá-lo em um local, tal como uma biblioteca ou um instituto com atividades relativas à memória, onde suas informações possam ser manipuladas e utilizadas, cumprindo com seu papel central, o de possibilitar o acesso de várias pessoas à um banco de testemunhos de vida.

O “*Herbário Mnemosine*” é um recipiente de curiosidades e de histórias pessoais vividas com plantas e é, principalmente, o arquivo da coleção “*Mnemoteca*”, um depósito de vivências impressas em placas de parafina e transformadas em “imagens-testemunhos”. Essas placas fazem referência às exsicatas botânicas dos herbários e foram denominadas por mim de “*Exsicatas Mnemônicas*”. De um lado dessa placa está caligrafado o texto da lembrança afetiva que me foi relatado pelos amigos e parentes, e do outro lado está gravado o vestígio, a impressão real da planta citada na memória afetiva. Este procedimento propicia a fusão entre texto e imagem, pois abre a possibilidade de

---

6 TARKOVSKIAEI, Andaei Arsensevich. **Esculpir o Tempo**, 2. ed., São Paulo: Martins Fontes; 1998, p. 65-66.

7 GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34; 2006, p. 97.

8 SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A Escritura da Memória: Mostrar Palavras e Narrar Imagens**. Terceira Margem, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ / Faculdade de Letras, Ano VI, nº 7; 2002, p. 104.

outras pessoas, que tenham acesso ao texto escrito nas excicatas, imaginarem uma outra planta que tenham conhecido, e depois, vendo a imagem, também tecerem narrativas de uma experiência que tenham vivido ou ouvido falar.

A construção dessas “*Excicatas Mnemônicas*” envolveu um processo de impressão, que denominei “*Gravura de Vestígios*”, obtido através de uma matriz de argila, tendo como suporte a parafina. Essa impressão é, no meu entendimento, muito similar aos procedimentos envolvidos no fazer da gravura, tanto os mecânicos como os emocionais. Ao obter as cópias em parafina, a surpresa e a expectativa são iguais às do momento em que retiro a primeira prova de estado de uma xilogravura ou de uma gravura em metal.

Dois tipos de imagem são obtidos nos procedimentos da “*Gravura de Vestígio*”. Uma é um baixo relevo, resultante do encriptamento do exemplar da planta na parafina. É um negativo, ou a representação do vestígio primal da memória. No verso dessa placa está grafado, à mão, o texto da memória afetiva relatada sobre o vegetal. Essa placa é a “*Excicata Mnemônica*”, onde está impresso o primeiro vestígio do vegetal, e representa a memória. É ela que vai ficar arquivada no “*Herbário Mnemosine*”.

A outra imagem, obtida do processo da “*Gravura de Vestígios*”, é o resultado da impressão deixada pelas marcas da planta na matriz de argila, que são passados para a parafina, porém de forma inversa. Essa impressão é uma imagem em positivo, um alto relevo, e ela representa a lembrança, uma duplicata que faz recordar a memória original. A duplicata está colocada em uma pequena caixa vitrine e será oferecida como lembrança para a pessoa que cedeu a memória afetiva daquela planta. Nessa pequena caixa não existe texto, pois a simples visão da representação da imagem em parafina da planta escolhida é capaz de evocar, na memória do doador, toda a vivência ali representada. Partimos do pressuposto que a imagem tem o poder de recuperar as informações e sensações vivenciadas no passado.

O conjunto formado por todas as plantas e textos transcritos para as

“*Exsicatas Mnemônicas*” compõe a coleção “*Mnemoteca – Biblioteca de Testemunhos*”, que está arquivada no “*Herbário Mnemosine*”, (fig. 01) um armário/arquivo com gavetas/vitrines, identificadas alfabeticamente, onde as placas de parafina possuem um papel amalgamador, dando unidade ao trabalho. As exsicatas, que podem ser vistas e foram concebidas para serem manipuladas, estão estocadas em compartimentos que funcionam como lugares-arquivo, identificados com números. Essa forma de organização, que coloca no mesmo local a imagem e a escritura verbal, lembra os procedimentos da mnemotécnica, a clássica arte da memória, técnica inventada pelos gregos que possibilita o desenvolvimento da capacidade de memorização, valendo-se da seleção de lugares (*loci*) e formação de imagens mentais (*imagens agentes*).



Figura 1 — Herbário Mnemosine 2007/2008

Foto: Patrícia Faria, 2008

Para promover o acesso às “*Exsicatas Mnemônicas*”, foi necessário estabelecer um modelo de arquivamento e para tal tomei emprestado duas formas de organização. Uma delas é uma organização alfanumérica que possibilita a identificação e seleção das “*Exsicatas Mnemônicas*”. O “*Herbário Mnemosine*” possui dez gavetas/vitrines, identificadas de A a J. Cada gaveta foi subdividida em compartimentos — caixas-arquivo — numerados, onde estão depositadas as “*Exsicatas Mnemônicas*”. Estes pequenos escaninhos, identificados pelo código

alfanumérico, representam o lugar da memória e, através de etiquetas ali fixadas, com todos os dados referentes à placa mnemônica ali arquivada, é possível identificar, retirar e manipular as memórias ali guardadas.

Outra forma de arquivamento é a utilizada pela Botânica para classificar os seres vivos do reino vegetal: a taxonomia botânica<sup>9</sup>. Com uma estrutura similar elaborarei uma “*taxonomia mnemônica*”, específica para os participantes da pesquisa. Os indivíduos consultados foram catalogados e agrupados segundo uma ordem pré-estabelecida, que dependia de sua procedência. Como na ordenação Botânica foram estabelecidas categorias: **Reino, Família, Tribo, Gênero e Espécie**.

**Reino** é o nome do indivíduo que doou a memória afetiva, e aparece em primeiro lugar, tanto na etiqueta de classificação das “*Exsicatas Mnemônicas*” como em todos os registros do “*Herbário Mnemosine*”.

**Família** foi definida como o conjunto de indivíduos procedentes de um mesmo meio. Para o “*Herbário Mnemosine*” separei duas grandes famílias: **dos Amigos e dos Parentes**

1. **Família dos Amigos:** Esta classe de indivíduos é formada pelos grandes amigos que fiz até hoje, com os quais me relaciono no meio pessoal, artístico, profissional, ou acadêmico. A Família dos Amigos está subdivida em seis **Tribos:**

- 1.1. **da UnB:** aqueles que fizeram parte da minha jornada na UnB – Universidade de Brasília;
- 1.2. **da Unicamp:** aqueles com os quais mantenho contato na Unicamp;
- 1.3. **das Gerais:** aqueles incorporados durante minha passagem por Minas Gerais;

---

9 Desde a segunda metade do século XVIII, a taxonomia biológica tem sido considerada uma ciência de grande importância para o colecionamento, identificação, descrição e estudos da biologia.

- 1.4. **do Planalto:** aqueles que tive a oportunidade de conhecer e de conviver em Brasília;
- 1.5. **da Mantiqueira:** aqueles conquistados pela convivência nas cidades do Sul de Minas;
- 1.6. **da Vida:** as pessoas amigas, das mais diversas partes do Brasil.

2. **Família dos Parentes:** é o grupo de parentes, meus e do meu conjugue; irmãos, primos de primeiro e segundo grau, filhos e agregados, que foram separados em duas **Tribos:**

- 1.2. **dos Ribeiro e Herméto:** os parentes adquiridos pelo casamento
- 1.3. **dos Sanches e Faria:** os parentes de sangue e agregados

**Gênero** é a identidade sexual de cada uma das pessoas que doou sua memória afetiva, identificados com os seus respectivos símbolos – feminino (♀) ou masculino (♂).<sup>10</sup>

**Espécie** é o nome científico da planta indicada na memória afetiva, seguido de seu nome popular.

Os doadores das memórias também receberam um número que representa a seqüência numérica do envio das memórias em ordem crescente. Como exemplo, cito a memória afetiva de Clara Barreiro. Sua identificação é: **B09/50**, que representa a exsicata que está arquivada na Gaveta B (Família *Amigos*, tribo *da UnB*), compartimento 09 e a quinquagésima pessoa que enviou a memória afetiva.

---

10 Foi o biólogo Carl von Lineu que começou a prática de se utilizar os símbolos de ♂ (lança e escudo) Marte e ♀ (espelho de mão) Vênus como símbolos de masculino e feminino.

---

*Amigos da UnB, ♀, Delonix regia (Bajer ex Hook.), Flamboyant*

---

Recordei-me do cheiro das palhas de arroz secas...  
brincadeira de esconder... férias em terra natal.  
recordei-me dos pés de milho... generosos grãos dourada espiga...  
quitutes em mutirão... justa separação do trabalho.  
recordei-me do perfume da almécega...  
sagrado banho no rio de ouro... olhos rasos d'água.  
mas ela sempre teimava em estar lá...  
a postos, exuberante, frondosa  
na cancela que nos abria o pomar.  
corríamos da porta da casa  
atravessando o curral sem ser notados pelas vacas  
curto perigo!  
nos gramados de ruas eixo lá estava ela...  
florida, hipnótica, generosa  
impossível não perceber  
as gotas de leite em meio ao sangue das pétalas  
fusão ímpar de cor e forma.  
no campus universitário...  
antevendo o que viveria em saudosos bons tempos estudantis  
exibia-se ela escandalosa, abundante, suave e firme  
passeava não uma, mas várias de mãos dadas  
flamboyants vermelhos "no desmantelo da tarde" (com licença Alceu Valença)  
vou abraçar uma irmã sua hoje.

---

Uma intensa pesquisa interdisciplinar está por trás da construção das “*Exsicatas Mnemônicas*”. Foram necessárias várias experimentações em busca de soluções para definir o novo fazer. Os conhecimentos e experiências adquiridos pela minha formação em escultura e em gravura, e pela prática artística com os materiais inerentes a essas produções visuais, nortearam a procura de um “caminho do meio” que pudesse unir essas duas mídias visuais, criando um gravura com relevos escultóricos a qual denominei “*Gravura de Vestígio*”.

## 1.2. A Gravura de Vestígios

Desde 2005 venho pesquisando uma técnica que denominei “*Gravura de Vestígios*” (fig. 2), para mim uma derivação do que é, no meu entendimento, a gravura. Trata-se de um procedimento onde uma *matriz*, uma placa de argila,

recebe *gravações* de materiais diversos através da pressão da mão ou de um rolo; as impressões inseridas na argila são transferidas para a parafina, que é o suporte final.

A forma definitiva da “*Gravura de Vestígios*” foi obtida depois de exaustiva pesquisa. No início, a única certeza era o uso da parafina como suporte final, porque é um material que me encanta por sua natureza moldável e “quente”, mas faltava um material melhor que possibilitasse a impressão e a cópia dos vestígios escolhidos, sem danificar a gravação. Vários materiais foram pesquisados para servir de matriz e o que se mostrou mais adequado aos meus propósitos, e que apresentou mais respostas positivas, foi a argila. Ela é extremamente plástica e agrega a umidade necessária e suficiente para desmoldar a parafina.



Figura 2 — Vestígios da Memória III, 2005, Gravura de vestígio  
Foto: Patrícia Faria, 2005.

O fazer da “*Gravura de Vestígios*” é um procedimento de criação artística que envolve algumas etapas, práticas e materiais específicos que descrevo a seguir.

**Materiais:**

1. material para impressão do vestígio;
2. argila;
3. parafina granulada;
4. corante, verniz e solvente próprios para parafina;
5. pano de limpeza;
6. utensílios: fogão, panelas de diversos tamanhos, rolo de abrir massa, coador de metal, funil, pincéis, faca e estilete, formas de cortar bolo com medida e forma variável, copos e colheres de medida, recipientes de plástico, spray borrifador de água;
7. tecidos de malha de algodão.

**Etapas:**

O primeiro passo é selecionar o material do qual se quer obter o vestígio, que pode ser de qualquer natureza. No exemplo que demonstro nas fotos a seguir, utilizei partes separadas de hibisco, planta com grandes flores e folhas com veios bem marcados. Com o original (material escolhido para impressão dos vestígios) em mãos, o próximo passo é abrir a argila com o rolo de abrir massa, em uma placa de aproximadamente 1 cm de espessura, com a ajuda do tecido de malha de algodão molhado. Esse procedimento é importante porque o tecido úmido mantém a argila hidratada, o que facilita a desmoldagem da impressão. Deve-se, então, dispor o material escolhido sobre a argila, e cobri-lo com o tecido úmido e passar o rolo, sem pressionar muito, para facilitar a sua aderência à argila. (fig. 3).



Figura 3 — Hibisco pressionado com o rolo de massa na argila  
Foto: Patrícia Faria, 2006.

A etapa seguinte é selecionar a forma de cortar bolo, com o formato e o tamanho mais adequado e colocá-la de modo a melhor conter o material escolhido (fig. 4). A seguir, despejar a parafina aquecida e liquefeita, já colorida com o corante próprio, dentro da área delimitada pela forma (fig. 5).



Figura 4 — Planta delimitada pela forma de cortar  
Foto: Patrícia Faria, 2006.

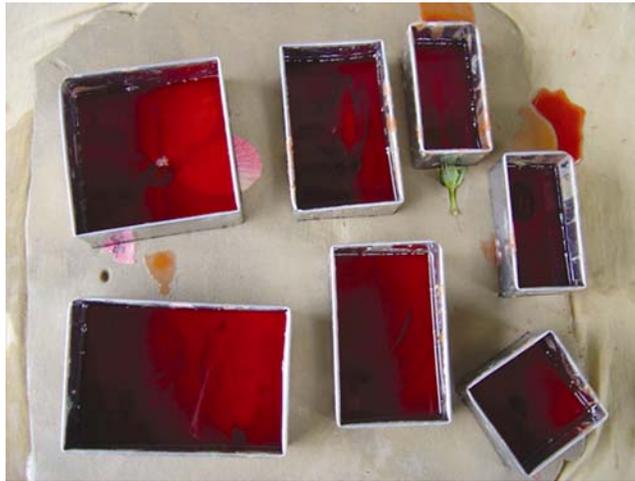


Figura 5 — Formas com a parafina colorida ainda liquefeita  
Foto: Patrícia Faria, 2006.

A parafina deve estar em temperatura não superior a 45 graus, para que não ferva ao entrar em contato com a superfície úmida da argila e estrague a produção. Se houver necessidade de hidratar um pouco mais o conjunto, antes de verter a parafina, borrifar levemente com água. Esperar esfriar e endurecer e somente depois retirar a placas de parafina da forma (fig. 6). Essa primeira placa conterà a impressão em baixo relevo e será exemplar único daquele modelo. Na sua maioria o material selecionado como modelo fica aderido na parafina, impossibilitando que outras placas iguais a essa primeira sejam retiradas.

As outras cópias, que denominamos “duplicatas”, são retiradas a partir dessa etapa. O primeiro passo é recolocar a forma no mesmo lugar em que estava na etapa anterior (fig. 7), borrifar um pouco de água sobre a argila para manter a umidade, aguardar que o excesso de água seja absorvido e então verter novamente a parafina liquefeita e colorida dentro dos recipientes (fig. 8). Se, eventualmente, algum material ficar preso na argila, ele deverá ser retirado com cuidado para não estragar a impressão que nela ficou marcada. Esperar esfriar e endurecer a parafina, para depois retirar a forma (fig. 9). Essa duplicata terá como resultado uma placa com a impressão em alto relevo, podendo-se retirar até três

exemplares que serão praticamente iguais, se houver o cuidado de umedecer a argila antes de cada aplicação de parafina.



Figura 6 — Primeira placa retirada  
Foto: Patrícia Faria, 2006.

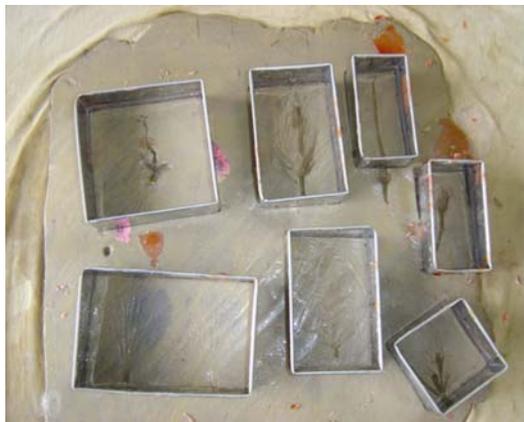


Figura 7 — Impressões na argila que serão novamente retiradas  
Foto: Patrícia Faria, 2006.

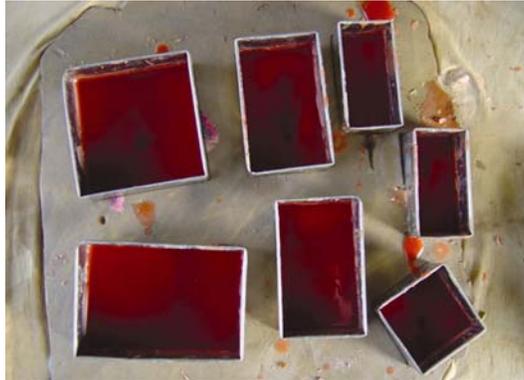


Figura 8 — Parafina colocada dentro dos moldes  
Foto: Patrícia Faria, 2006.



Figura 9 — Duplicatas. Foto: Patrícia Faria, 2006.

Depois de cumpridas as etapas de construção das placas, deve-se fazer com que os baixos e altos relevos se sobressaiam, utilizando uma tinta feita a partir de verniz próprio para parafina, misturado ao corante. Depois de passada a tinta, o excesso deve ser retirado com um pano seco (fig. 10, 11 e 12). Outros efeitos de pintura podem ser obtidos empregando-se o corante em pó diretamente por cima do verniz quase seco.



Figura 10, Figura 11, Figura 12 — Procedimentos finais: pintura  
Foto: Patrícia Faria, 2006.

Na coleção preparada para o herbário que é o objeto deste trabalho, a primeira imagem retirada é sempre uma gravura única, em baixo relevo, e as cópias em alto relevo são as duplicatas, não necessariamente idênticas.

Fazendo uma analogia com a teoria da memória, considero a primeira gravura, em baixo relevo e obtida através dos procedimentos da “*Gravura de Vestígios*”, como a memória original, e as cópias do primeiro vestígio, as duplicatas, como lembranças da memória original. Fica assim caracterizado o fato que a memória original é um fato único; mas possibilita várias recordações.

A “*Gravura de Vestígios*” tornou possível transformar algo abstrato que não podíamos conter fisicamente — a memória — em um objeto concreto — as “*exsicatas mnemônicas*” — assentado em um espaço no qual a memória pode ser ancorada, o “*Herbário Mnemosine*”.

## Capítulo 2. COLECIONISMO E ARQUIVAMENTO

### 2.1. História das Coleções

“O que leva alguém a gastar dinheiro e tempo para adquirir selos, borboletas, bonecas antigas, livros raros, e colocá-los num álbum, numa vitrine, numa estante ou num armário? O que está por trás da necessidade de possuir e manter objetos?”<sup>11</sup> Philipp Blom afirma que colecionar é um *hobby* que aponta, não só para aspectos históricos, como também para fenômenos existenciais e psicológicos.

A tradição de colecionar objetos é antiga; entretanto, assume diferentes características ao longo do tempo, variando de acordo com a evolução do conhecimento em cada momento histórico. Sua gênese, de acordo com Vera Regina Luz Greco<sup>12</sup>, está na coleção de objetos utilitários que o homem primitivo precisava possuir em seus deslocamentos. Havia uma razão prática que, com o passar dos tempos, se transformou.

Na antiguidade as coleções eram privilégio de reis, imperadores e grandes senhores. Sabe-se que Tutankamon colecionou cerâmicas finas; que o Faraó Amenhotep III era apaixonado por esmaltes azuis e que Caio Júlio Verres, quando governador da Sicília, saqueou a ilha e seus templos em busca de obras de arte para a sua coleção. Entretanto, “é difícil determinar a estrutura e particularmente a função de antigas coleções, assim como a mentalidade que as produziu.”<sup>13</sup> O que podemos verificar durante todo o percurso da história do colecionismo é que sempre existiu, e permanece até hoje, o desejo de preservar um patrimônio para o futuro.

As primeiras coleções que possuem registro formal no ocidente são os

---

11 BLOM, Philipp. **Ter e Manter**. Rio de Janeiro: Record; 2003, orelha do livro.

12 GRECO, Vera Regina Luz. **Colecionismo: o desejo de guardar**. Disponível em: <<http://www.escriitoriodolivro.org.br/historias/colecionismo.html>>. Acesso em: 04 out. 2007.

13 BLOM, Philipp. **Ter e Manter**. Rio de Janeiro: Record; 2003, p. 267, nota nº 4.

*studioli* italianos<sup>14</sup>, do século XIV. Eram salas privadas, construídas para abrigar tesouros e relíquias, geralmente objetos de interesse de príncipes, da Igreja e governantes da Idade Média<sup>15</sup>, objetos esses oriundos de um passatempo, de uma “diversão que às vezes beirava a paixão avassaladora”, cita Blom.<sup>16</sup> O que se pode inferir é que, desde o seu início, o colecionismo vincula-se à idéia de posse, de propriedade. Possuir objetos raros e exóticos, de grande beleza ou valor, aumentava o poder, o prestígio e, também, a fortuna de seus proprietários.



Figura 13 — Philipp Hainhofer, Kunstschränk de Gustavo Augusto —  
Museu da Universidade de Uppsala.  
Fonte: Blom, 2003, p. 52.

---

14 “Oliveiro Forza, em Treviso, [província italiana da região do Vêneto, foi o dono do primeiro studiolo que há registro em 1335.” BLOM (1003), p. 33.

15 “Conhecemos relativamente poucos colecionadores medievais; os maiores foram, certamente, Jean, duque de Berry, que reuniu e encomendou obras de arte, livros e pedras preciosas.” BLOM (2003), p. 267, nota nº 6.

16 BLOM, Philipp. **Ter e Manter**. Rio de Janeiro: Record; 2003, p. 33.

Os armários dos colecionadores mais ricos ostentavam chifres de unicórnios, dragões ressecados com formas bizarras e assustadoras, crânios de estranhos pássaros e mandíbulas de peixes gigantes, aves empanadas das cores mais extraordinárias, e partes de outras criaturas, ainda não identificadas, que pareciam pairar entre a realidade e o mito.<sup>17</sup>

A atividade de colecionar disseminou-se a partir do século XVI, principalmente na Holanda, motivada pelo grande comércio local. Grandes coleções da realeza e da aristocracia continuaram sendo fomentadas, mas, naquele momento histórico, pessoas com menor poder aquisitivo e sem grandes ambições intelectuais iniciaram suas coleções, alimentadas principalmente pelo acesso a objetos comercializados com as Índias Ocidentais. Os portos de Amsterdã e Roterdã encheram-se de objetos exóticos e curiosidades, por vezes tratadas “em circunstâncias menos dignas”<sup>18</sup>. Blom relata sobre um anúncio publicado no *Amsterdamse Courant*, de 11 de outubro de 1695, prometendo recompensa para quem achasse uma arca de marinheiro que havia sido roubada e que continha, além de roupa suja, diversas preciosidades. Como consequência dessa admiração e busca febril por coisas exóticas, surgiu o armário de curiosidades (fig. 13), peça obrigatória nas salas dos burgueses das cidades holandesas.

“Os objetos [nestes armários] eram dispostos nas gavetas como intrincadas alegorias representando o mundo animal, vegetal e mineral, os quatro continentes e a amplitude das atividades humanas”<sup>19</sup>. Eram ali armazenados, também, objetos com qualidades mágicas, antídotos contra venenos, como o Bezoar, uma formação calcária do estômago de cabras, (nenhum príncipe viajava sem levar um na bagagem), além de afrodisíacos e outras substâncias misteriosas, como a *terra sigillata*, um barro fino que tinha propriedades mágicas.

---

17 BLOM, Philipp. **Ter e Manter**. Rio de Janeiro: Record; 2003, p. 50-51.

18 Ibidem, p. 269, nota 23.

19 Ibidem, p. 31.

Entre 1600 e 1740 só em Amsterdã, foram registrados cerca de 100 armários particulares de curiosidades, preenchidos por objetos que acompanhavam a preferência e o poder aquisitivo do seu dono. A maioria destas coleções, informa Blom, foi estabelecida depois de 1650, mas já por volta de 1585 armários individuais já eram conhecidos, representando um “microcosmo a portas fechadas”.

A variedade de objetos coletados já no começo do século XVII é impressionante, e reflete a dimensão do império comercial holandês: de armas, porcelanas e caligrafias japonesas, os artigos registrados em armários holandeses tinham origem em entrepostos de um mundo mercantil que incluía China, Índia, Austrália, regiões africanas diversas (...), Caribe, as Américas do Norte e do Sul, Egito, Oriente Médio e até mesmo Groenlândia e Sibéria.<sup>20</sup>

No século XVI a Itália conheceu grandes colecionadores: Francesco Calceolari, em Verona, Androvandi em Bolonha, Athanasius Kircher no Vaticano, entre outros não menos importantes, que formaram coleções catalogadas e classificadas com o objetivo de servirem de instrumentos para o conhecimento enciclopédico, seguindo a tendência do período. A ilustração de 1622, (fig. 14) mostra uma cena que permite ao observador viajar séculos dentro do Museu Francesco Calceolari.

Ilustrações destes armários de maravilhas mostram quartos transformados em imagens das riquezas e estranhezas do mundo. Eram projetados como expansões dos armários que derivavam: guarda louças pequenos, às vezes ricamente decorados, com portas, gavetas e uma multidão de compartimentos destinados a conter camafeus, moedas, estatuetas, pedras preciosas.<sup>21</sup>

---

20 BLOM, Philipp. **Ter e Manter**. Rio de Janeiro: Record; 2003, p. 41.

21 Ibidem, p. 50.

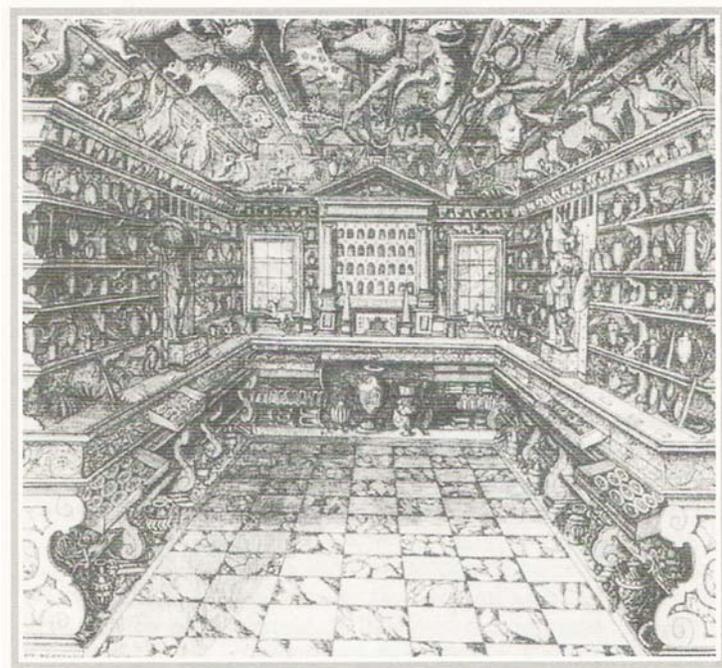


Figura 14 — Museu de Francesco Calceolari, gravura — Biblioteca National da França  
Fonte: Blom, 2003, p. 54.

Com a explosão da atividade científica iniciada no Renascimento, intensificada a partir da segunda metade do século XVI, e acrescida da expansão do conhecimento para além das fronteiras dos mosteiros, as coleções transformaram-se em instrumentos de aprimoramento do conhecimento científico.

[O] novo espírito de indagação renascentista era estimulado por estudiosos e amadores, e não por padres e filósofos antigos, e pela primeira vez aceitou-se a idéia de que o mercado de peixes era um lugar melhor para adquirir conhecimentos do que uma biblioteca. Era mais provável que pescadores capturassem em suas redes espécimes raros e maravilhosos, e soubessem discorrer sobre os seus hábitos e nomes, do que qualquer quantidade de manuscritos latinos.<sup>22</sup>

Blom cita que foram relacionadas 968 coleções, entre 1556 e 1560, nos Países Baixos, Alemanha, Áustria, Suíça, França e Itália. A maior parte dos

---

22 BLOM, Philipp. **Ter e Manter**. Rio de Janeiro: Record; 2003, p. 32.

colecionadores trocava informações através de correspondências e discutia sobre como organizar as suas coleções. Esses argumentos eram apresentados em livros e o “mais influente deles é o *Inscriptiones vel tituli*, de Quiccheberg, de 1565, que distinguia cinco ordens de objetos: *artificialia*, *naturalia*, trabalhos de perícia profissional, objetos mecânicos e diversa”<sup>23</sup>. Inúmeras coleções de *naturalia*, de animais, plantas e minerais, floresceram por toda a Europa, facilitadas pela imensa riqueza gerada pelos impérios comerciais — as repúblicas holandesa e veneziana. O comércio de artigos mais baratos e acessíveis foi incrementado em função das explorações marítimas e o desenvolvimento de um sistema bancário mais sofisticado explica a aceleração na troca de bens.

Até esse período o que importava à maioria dos colecionadores era que seus gabinetes estivessem repletos de objetos maravilhosos e criaturas extraordinárias, que pudessem fazer com que suas coleções suplantassem a morte e constituíssem testamentos para as futuras gerações. A classificação era feita sem a preocupação com uma sistematização universal e, por vezes, de forma caótica.

Enquanto muitas dessas raridades eram usadas para diversão e para serem exibidas, outros colecionadores se empenhavam em estudar metodicamente e usavam suas coleções como repositórios de conhecimento, comparação e enciclopédias.<sup>24</sup>

Uma das maiores coleções que a Europa viu foi a pertencente à de Sir Hans Sloane, e seu acervo foi de fundamental importância tanto para o Museu de História Natural de Londres, quanto para o Museu Britânico.

Hans Sloane formou-se em medicina e em 1687 aceitou o cargo de médico na Jamaica, acompanhando o duque de Albermale, que tinha sido nomeado governador. Sloane era um colecionador dotado de enorme curiosidade

---

23 BLOM, Philipp. **Ter e Manter**. Rio de Janeiro: Record; 2003, p. 269, nota 22.

24 Ibidem, p. 41.

e a estadia no exterior ofereceu-lhe a oportunidade de explorar a natureza e estudar plantas e drogas estrangeiras. O que não podia ser seco ou embalsamado era registrado através de desenhos por artistas contratados por ele. De volta a Londres tornou-se muito bem sucedido em sua profissão, mas não abandonou sua coleção; pelo contrário, incrementou-a com a compra de raridades e coleções inteiras de onde retirava as melhores peças para incorporar ao seu acervo. William Courten, botânico da Companhia das Índias Orientais, em 1702, doou a Sloane sua coleção de espécimes, forçando-o a buscar outras acomodações para sua coleção, que já ocupava onze quartos grandes, com armários ordenados de acordo com a espécie dos objetos que continham. No final de sua vida, já doente, o médico colecionador decidiu legar seus tesouros à Real Sociedade de Londres. O Museu Britânico naquele momento acabava de nascer. “Sloane foi provavelmente o último dos colecionadores ‘universais’, um homem que se ergue no vértice da velha tradição de gabinetes de curiosidades e da nova maneira de colecionar cientificamente e da classificação metódica,” conclui Blom<sup>25</sup>.

Já na época em que Sloane viveu, o ato de colecionar sofrera uma brusca mudança de natureza. O Iluminismo e o surgimento das academias, onde estudiosos se reuniam para discutir e compartilhar suas pesquisas, conduziram a formas mais metódicas de abordar o mundo material e a formas mais especializadas de colecionar. A ambição de colecionar tudo que fosse digno de nota (...) cederia vez a uma divisão de disciplinas, e dentro delas um novo projeto surgiu: a classificação completa da natureza e, finalmente, da arte.<sup>26</sup>

A nova visão do mundo que surge com a Revolução Científica virou pelo avesso a abordagem vigente até então. O objetivo passou a ser a classificação de todas as coisas do mundo dentro de um grande sistema que fosse capaz de incorporar em sua lógica, tudo que existisse entre a terra e o céu. O conhecimento tornou-se compartilhado pelo debate nas academias e

---

25 BLOM, Philipp. **Ter e Manter**. Rio de Janeiro: Record; 2003, p. 106.

26 Ibidem, p. 107.

universidades. As peças de Arte e Ciência que até aquele momento ficavam misturadas nas coleções, foram separadas gerando outras classificações por temas, tanto nos gabinetes de ciências quanto nos de arte, atendendo a esse movimento em busca de uma ordem racional e metódica.

Este processo de racionalização fez o movimento colecionista, que era motivado pelo prazer de possuir um objeto de desejo, entrar em decadência. Esses colecionadores foram chamados de amadores ou curiosos e o colecionismo adquiri um caráter mais fetichista, e até mais comercial, de acordo com o interesse de cada colecionador. Até hoje é possível encontrar colecionadores com uma dessas características.

Por seu turno, o empenho de colecionadores imbuídos do espírito científico facilitou e proporcionou, no século XVIII, o surgimento de instituições de pesquisa botânica e zoológica por toda a Europa.

Carl Lineu, zoólogo, botânico e médico, foi um dos colecionadores preocupados com a nova forma de olhar o mundo através do pensamento científico. Fundador da Academia Real das Ciências da Suécia; criou a nomenclatura binominal — a taxonomia biológica — e a classificação científica que mudou completamente a forma de pesquisa da natureza. (O seu papel de pesquisador será abordado na próxima seção).

Vários e famosos colecionadores por toda a Europa, como Johann Wolfgang Von Goethe, Charles Darwin e Carl Friedrich Philipp von Martius, (dele falaremos com mais detalhes no capítulo sobre as Coleções Botânicas Brasileiras), escreveram a história das coleções com fatos interessantíssimos e, se fosse esse o foco necessitaríamos de várias páginas para relatar sobre a coleção de cada um. O que pretendemos, através deste breve relato, é mostrar que as coleções são importantes para a preservação da memória e que o ato de colecionar está intimamente ligado ao desenvolvimento da pesquisa científica, principalmente o desenvolvimento da Botânica.

Concordo com Philipp Blom: as coleções “procuram afastar [da morte,

objetos, pessoas, utensílios, etc.] construindo fortalezas de lembrança e permanência”<sup>27</sup>, ele ainda afirma que cada coleção é um teatro de memória, “uma *mise-em-scène* de passados pessoais e coletivos”. Fundamentalmente é isto que o “*Herbário Mnemosine*” vai buscar. Por intermédio do acervo da sua coleção “*Mnemoteca – Biblioteca de Testemunhos*” procuramos tornar possível a comunhão entre o mundo que está dentro e o que está além de nós.

## 2.2. Coleções Botânicas

Botânica (do grego *botáne*: planta, vegetal) é a parte da Biologia que estuda e classifica os vegetais considerando a sua forma, estrutura e composição, agrupando-os em categorias de acordo com a semelhança de suas características.

Os primeiros biólogos faziam classificações empíricas, baseadas em apenas alguns caracteres dos vegetais, como estrutura da folha, maior ou menor desenvolvimento do caule, tipos de corola, número de estames, etc. Com o passar do tempo a classificação e catalogação de espécies sofreu modificações e aprimoramentos. Com o desenvolvimento da Química e da Física no século XVIII, os fenômenos biológicos puderam então ser esclarecidos, facilitando assim as classificações.

O primeiro sistema de classificação e identificação das espécies vegetais foi criado pelo naturalista sueco Carl von Lineu (1707-1778), baseado nos componentes de reprodução de cada planta. A importância de Lineu na história da Botânica é imensa. Teve o mérito de criar uma espécie de catálogo onde registrou grande parte das plantas conhecidas nos dias de hoje, dando-lhes dois nomes: o primeiro representando o **gênero**, e o segundo a **espécie**,<sup>28</sup> utilizando o latim como idioma para padronizar os nomes das espécies em todo o mundo.

---

27 BLOM, Philipp. **Ter e Manter**. Rio de Janeiro: Record; 2003, p. 211.

28 Dessa forma, o nome científico da banana, por exemplo, é *Musa paradisiaca* L. — *Musaceae*. gênero *Musa*, espécie *Musa paradisiaca*, catalogada por: Lineu. MINHOTO, Miguel José; disponível em <<http://www.botanicasp.org.br/educacao/historico.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2006.

Desde Lineu, na segunda metade do século XVIII, a taxonomia biológica tem sido considerada uma ciência de grande importância para o colecionamento, identificação, descrição e estudos da biologia do táxon<sup>29</sup>, além de suporte indispensável para a emissão de laudos sobre a biodiversidade.

Os documentos que certificam a diversidade e a riqueza da flora de uma determinada região ou país encontram-se depositados em coleções botânicas, que são bancos de materiais da natureza (espécimes ou exemplares). As coleções botânicas são imprescindíveis para o estudo do planeta. Elas documentam a existência de espécimes em um determinado tempo e espaço e são indispensáveis para as pesquisas taxonômicas e filogenéticas para a identificação precisa das espécies.

As coleções botânicas podem ser vivas ou preservadas. Os jardins botânicos são exemplos de coleções vivas, assim como os herbários, com todas as suas coleções associadas (xilotecas: coleção de madeiras; carpotecas: coleção de frutos e sementes; palinoteca: coleção de pólen, etc.), são exemplos de coleções preservadas. Eles são ferramentas imprescindíveis para o trabalho dos taxonomistas e apoio indispensável para muitas outras áreas do conhecimento.

O Herbário é a coleção botânica preservada que interessa nesta dissertação. Ele guarda a memória da biodiversidade do planeta, constrói uma fortaleza de lembranças e permanência dos espécimes botânicos. Fazendo um paralelo com os herbários botânicos, o “*Herbário Mnemosine*”, através da coleção Mnemoteca, vai ser o instrumento através do qual poderemos guardar e preservar do esquecimento as memórias de diversas pessoas relacionadas com plantas.

---

29 Táxon (plural *taxa*, em latim) é uma unidade taxonômica, associada a um sistema de classificação. Um Táxon (ou *taxa*) pode estar em qualquer nível do sistema: um reino é um táxon, assim como um gênero é um táxon, assim como uma espécie também é um táxon ou qualquer outra unidade de classificação dos seres vivos.

### 2.2.1. O Herbário

O Herbário é constituído de plantas desidratadas, registradas e organizadas em ordem alfabética, tendo por base um sistema de arquivamento e classificação botânica que permite o manuseio e a consulta científica.

A importância dos Herbários está no patrimônio botânico ali guardado. Eles são depositários de coleções-testemunhos referentes a diferentes floras de incalculável valor histórico, científico e cultural. De seu acervo podemos resgatar valiosos testemunhos e notáveis informações, pois em seus arquivos existe um amplo número de vegetais, muitos deles alterados ou mesmo extintos.

No século XIII surgiram os primeiros métodos para se manter a cor das flores em plantas desidratadas, embora sem qualquer intenção de ordená-las numa coleção científica. “Provavelmente foi o aprimoramento dessa arte de secar os vegetais ou partes deles que permitiu aos estudiosos da época, então denominados herbalistas, conservarem as plantas secas, que eram muito utilizadas para fins medicinais.”<sup>30</sup>

Pesquisas indicam que o precursor da organização de coleções de plantas secas com objetivo científico é Luca Ghini, professor de botânica em Bolonha e Pisa, no século XVI. Por volta de 1551 ele possuía um acervo de 300 espécimes. Relatos informam que, além de enviar plantas secas e coladas sobre papéis a outros pesquisadores, teria formado vários discípulos e difundido o método de conservação de plantas desidratadas possibilitando, assim, a formação de diversos herbários na Europa. É nesse período maneirista que se desenvolve a técnica de preservar um grande número de características das plantas vivas através da desidratação.

No início as amostras de plantas eram acondicionadas em caixas de

---

30 SILVA, Nilda Marquete Ferreira da e PESSOA, Solange de Vasconcellos Albuquerque. **Definição e importância do herbário.** In: O Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro: um expoente na história da flora brasileira. SILVA, Nilda Marquete Ferreira da e outros (org.), Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro; 2001, p. 25.

folhas de flandres (fig. 15), e somente mais tarde coladas e costuradas sobre o papel.



Figura 15 — Caixa de folha de flandres  
Fonte: Silva e outros.

Consta da grandiosa obra de Dioscorides, datada de 1553, a primeira referência publicada para um herbário, onde A. Lusitanus menciona que o inglês J. Falconer possuía uma coleção de plantas secas, costuradas e coladas com esplêndida arte, sob a forma de um livro.<sup>31</sup>

Essas primeiras coleções, organizadas sob a forma de livros (fig. 16), são preciosidades científicas. A coleção *Herbarium Vivum Brasiliense*, considerada o primeiro herbário sobre a flora do país, foi composta com exemplares colhidos no período de 1638 a 1644, em áreas do nordeste brasileiro, pelo naturalista G. Marggraf e foi apresentada em forma de livro. Ela encontra-se, hoje, depositada no herbário da Universidade de Copenhague/Suécia.

Com o passar dos anos os botânicos aperfeiçoaram a forma de ordenar

---

31 SILVA, Nilda Marquete Ferreira da e PESSOA, Solange de Vasconcellos Albuquerque. **Definição e importância do herbário.** In: O Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro: um expoente na história da flora brasileira. SILVA, Nilda Marquete Ferreira da e outros (org.), Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro; 2001, p. 25-26.

e apresentar as coleções e os dados sobre os vegetais. Nesse processo de aprimoramento, as exsicatas passaram a receber, além da etiqueta de identificação, anotações sobre suas características morfológicas e desenhos a lápis e a nanquim (fig. 17 e 18), no mesmo papel em que as plantas eram coladas.



Figura 16 — Coleções de algas organizadas sob a forma de livro, onde constam, geralmente, a amostra herborizada, a descrição morfológica e lamícula de mica contendo parte da organismo  
 Fonte: Silva e outros.



Figura 17 — Exsicatas representadas por desenhos, a nanquim ou a lápis  
 Fonte: Silva e outros.



Figura 18 — Exemplar de exsicata acompanhada de desenhos  
 Fonte: Silva e outros.

A preocupação em organizar as coleções botânicas pode ser percebida ao longo dos anos, pelas diferentes formas de apresentar, não só as plantas, mas também os dados referentes às espécies. Nos modelos mais antigos as primeiras exsicatas de plantas desidratadas coladas em papel eram enriquecidas com molduras artísticas ao longo das margens, possivelmente para valorizar a imagem da planta (fig. 19). Por vezes havia manuscritos a nanquim mencionando o local da coleta, o nome e características da planta. Esse modo ilustrativo de apresentação dos exemplares valorizava as coleções de época, e provavelmente influenciou a elaboração de etiquetas adornadas, algumas com delicados desenhos artesanais (fig. 20).

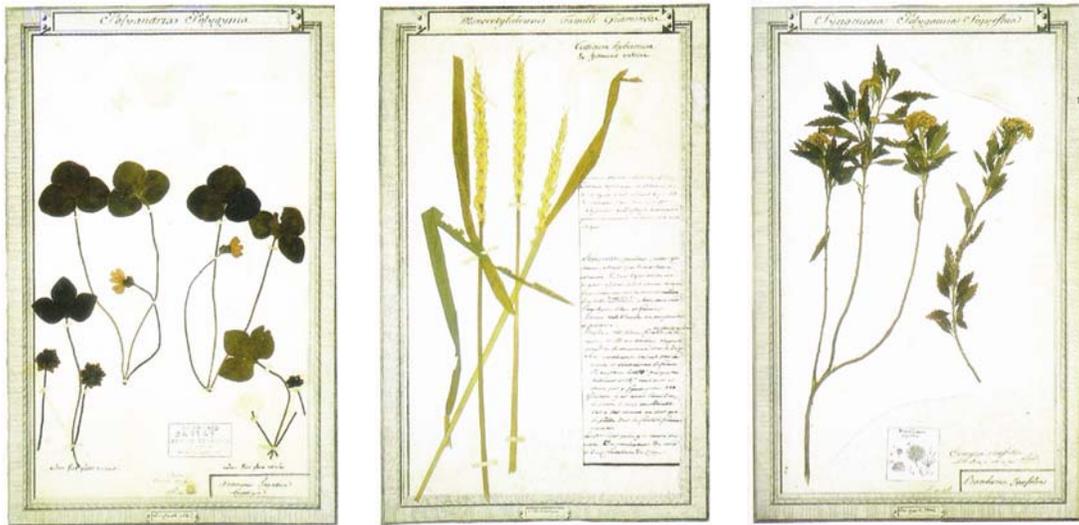


Figura 19 — Exsicatas  
 Fonte: Silva e outros.



Assim como as exsicatas, houve uma época em que as etiquetas também eram ornadas com diferentes tipos de molduras em torno das informações apresentadas.

Etiqueta totalmente manuscrita pelo próprio botânico ou coletor.

Figura 20 — Etiquetas  
 Fonte: Silva e outros

Atualmente os herbários têm as amostras dispostas sob a forma de exsicatas, onde o exemplar desidratado e fixado em papel cartolina é

acompanhado de uma etiqueta contendo dados sobre os vegetais, indicação precisa dos locais em que vivem, ambientes e suas características ecológicas, o nome do coletor, data de floração e frutificação, nomes e usos populares.

Milhares de informações estão contidas em um herbário e formam uma grande base de dados, um acervo científico dinâmico e constantemente atualizado sobre os recursos vegetais de diferentes partes do mundo.

Algumas coleções botânicas vêm sendo preservadas por séculos e desta forma permitem o acesso a sucessivas gerações de pesquisadores, possibilitando que o registro de diferentes opiniões seja documentado através de etiquetas próprias fixadas nas exsicatas. Essas amostras representam o testemunho do pensamento científico das diversas épocas e o registro de dados sobre a história da flora.

Norteados pela missão de instituição de pesquisa, os dirigentes dos herbários nacionais estão sempre implementando ações voltadas para a conservação do patrimônio natural do país. A permanente atualização dos Herbários é uma ação institucional primordial, pois garante que as informações sobre as inúmeras plantas ali armazenadas, estejam sempre ampliadas e disponibilizadas de modo ágil e abrangente.

Dentre os grandes herbários brasileiros, tanto pelo número de espécies quanto pela amplitude de suas coleções, destacam-se os herbários do Museu Nacional, do Instituto de Botânica de São Paulo, do Museu Botânico Municipal de Curitiba e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Ao contemplarmos sítios naturais preservados, temos a exata noção da grandeza da natureza, tamanha a diversidade ali encontrada. Isto nos leva a ter certeza de que podemos e devemos conservá-los para que um dia eles possam contar histórias das gerações passadas e proporcionar vivências às gerações futuras.

Assim como nos herbário botânicos a importância do “*Herbário Mnemosine*” está no seu acervo. As “*Exsicatas Mnemônicas*” documentam e

certificam a riqueza do imaginário humano. Cada uma revela singularidades e retrata um momento da história de cada participante.

### **2.2.2. Coleções Botânicas Brasileiras**

A aproximação entre arte e ciência ocorreu de muitas formas diferentes no decorrer da história, seja pela complementariedade ou pela influência que uma exercia sobre a outra. Leonardo da Vinci (1452-1519) afirmava que ciência e arte completavam-se, constituindo a atividade intelectual. Por um longo período a arte, principalmente o desenho e a pintura, foi parceira da ciência, auxiliando os pesquisadores em sua tarefa de descobrir, classificar e entender o mundo.

Com as Grandes Descobertas a necessidade de compreender e inventariar o que se encontrava para além dos limites do homem ocidental europeu se intensificou. De várias partes da Europa partiram expedições de cientistas para os lugares mais remotos, entre eles o Brasil, e na maior parte das vezes levavam em sua comitiva artistas que retratavam a natureza.

Uma das maiores obras botânicas de todos os tempos, referentes à riqueza natural brasileira, foi fruto de uma dessas expedições científicas. É a *Flora brasiliensis*, obra que impressiona até hoje pela sua escala monumental, pelo tamanho físico dos volumes e pela qualidade e beleza das suas ilustrações.

A *Flora brasiliensis* foi patrocinada pelo imperador Ferdinando I da Áustria, pelo rei Ludovico I da Baviera e pelo imperador Dom Pedro II do Brasil. Foi produzida na Alemanha, entre 1840 e 1906 pelos editores Carl Friedrich Philipp von Martius, August Wilhelm Eichler e Ignatz Urban, com a participação de 65 especialistas de vários países, muitos dos mais ilustres botânicos alemães e europeus da época.

A *Flora Brasiliensis* consiste de 15 volumes subdivididos em 40 partes, originalmente publicados na forma de 140 fascículos individuais. Descreve um total de 22.767 espécies, das quais 19.629 são nativas e 5.689 foram descritas

como novas. O texto contém 10.367 páginas e 3.811 litografias de altíssima qualidade, muito ricas em detalhes, que ilustram e são de grande ajuda na identificação de 6.246 espécies. Cinqüenta e nove pranchas ilustram paisagens e tipos de vegetação, a maioria acompanhada por uma descrição minuciosa do próprio Martius.

A colaboração entre o artista e o cientista pode ser verificada em muitas dessas pranchas. Nas figuras 21, 22, 23 e 24 é possível notar que as pranchas ilustradas foram adaptadas dos desenhos e pinturas de Thomas Ender, o artista que acompanhou a Missão Austríaca<sup>32</sup> durante o primeiro ano da viagem, mas que precisou voltar à Europa por problemas de saúde. Nas figuras 25, 26, 27 e 28 mostramos outros exemplos dessa parceria, com ilustrações do artista Benjamin Mary que também colaborou, com suas aquarelas, para a confecção das litografias publicadas na *Flora Brasiliensis*.

---

32 A Missão Austríaca é o nome dado à comitiva científica enviada pelo Imperador da Áustria Francisco I e pelo Rei da Baviera para uma viagem de estudos ao Brasil. A expedição foi uma consequência do contrato de casamento da arquiduquesa da Áustria, Dona Leopoldina, com D. Pedro de Alcântara, herdeiro da coroa portuguesa e primeiro imperador do Brasil.



Figura 21 — Modelo: Thomas Ender. *Estrada entre Jacareí e Aldeia da Escada, c. 1817*; lápis e sépia, 200 x 308 mm. Gabinete de Gravuras da Academia de Belas-Artes, Viena.  
Fonte: <<http://florabrasiliensis.cria.org.br>>



Figura 22 — Prancha VIII — *A floresta primitiva que sombreia a estrada entre Jacareí e a aldeia da Escada na Província de São Paulo*. Litografia, 1841.  
Fonte: <<http://florabrasiliensis.cria.org.br>>



Figura 23 — Modelo: Thomas Ender. *Vista dos campos de Mogi das Cruzes*, 1817; aquarela e lápis, 195 x 305 mm.  
Fonte: Heitor de Assis Júnior, 2004.



Figura 24 — Prancha V — *Campos chamados Gerais, perto de Mogi das Cruzes, na Província de São Paulo*. Litografia, 1840.  
Fonte: Heitor de Assis Júnior, 2004.

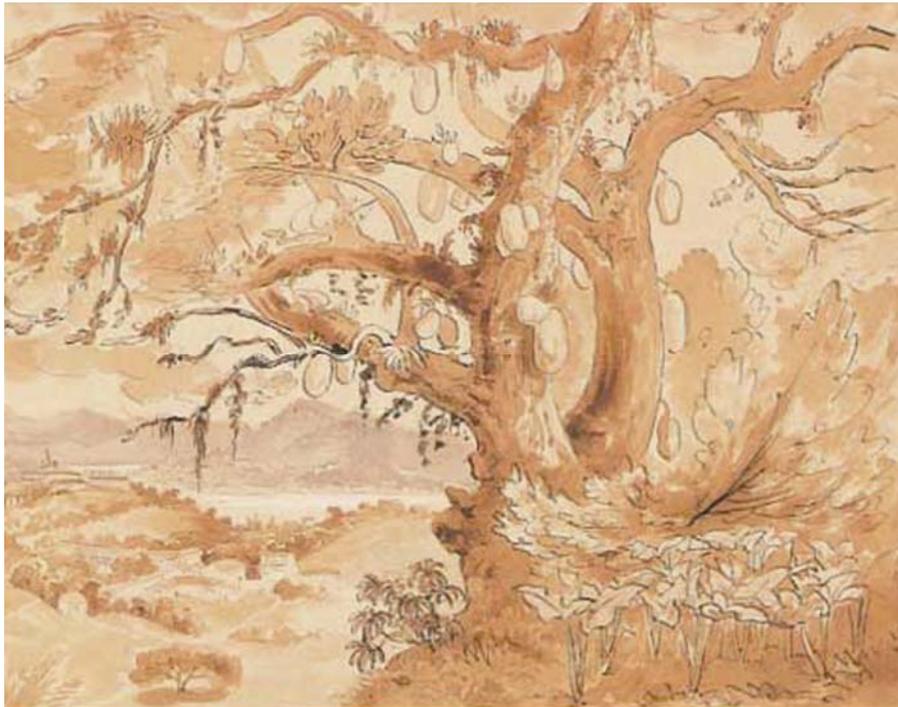


Figura 25 — Modelo: Benjamin Mary. *Brodbaum*, s.d. Aquarela e lápis, 194 x 318 mm.  
Fonte: <<http://florabrasiliensis.cria.org.br>>



Figura 26 — Prancha XXXI — *Artocarpus integrifolia* (jaqueira), de cuja sombra vê-se a baía e a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Litografia, 1847.  
Fonte: <<http://florabrasiliensis.cria.org.br>>



Figura 27 — Modelo: Benjamin Mary. *Mangues perto de Ubatuba, s.d*  
Sépie assinada B. Mary, 120 x 343mm. Fonte: Heitor de Assis Júnior, 2004.



Figura 28 — Prancha XII — *A floresta marítima de árvores vivíparas perto de Ubatuba, na província de São Paulo*. Litografia, 1842. Fonte: Heitor de Assis Júnior, 2004.

A história da *Flora Brasiliensis* começou com a grande viagem que Johann Baptist Ritter von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius<sup>33</sup> fizeram como integrantes da Missão Austríaca. Chegaram ao Rio de Janeiro no dia 15 de julho de 1817 e começaram uma viagem que percorreu 10.000 km durante um período de três anos abrangendo quase todos os principais tipos de vegetação do Brasil.

A expedição foi realizada sem nenhum acidente sério ou perda dos materiais coletados — algo incomum para expedições científicas naquela época — e conseguiram enviar para Europa a coleção inteira de 20.000 exsiccatas,

---

33 Ambos vinham da Baviera, região hoje pertencente à Alemanha. Johann Baptist Ritter von Spix, zoólogo nascido em Höchstädt (1781), coordenou a comitiva e Carl Friedrich Philipp von Martius, naturalista botânico, nascido em Erlangen (1794), foi seu companheiro de viagem.

contendo ao redor de 6.500 espécies de plantas, além de grande número de espécimes zoológicos e uma extensa coleção de artefatos das diferentes tribos de indígenas encontradas durante a viagem.

De volta a Munique, Spix e Martius iniciaram a publicação dos resultados da expedição, começando com o relato da própria viagem (*Reise in Brasilien*), mas a morte prematura de Spix, em 1826, deixou Martius sozinho com a tarefa de completar os últimos dois volumes além de ter assumido, também as tarefas de revisão e publicação dos resultados zoológicos, junto com suas próprias obras sobre as coleções botânicas. Em 1840, foi publicado o primeiro dos 140 fascículos que iriam compor a obra e somente em 1906, muito após a morte de Martius (1868), ela foi terminada por August W. Eichler e depois, Ignatz Urban como editores. O último fascículo foi publicado em abril de 1906 e um suplemento contendo ilustrações da família Rubiaceae, não publicadas anteriormente, foi lançado em 1915.

Cada ilustração traz uma descrição completa da espécie ali registrada, como demonstram as figuras 29, 30, 31, 32 e 33.



Figura 29, Figura 30 e Figura 31 — Vol. XIII, Part I, Fasc. 55, Prancha 88, 87 e 86

Fonte: <<http://florabrasiliensis.cria.org.br>>

**BIXACEAE.**

BIXINEAE, FLACOURTIANEAE, SAMYDEAE, HOMALINEAE *Acetl. DC. Prodr. I. 255. 259. II. 47. 53. Bartl. Ord. nat. 268. 269. 278. 281. Meisner. Gen. Pl. I. 18. 19. 72. 73.* — BIXACEAE, SAMYDEAE et HOMALINEAE *Endl. Gen. 916. 917. 922.* — FLACOURTIACEAE, SAMYDACEAE, HOMALACEAE et PANGIACEAE *Lindl. Veget. Kingd. 323. 327. 330. 742.* — BIXINEAE et SAMYDACEAE *Booth. in Journ. Linn. Soc. V. App. II. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100. 101. 102. 103. 104. 105. 106. 107. 108. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124.* — BIXINEAE et HOMALINEAE *Griseb. Fl. Brit. W-Ind. 20. 298.* — BIXACEAE et COCHLOSPERMACEAE *Triana et Planch. Ann. Sc. nat. IV. Ser. XVII. 90. 93., apud omnes auctores generibus quibusdam exclusis, aliis additis.* — Genera Cistorum et Tillaceae *affinis Juss. Gen. 293. 295.*

DICOTYLEDONEAE POLYPETALANTHAE APETALAEQUE, HYPOGYNAE AUT PERIGYNAE, FLORES SOLEMNITER ACTINOMORPHIS, HERMAPHRODITIS AUT ABORTU PREGAMIS V. DIOCIS. CALYX 2—7-MERUS, RARI SAEPISUS GAMPHYLLUS, PRAEFLOURATIONE PLQ. IMBRICATA. PETALA NULLA V. 5 FLURAVE, LIBERA, PRAEFLOURATIONE IMBRICATA, RARO CONTORTA. STAMINA INDEFINITA V. DEFINITA, HYPOGYNIA AUT PERIGYNIA. DISCUS HYPOGYNUS VARIUS, SAepe IN PROCESSUS GLANDULOSUS EVOLUTUS, RARIUS NULLUS. PISTILLUM SUPERUM, RARO SEMINIFERUM, 3—(1—8) CARPIDIATUM, PLACENTIS PARIETALIBUS, RARISSIME IN SEPTA COMPLETA EVOLUTIS, PLQ. MELTIOVELATIS. FRUCTUS SOLEMNITER CAPSULARIS LOCULICIDE DEHISCENS, VALVIS MEDIO PLACENTIFERIS. SEMINA SAEPISUS ABELLATA, ALBUMINE CARNOSE, EMBRYONE AXILI. — ARBORES FRUTICESQUE ERECTI, RARISSIME SUBERRACAE, FOLIIIS PLQ. ALTERNIS, SAEPISUS SIMPLICIBUS NERVATIS PENNINERVIIS BISTIPULATIS, INFLORESCENTIIS AXILLARIIS TERMINALIBUSQUE, PEDICELLIS ARTICULATIS.

FLORES hermaphroditis aut abortu polygami v. dioici, plq. regulares, rarissime staminum diversa longitudine subirregulares. CALYX e phyllis 2—5 (2—7) conflatus, liberis v. saepius basi plus minus in tubum, raro totis in calyptram tandem irregulariter ruptam connatis, subinde petalsideis, lobis praefloratione imbricatis, rarius valvatis v. subvalvatis, deciduis aut persistentibus subindeque paulo accrescentibus. PETALA nulla (abortu?) aut sepalis numero aequalia lique alterna, rarius duplo triplove plura, hypogyna aut rarius perigyna, praefloratione imbricata, rarissime contorta, subinde basi latius squamulâ (disci) aucta (Pangiceae), solemniter decidua, rarissime persistentia (Homalinea). STAMINA indefinita 1—pluriseriata, aut definita tuncque saepius duplo triploque rarius multiplo sepalorum numero, nunc iis numero aequalia, hypogyna aut plus minus perigyna, possim disco glanduloso inserta, libera aut rarius basi inter se connata, aequalia vel longitudine plus minus

*Bixaces*, sensu nostro circumscriptas, ordines bene naturalem constituisse, haud est, quod contendas; eruditior potius, eas typis complures diversos continere. Sed item etiam de singulis *Bixacearum* et *Samydearum* ordinibus valet, quales ab auctoribus recentioribus, et, nisi omnes tribus infra commemoratas pro tantis ordinibus distinctis accipere velimus, transitu vario qui inter eas observatur, omnes in unum eandemque ordinem conjungere cogitur.

Negari haud potest, *Bixacearum* tribus non scilicet inter se mixtas, sed etiam ad alios ordines transitu offerre, e. gr. ad *Tillaceas*, eo quidem, ut placentis in septa completa evolutis. Nam tantum abest, ut placentis parietales *Bixaces* characterem invariabilem continent, ut potius genus servent typicum. *Flacourtes*, septa completa et ovula in angulo concito affixa praesent. \*) Item in *Proelia* observatur, quod quidem genus fertur *Tillaceis* rectius ascribendum esse; *Cochlosperma* septa completa et incompleta subinde in una eademque specie, abeo in uno eodemque ovario offerunt; altera autem ex parte *Nitae* genus e *Tillaceis* placentis parietalibus gaudet. \*\*) Quam parte etiam profunderit vulgo apud *Bixaces* non constanter imbricata, sed passim et in *Tillaceis* valvatis vel (*Peridactylis*, *Bixaces* spec., *Abelia*, *Apharosa*), limbo hinc confesso, in libris systematicis vulgo indicat, reverend. evanescunt. Erant enim haec ab eorum ordines conjungere necesse sit, necesse, alia est questio, quam hoc loco dilucidare haud consepimus; pro tempore autem nullus dubitamus, auctores sepi et *Bixaces* a *Tillaceis* distinctos voluisse.

Quod reliquum *Bixacearum* affinitatem attinet, per *Cochlosperma* ad *Melastomaceas* et *Trochodendraceas* accedunt; *Cassipoua* et *Rapana* affinitatem cum *Passifloris* indicant. *Sampoa* cum *Cuculicis*, ita designat forum morphis cum *Citricis*, quae ovulis arthropis diversimoda praesent. Minore necessitudine cum *Fialeis* et *Capparis* cohaerent; alia relatione magis ab eis remotis et *Guttaceis* (l. c.) indicant; *Evalloneae* spe *Homalinea* etiam cum *Bixaces* similitudinem quondam ferre vident.

**CONSPECTUS TRIBUUM GENERUMQUE BRASILIENSIVM.**

Tribus I. COCHLOSPERMACEAE. Sepala petaloeque 5. Stamina indefinita hypogyna, toro eglanduloso. Semina plq. cochleato-reniformia. — Folia alterna, palmatifida v. digitata. Flores speciosi, hermaphrodit. Genera brasiliensia unicum . . . . . I. COCHLOSPERMUM.

Tribus II. BIXACEAE. Sepala 2—3. Petala 4—12. Stamina indefinita hypogyna, toro eglanduloso. — Folia alterna integra.

- 1. Flores hermaphrodit. Placentae 2. Stylus simplicis. Capsula saepius echinata, liberis. Semina carinata, totius strato extimo acilium mucronata. — Folia palmatifida . . . . . II. BIXA.
- 2. Flores polygamo-dioici. Placentae 6—7. Styli tantum. Baccula lobulata longitero-plurilocata. Semina acilio (v. arillo) plq. ovata. — Folia penninervis . . . . . III. CARPOTROCH.
- 3. Flores hermaphrodit. v. saepius polygami. Placentae 3 (2—10 in extra-brasilianis). Stylus simplicis. Baccula in brasilianis lobulata echinata-subterreata. Semina acilio (v. arillo) plq. ovata. Folia pinnata v. raris triflorata . . . . . IV. ONCOBA.
- 4. Flores dioici (v. polygamo-dioici). Placentae 3. Styli 3 breviter. Reliqua antedictis . . . . . V. DENDROSTYLIA.

Tribus III. FLACOURTIEAE. Petala saepius (in generibus nostris constanter) nulla. Stamina hypogyna, toro saepius in disco glanduloso v. annulari evoluta. — Folia alterna integra.

- 1. Flores utrinque dioici. Sepala lobulata. Discus saepius glandulosus. Stylus simplicis v. libris brevissimus, sigantibus 2. — Folia penninervis, impunctata . . . . . VI. XYLISMA.
- 2. Flores hermaphrodit. Sepala subvalvata. Discus nullum glandulosum ovario aliamque referre. Styli 3—4 breviter. — Folia utrinque impunctata . . . . . VII. PERIDACTYLUS.
- 3. Flores hermaphrodit. Sepala saepius lobulata, valde lobulata, aethali reflexa. Discus nullus. Stylus simplicis v. apice trilobus. — Folia penninervis, saepe peltato-pinnata . . . . . VIII. LAETIA.

\*) Cf. Buxaceae et Bixaceae Gen. pl. I. 188. ovula *Flacourtiaceae* petaloides hoc angulo affixa deservit, sed inconstanter, ut ex parte proprio suo permixtum habet; item *Onco* indicat, ovula ovula 4-lobulata, sed palpa ferens, longae ovula plurilocata, ovula, ovula.

Figura 32 e Figura 33 — Partes do texto da Família Bixaceae que acompanham as ilustrações acima. Fonte: <<http://florabrasiliensis.cria.org.br>>

Até hoje a *Flora brasiliensis* é a única Flora completa para o Brasil e, para muitas famílias botânicas, continua sendo a única revisão completa disponível. Seu valor histórico está justamente nas informações para a identificação de plantas do Brasil e da América do Sul, que ficaram registradas em suas pranchas. Em seus volumes, imagens e textos está arquivada a história de cada espécime coletado durante a expedição de Martius e Spix.

Uma outra parceria podemos verificar aqui: o texto e a gravura contribuindo para a preservação da memória.

## Capítulo 3. O TEXTO, A IMAGEM E A INSCRIÇÃO

### 3.1. Gravura e Livro: uma história de parceria secular

O homem pré-histórico gravava na pedra, no osso e no barro, e também imprimia suas mãos nas paredes das cavernas. Essas imagens eram carimbadas e gravadas por meio de pigmentos (terras) de várias procedências, misturadas com óleo (banha) ou sangue de animais. Essas primeiras impressões podem ser definidas como as primeiras monotípias, o mais antigo registro humano que chegou até nós. A gravura e a escrita desde já demonstravam que iriam percorrer um caminho paralelo, pois imprimindo símbolos nas superfícies o homem traduzia suas primeiras formas de escrita, utilizando uma impressão rudimentar, a mão como matriz que se repete e a parede como elemento de suporte.

As primeiras matrizes que surgem destinadas à reprodução, são os selos-cilindros, rolos com relevos que eram utilizados para imprimir sobre a argila, resultando baixos e altos relevos que formavam imagens.

Na proto-escrita suméria as inscrições eram feitas em bolas de argila que continham contas representando mercadorias e, mais tarde, placas de barro foram transformadas em “folhas” (fig. 34) iniciando o que se transformou a produção dos livros que conhecemos atualmente.



Figura 34 — Tábua de argila suméria datada do final do 3º Milênio AC.  
Fonte: Revista Tupigrafia, 2002.

No barro das placas, os desenhos gráficos já se mostravam com toda plenitude. Letras cuneiformes, números e desenhos conviviam harmonicamente na "folha". Em vários lugares são encontrados livros escritos sobre peles de animais (pergaminhos), tiras de plantas trançadas e unidas (papiros), folhas de palmeira, etc. Na China antiga, desde há muito, signos eram entalhados em cascas de tartaruga, (fig. 35) prática que já fora usada em adivinhações lidas à luz das fogueiras.<sup>34</sup>



Figura 35 — Inscrição em casca de tartaruga, China, séculos XIV-XI  
Fonte: Revista Tupigrafia, 2002.

A Invenção do papel resolveu a questão do melhor suporte para a escrita e para a gravura; sendo as folhas de papel finas e flexíveis, elas permitiam a encadernação e o arquivamento. Sua forma retangular facilitava a maneira de dispor os elementos gráficos, suplantando, desta forma, os suportes antecessores: as placas de madeira eram pesadas e empenavam; as de barro e de pedra eram pesadas e quebravam com facilidade; as folhas de palmeira (fig. 36) se decompunham e as placas de cera derretiam com o calor.

---

34 MARUCK, Rubens. **Livro e Conhecimento**. in:TUPIGRAFIA, revista da Editora Bookmakers, São Paulo; 2002.



Figura 36 — Manuscrito em sânscrito em folha de palmeira, Índia séc. XVIII  
Fonte: Revista Tupigrafia, 2002.

O *codex* (fig. 37 e 38) é uma outra forma de apresentar um texto em formato de livro, utilizado na antiguidade pelos romanos. Ele é formado por um conjunto de placas de madeira escavadas, para conter uma camada de cera, onde os textos eram escritos. Unidas por tiras de pano ou couro, que se fecham como um livro, podiam ser vedadas se o assunto nelas contido fosse sigiloso.

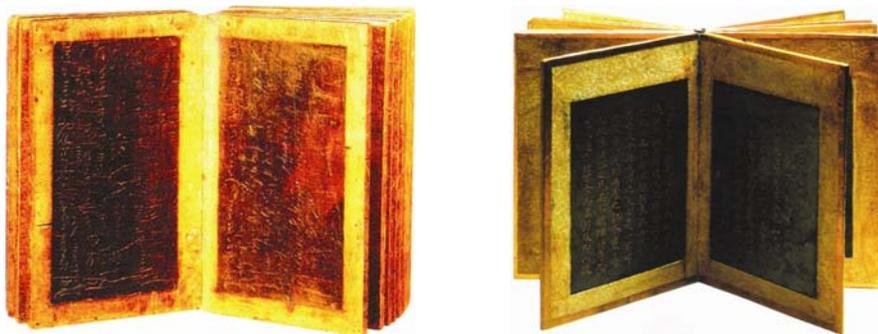


Figura 37 e Figura 38 — Codex do século XIV, o único que restou dos 10 exemplares produzidos na Alemanha e livro chinês, em formato de codex de 1790 com ideogramas entalhados no jade  
Fonte: Revista Tupigrafia, 2002.

Na China, no período anterior à era cristã, a gravura foi empregada na estampagem da seda. Foi utilizada, também na impressão tabular<sup>35</sup> substituindo a iluminura e os livros medievais caligrafados. A descoberta dos tipos móveis teve

---

35 Os tabulares são os primeiros livros xilogravados. Texto e ilustração eram cavados numa mesma prancha e impressos sob pressão manual.

participação importante para a disseminação do conhecimento através do trabalho editorial.

O parentesco entre gravura e texto é inegável e persiste desde sua origem até os dias de hoje. Ambas trilham caminhos paralelos, por vezes simultâneos ou imbricados. As imagens podem ser transformadas em texto e o texto pode gerar imagens; exemplos disto são as pinturas nas paredes das igrejas românicas, que representavam textualmente a história de Cristo, e os textos com letras cuneiformes e os ideogramas japoneses, que são símbolos, imagens que representam uma mensagem. Um completa ou remete ao outro: o texto cria em nosso imaginário as imagens que deduzimos dele, e a imagem nos faz pensar em um texto, numa narrativa que explica ou completa o que vemos.

A gravura pertence a um dos capítulos mais apaixonantes da história do ser humano. A cada época o homem procura descobrir os instrumentos mais adequados para dominar os mais diferentes suportes e nesse trajeto a gravura renovou-se, adquiriu novos valores, aperfeiçoou-se com os processos gráficos, para colocar-se em pleno século XX como arte independente.

A experimentação livre, lançada pelas vanguardas do início do século XX, tornou possível a ampliação da área de pesquisa na produção da arte contemporânea. Na gravura surgiram várias possibilidades de matrizes com inúmeras variações de imagens. Foram aceitas matrizes produzidas tanto pela interferência do homem, através de desenhos e incisões; como também aquelas que estão espontaneamente na natureza: a nervura das plantas, as rugas e marcas da pele, a textura de troncos, conchas, etc. Interessa ao artista que o material utilizado na obra esteja a seu serviço, fazendo que o trabalho expresse o que ele pretende. Para que essa expressividade seja revelada, a utilização dos materiais disponíveis precisa ser adequada à linguagem do artista contemporâneo. Explorar a materialidade dos elementos e materiais em favor da expressão transforma o ateliê do artista em laboratório, onde a experimentação é a tônica do trabalho.

Ao artista contemporâneo cabe a escolha do recurso que o auxiliará na expressão de sua emoção junto ao público. Uma técnica não pode ser utilizada somente para efeitos especiais. Nesta escolha é essencial que o artista pense na expressividade da obra. “Se o produto final é uma gravura, uma tela, uma escultura, uma instalação, pouco importa. O que importa é a expressividade da obra”<sup>36</sup>.

Como podemos, então, definir gravura nesta época de expansão de suas fronteiras?

A arte de gravar é executada com auxílio de instrumento cortante ou reagente químico, que abre valas, buracos, sulcos, cria acidentes ou irregularidades de superfície, formando desenho ou letras, em material como a madeira, o metal ou outro também apropriado à feitura da matriz, que se destina a reproduzir cópias. A reprodução se dá por meio da impressão, que é a arte de multiplicar por pressão, o desenho talhado na matriz, em papel, pano couro, etc. Usa-se a prensa ou o prelo para fazer essa pressão. Em certos casos, de impressão em relevo, (xilogravura, etc.) a pressão pode ser exercida pelas próprias mãos do artista, o que valoriza a cópia.<sup>37</sup>

Essa é a definição de Orlando da Silva, entretanto, entendemos que a gravura, a despeito do posicionamento dos mais puristas, é a impressão resultante do corte, da incisão, do sulco, do talhe em uma matriz, não necessariamente tendo como suporte o papel. Podemos utilizar os mais diversos materiais que estejam disponíveis e sirvam aos propósitos do artista, como, por exemplo, o vidro, o osso, a argila, sem a necessidade de utilizar os materiais tradicionais: o metal, a pedra litográfica ou a madeira. Esse foi o conceito que norteou o desenvolvimento e a confecção das “*Gravuras de Vestígio*”.

---

36 RESENDE, Ricardo. **Gravura. Arte brasileira no século XX. Desdobramento da gravura contemporânea.** São Paulo: Itaú Cultural; 2001, p. 229.

37 SILVA, Orlando da. **A Arte Maior da Gravura.** Edição Espade; 1976, p. 40.

## Capítulo 4. MEMÓRIA E ARQUIVO

### 4.1. A Arte da Memória

A memória é uma questão instigante e vem sendo estudada por muitos teóricos e pensadores, mas não pretendo citar aqui todos os tratados escritos sobre a história da arte da memória; somente pontuo aqueles mais representativos e que mais interessam à pesquisa proposta.

Quando organiza seu arquivo, colocando os objetos da coleção em lugares específicos, o colecionador assemelha-se ao orador, que depende da sua capacidade de armazenar o discurso; para tanto, o orador utiliza a arte da memória, uma técnica inventada pelos gregos que possibilita o desenvolvimento da capacidade de memorização valendo-se da seleção de lugares (*loci*) e formação de imagens mentais (*imagens*). A arte da memória pertencia à retórica, e foi assim que circulou pela Europa.

A mnemotécnica clássica advém de uma lenda grega, que tem origem na história de Simônides de Ceos, poeta da época<sup>38</sup>, descrita por Cícero em seu tratado *De oratore*<sup>39</sup>, ao discorrer sobre a memória, como uma das cinco partes da retórica. Conta a lenda que Escopas, rei de Ceos, ofereceu um banquete no qual Simônides deveria recitar um poema em sua homenagem. O poeta dividiu o poema em duas partes: na primeira louvava o rei e na segunda os deuses Castor e Pólux. Depois de declamar o poeta pediu o pagamento e o rei lhe disse que pagaria somente a metade, e que a outra metade pedisse aos deuses também homenageados. Pouco depois Simônides foi informado que dois jovens o procuravam do lado de fora do palácio e saiu, sem entretanto encontrar ninguém. Enquanto estava no jardim o palácio desabou e todos morreram. Castor e Pólux,

---

38 Simônides de Ceos (por volta de 556-468 a.C.) pertence a era pré-socrática. Foi um dos mais admirados poetas líricos gregos, embora muito pouco de sua poesia tenha sobrevivido. Várias inovações são atribuídas a ele: foi o primeiro a pedir pagamento por seus poemas e também o primeiro a associar a poesia à pintura.

39 O *De oratore* foi terminado por Cícero em 55 a.C., YATES, Frances A. **El Arte de la Memoria**. Madrid: Ediciones Siruela; 1966, p. 34.

os dois jovens que fizeram Simônides sair, pagaram o poema salvando-o. Os mortos só puderam ser identificados porque Simônides, lembrando dos lugares e das roupas de cada convidado, pode ajudar na identificação de cada um dos convidados inaugurando, assim, a arte da memória.

Os tratados sobre a arte da memória que chegaram até nós estão baseados, principalmente, no texto escrito por um autor anônimo<sup>40</sup>, o *Ad Herennium*. Todo o conteúdo de tratados sobre arte da memória, não faz mais do que repetir as regras para lugares e imagens relatadas no *Ad Herennium*. Mesmo os textos do século XVI, diz Frances Yates, conservam os contornos deste tratado.

Não é difícil entender os princípios gerais da mnemotécnica e a descrição mais clara do processo é dada por Quintiliano<sup>41</sup>, e no *Institutio oratória*<sup>42</sup>. Para a formação dos lugares na memória, é preciso memorizar um edifício, o mais variado e espaçoso possível, com suas salas, quartos, varandas, móveis e adornos, para que nesses lugares sejam colocadas as imagens a serem lembradas. Quintiliano sugere a utilização, por exemplo, de âncoras, para marcar os locais com assuntos navais, e, armas para operações militares. Depois disto, basta recorrer à visita ordenada aos depósitos para lembrar-se do que foi guardado. A arte da memória, então, origina-se na escolha de lugares e imagens, que devem ser bastante variados e formar uma série organizada, para assegurar que todas as idéias neles impressas possam ser recordadas e buscadas pelo pensamento, sem dificuldades ou embaraços, a partir de qualquer lugar ou em qualquer direção da série. O *Ad Herennium* recomenda colocar em cada quinto *locus* uma marca que possa distingui-lo dos demais, para garantir a recordação

---

40 Desconhecido mestre de retórica fez a compilação de um livro de texto destinado a seus alunos. Roma, por volta de 86-82 a.C. YATES, Frances A. **El Arte de la Memória**. Madri: Ediciones Siruela; 1966, p. 20.

41 Quintiliano mestre em retórica em Roma, no século I d.C. Escreveu seu tratado *Institutio oratória* mais de um século depois que Cícero escreveu seu *De oratore*. YATES, Frances A. **El Arte de la Memória**. Madri: Ediciones Siruela; 1966, p. 40.

42 YATES, Frances A. **El Arte de la Memória**. Madri: Ediciones Siruela; 1966, p. 18.

sem erros.

O princípio central da mnemotécnica antiga consiste na memorização dos fatos através da sua redução a certas imagens que deveriam permitir a posterior tradução em palavras: a realidade (*res*) e o discurso final (*verba*) deveriam ser mediatizado pelas imagens (os *imagines agens*). Essas imagens por sua vez, deveriam ser estocadas na memória em certos locais (*loci*) imaginários ou inspirados em arquiteturas de prédios reais. O importante era que o retórico tivesse domínio sobre esses espaços da memória que deveriam ser percorridos no ato de sua fala, quando cada imagem seria retraduzida em uma palavra ou em uma idéia.<sup>43</sup>

Na mnemotécnica, existem duas classes de memória: uma natural e outra artificial. “A memória natural é aquela que, nasce simultaneamente com o pensamento, e está inserida em nossas mentes. A artificial é a memória fortalecida e consolidada pelo exercício”<sup>44</sup> e, a memória artificial é a que está fundamentada nos lugares (*loci*) e imagens e ambos empregam figuras para representar as coisas (memória de coisas) ou as palavras/nomes (memória de palavras). Um *Locus* é um lugar que se pode memorizar com facilidade: uma casa, um sítio, um arco, um espaço com colunas, etc. e as imagens são formas, marcas ou sinais bem evidentes do que se quer recordar.

(...) as coisas simples escapam com facilidade da memória, enquanto que as surpreendentes e novas permanecem por mais tempo na mente. (...) Devemos, então, construir imagens de tal forma que possamos fixá-las na memória durante muito tempo. E isso torna-se possível, se conseguirmos estabelecer as semelhanças mais surpreendentes possíveis; se conseguimos construir imagens ativas [*imagines agentes*] atribuindo a elas excepcional beleza ou feiúra singular; se adornarmos algumas delas, por exemplo, com coroas ou mantos de púrpura (...) ou se as desfiguramos de alguma maneira (...) ou colocando alguns efeitos cômicos a nossas imagens. Tudo isso

---

43 SELIGMANN-SILVA. **A Escrita da Memória: Mostrar Palavras e Narrar Imagens**. Revista Terceira Margem, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ / Faculdade de Letras, Ano VI, Nº 7; 2002, p. 96.

44 YATES, Frances A. **El Arte de la Memória**. Madri: Ediciones Siruela; 1966, p. 21.

assegurará que aquela imagem seja recordada com presteza.<sup>45</sup>

A arte da memória é como um alfabeto interno. Conhecendo-se as letras pode-se ler o que foi escrito e escrever o que for dito. Da mesma forma, quem aprendeu a mnemotécnica pode colocar em lugares da memória o que viu ou ouviu, e depois retirá-los quando desejar. “Pois os lugares são muito semelhantes a placas de cera ou de papel e as imagens são como letras; a disposição das imagens são guias e as palavras são a narrativa.”<sup>46</sup> A memória artificial, então, pode ser utilizada também para a memorização de qualquer tipo de informação que se deseje guardar para posterior consulta.

A invenção de Simônides não representa só o descobrimento da importância da ordenação dos lugares e imagens para memorização, assegura Cícero; sua importância está também na descoberta de que a visão é o mais importante dos cinco sentidos. “Sagazmente Simônides percebeu que as imagens mais completas que se formam em nossas mentes são as que os sentidos transmitem, sendo a visão a mais penetrante de todos eles.”<sup>47</sup>

Aristóteles provavelmente estava familiarizado com a memória artificial, afirma Frances Yates, quando cita a referência aristotélica a *topoi*, equiparando-o com os *loci* mnemônicos.

Aristóteles compara a imagem mental gerada pela impressão sensual a um retrato pintado que permanece na memória: “pois — ele escreveu — o estímulo produzido imprime uma espécie de semelhança com o percebido, exatamente como nós selamos com sinetes dos anéis” (De memória et reminiscentia 450 a 30 s.). Ele concebe, portanto, a formação da imagem mental como o movimento de impressão de uma imagem na cera por um anel que sela.<sup>48</sup>

---

45 YATES, Frances A. **El Arte de la Memória**. Madri: Ediciones Siruela; 1966, p. 26.

46 Ibidem, p. 23.

47 Ibidem, p. 20.

48 SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A Escritura da Memória: Mostrar Palavras e Narrar Imagens**. Terceira

Em seu *De memória et reminiscencia*<sup>49</sup> Aristóteles se vale das imagens da memória para ilustrar imaginação e pensamento.

Pensar é algo que podemos fazer sempre que desejemos, “pois é possível colocar coisas diante de nossos olhos como fazem aqueles que inventam mnemônicas e constroem imagens”. A memória e a imaginação pertencem, para ele, ao mesmo lugar da alma, pois ela é um arquivo de desenhos mentais, procedentes das impressões sensoriais acrescidas do elemento temporal, e ainda, a faculdade intelectual entra em ação na memória pois é ali que o pensamento opera sobre as imagens armazenadas procedentes da percepção sensorial.<sup>50</sup>

Aristóteles distingue a memória de reminiscência ou recordação, que para ele é a recuperação do conhecimento ou da sensação ocorrida anteriormente; é o esforço empenhado para descobrir o caminho entre os conteúdos da memória e seus locais de armazenamento. “O recordar depende realmente da existência potencial da origem da sensação estimulante, (...) porém é necessário ter um ponto de partida seguro, a utilização de lugares [*topoi*] que possam ajudar na recordação.”<sup>51</sup>

Platão usa a imagem proposta por Sócrates quando supõe, na passagem no Teeteto, que em nossas almas existe um bloco de cera que recebe impressões, e estabelece uma relação entre escritura e memória:

[um] cunho de cera; numas pessoas, maior; noutras, menor; nalguns casos, de cera limpa; noutros com impurezas, ou mais dura ou mais úmida, conforme o tipo, senão mesmo de boa consistência, como é preciso que seja. (...) Diremos, pois, que se trata de uma dádiva de Mnemosine, mãe das Musas, e que sempre que queremos lembrar-nos de algo visto ou ouvido, ou mesmo pensado, calcamos a cera mole sobre nossas sensações ou pensamentos e nela os gravamos em relevo, como se dá com os sinetes dos anéis. Do que fica impresso temos a lembrança

---

Margem, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ / Faculdade de Letras, Ano VI, Nº 7; 2002, p. 93.

49 YATES, Frances A. **El Arte de la Memoria**. Madri: Ediciones Siruela; 1966, p. 53.

50 Ibidem, p. 53.

51 Ibidem, p. 54.

e conhecimento enquanto persiste a imagem; o que se apaga ou não pôde ser impresso, esquecemos e ignoramos.<sup>52</sup>

Frances Yates cita um outro nome importante para a história da arte da memória: Metrodoro de Escepis<sup>53</sup>, que baseava seu sistema de memória no uso de imagens astrológicas. O Zodíaco assegurava-lhe uma ordem fixa para memória, justamente igual à assegurada pela memorização dos lugares em um edifício. A arte da memória de Metrodoro utilizava a memória de símbolos taquigráficos em conexão com os signos do zodíaco (e seus decanos correspondentes), o que provavelmente conferiu uma atmosfera de poderes mnemônicos mágicos à sua arte.

Desdobramentos e transformações dessa arte propiciaram o aparecimento, na Idade Média, da *Ars notoria*, arte mágica da memória atribuída a Apolônio. Os praticantes da *Ars notoria* utilizavam figuras, ou diagramas denominados *notae*, e entoavam preces mágicas. Acreditavam que desta forma poderiam adquirir o conhecimento, a memória, de todas as artes e ciências.

Outro aspecto dos mais antigos tratados sobre a memória é constituído por listas impressas com imagens de objetos, que deveriam ser memorizadas como lugares de memória, obedecendo ao estabelecido pelos preceitos da memória artificial. Os padres e religiosos eram aconselhados a utilizar essas listas para a memorização de salmos e homilias. É do ano de 1533 as duas ilustrações (fig. 39 e 40) retiradas do livro de Johannes Romberch<sup>54</sup>, que representam, na primeira, imagens de uma abadia e seus edifícios anexos, além dos conjuntos a

---

52 SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A Escritura da Memória: Mostrar Palavras e Narrar Imagens**. Terceira Margem, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ / Faculdade de Letras, Ano VI, Nº 7; 2002, p. 93.

53 Metrodoro de Escepsis pertence a um período tardio da história da retórica grega. Parece, segundo Frances Yates, que ele desempenhou um papel importante, tanto político como cultural, na corte de Mitridades. Foi autor de obras sobre retórica.

54 Um dos mais completos e mais extensamente citados entre os tratados impressos sobre a memória, foi publicado pelo frei dominicano Johannes Romberch em 1520. YATES, Frances A, **El Arte de la Memória**. Madri: Ediciones Siruela; 1966, p. 105.

serem memorizados: o pátio, a biblioteca e a capela. E na segunda uma lista com objetos, sendo que cada quinto local “é sinalizado com uma mão e cada décimo com uma cruz, de acordo com as instruções contidas no *Ad Herennium*.

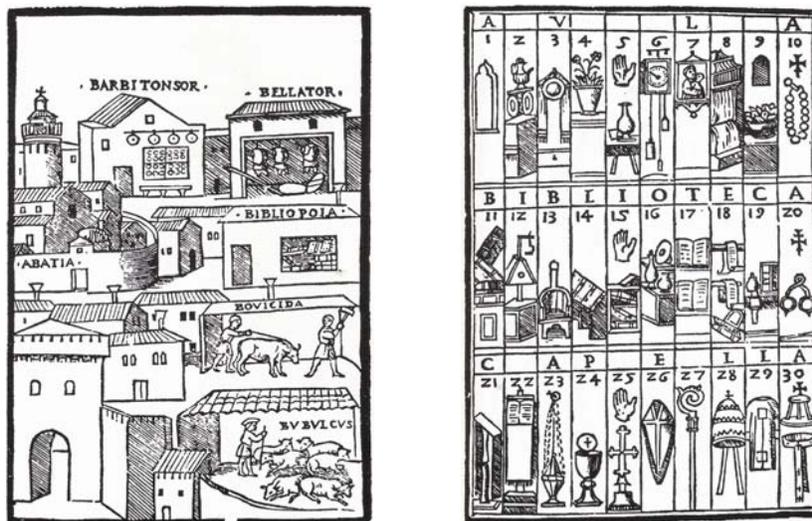


Figura 39 e Figura 40 — Ilustrações dos sistemas de memorização de Johannes Romberch, 1533. Fonte: Yates.

“Eis então o segredo (...): colocar as lembranças em lugares exatos, para daí tirá-las nos momentos de necessidade”, diz Fausto Colombo<sup>55</sup>. As *imagines agens* (imagens agentes) são colocadas em seus *loci* (locais), que funcionam como receptáculos que guardam as imagens, como se fossem objetos em gavetas apropriadas e das quais elas podem ser retiradas no momento da lembrança.

A arte da memória; com seus lugares e imagens, é traduzida na obra apresentada pela organização e classificação dos vestígios das plantas e da narrativa das memórias em caixas/arquivos, que funcionam como um *locus* no espaço demarcado das gavetas, transformando o “*Herbário Mnemosine*” num arquivo de memória.

Fausto Colombo, também faz um paralelo entre as técnicas de

55 COLOMBO, Fausto. **Os Arquivos Imperfeitos**. São Paulo: Editora Perspectiva ; 1991, p. 31.

arquivamento e a tecnologia informática dos bancos de dados. Ele indica categorias de memorização que “parecem descrever um universo de catalogação e armazenamento do presente”<sup>56</sup>. São elas: a *gravação* (memorização de um fato em um suporte por meio de uma imagem — o ícone do próprio fato), o *arquivamento* (a tradução do evento em informação cifrada e localizável dentro de um sistema), o *arquivamento da gravação* (a tradução de uma imagem-recordação, de um ícone mnemônico em signo arquivístico localizável no sistema) e a *gravação do arquivamento* (a produção de cópias dos signos já arquivados a fim de evitar o esquecimento).

Não me parece necessário ir além: todos já terão reconhecido nas formas de memorização catalogadas as videotecas públicas ou privadas, os bancos de dados, os pequenos arquivos domésticos, e até mesmo as coleções de objetos (...). O que importa é termos mostrado brevemente que as formas da obsessão mnemônica se sujeitam à lógica da cultura e da técnica contemporâneas, impregnando não só o processo de culturalização coletivo, mas também a vida cotidiana, os modos de pensar, em outras palavras, as convicções pessoais e de grupo.<sup>57</sup>

É possível fazer um paralelo entre a forma de arquivamento do “*Herbário Mnemosine*” e as quatro categorias de memorização definidas por Fausto Colombo:

---

56 COLOMBO, Fausto. **Os Arquivos Imperfeitos**. São Paulo: Editora Perspectiva; 1991, p. 18.

57 Ibidem, p. 19.

<b>Categorias de Memorização de Fausto Colombo</b>	<b>Herbário Mnemosine</b>
<b>Gravação:</b> é a memorização de um fato em um suporte por meio de uma imagem, é o próprio fato.	<b>Exsicata mnemônica:</b> texto e imagem gravada para preservação da memória.
<b>Arquivamento:</b> é a tradução do evento em informação cifrada e localizável dentro de um sistema.	<b>Taxonomia mnemônica:</b> construída para classificar os indivíduos.
<b>Arquivamento da gravação:</b> é tradução de uma imagem-recordação, de um ícone mnemônico em signo arquivístico localizável no sistema.	<b>Sistema alfanumérico:</b> empregado para organizar o arquivo.
<b>Gravação do arquivamento:</b> é a produção de cópias dos signos já arquivados a fim de evitar o esquecimento.	<b>Caixas de recordação:</b> construídas com as duplicatas das exsicatas.

## 4.2. Arquivo, Memória e Arte

Nossa era parece estar dominada pela obsessão da memória, por uma mania arquivística que permeia toda a humanidade. Essa obsessão assume inúmeras formas, que “não vivem separadas, mas interseccionam-se misteriosamente em figuras complexas e amiúde não facilmente desemaranháveis”<sup>58</sup>. Arquivar o nosso passado, catalogar cada momento da nossa própria experiência, gravar nossas lembranças, é considerado um ato de resgate de tradições, vidas, falas e imagens para preservar a memória. “Temos um sentimento tão forte de caducidade das existências e das obras humanas, que

58 COLOMBO, Fausto. **Os Arquivos Imperfeitos**. São Paulo: Editora Perspectiva; 1991, p. 17.

precisamos inventar estratégias de conservação e mecanismos de lembrança”, diz Jeanne Marie Gagnebin<sup>59</sup>.

Os arquivos, desde os tempos mais remotos, são construídos com o objetivo de evitar a perda da lembrança e são organizados para que não haja o extravio do que já está armazenado. As coleções, à semelhança dos arquivos, são estratégias que adotamos no sentido de evitar o esquecimento e preservar a memória.

Recolher, guardar e conservar séries infinitas de objetos são atitudes características do perfil dos colecionadores, como foi visto no capítulo sobre a história das coleções. Atualmente, com a maior popularização da atividade de colecionar, os objetos a serem adquiridos para a coleção não necessitam mais ser bizarros, raros, caros ou excêntricos. O objeto de desejo varia de acordo com o interesse e a disponibilidade financeira de cada proprietário. Muitos colecionam selos, canetas de ouro, carros antigos, obras de arte, papéis de carta, documentos, emblemas, flâmulas, fotografias, moedas... coletam os mais variados objetos, que, como nos armários de curiosidades do século XVI, são alojados em locais seguros, onde podem, ou não, ser exibidos mas, principalmente, protegidos do esquecimento. Os objetos escolhidos para as coleções, nem sempre são funcionais e geralmente possuem uma ou mais características em comum e, independente do valor e da dimensão do que é colecionado, os objetos selecionados revelam as “paixões arquivísticas”<sup>60</sup> de seus proprietários. Através desses objetos os atuais colecionadores, apesar de todas as diferenças, repetem as mesmas atitudes dos antigos: trocam informações e discutem sobre como organizar as suas coleções estabelecendo, assim, suas relações interpessoais através dos objetos de sua coleção.

A produção de um importante filão das Artes Visuais vem sendo moldada pelos conceitos oriundos de sistemas classificatórios e ordenativos que

---

59 GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Editora 34; 2006, p. 97.

60 COLOMBO, Fausto. **Os Arquivos Imperfeitos**. São Paulo: Editora Perspectiva; 1991, p. 19.

envolvem o arquivo e a arte da memória. Essa tendência é fortemente influenciada pela *cultura da memória*, que “nasce da resistência ao esquecimento ‘oficial’ e a uma cultura da amnésia, do apagamento do passado, que caracteriza nossa sociedade globalizada pós-industrial”<sup>61</sup>.

Artistas contemporâneos que utilizam em suas obras os meios de ordenamento da memória, conceitos oriundos da biblioteca, do depósito e do arquivo, transformam a obra em um depósito seguro. Além disso, ordenando espacialmente objetos, vestígios e materiais garantem a visibilidade e o acesso à memória.

Críticos de arte, diz Márcio Seligmann-Silva<sup>62</sup>, têm se voltado para os conceitos benjaminianos e da memória, na tentativa de descrever e compreender essa produção de arte contemporânea, que se caracteriza pelas fronteiras permeáveis entre palavras, imagens e memória.

É a partir (da Segunda Guerra Mundial) evento que o discurso da memória — antes pensado no debate intelectual por autores como Bergson, Aby Warburg, Walter Benjamin e Maurice Halbwachs e praticado na escritura de Proust — vai moldar a produção de um importante filão das artes: a tal ponto que nas últimas décadas há quase que uma onipresença dos discursos da memória na cena artística internacional. (...) Essa tendência foi agudizada pelos movimentos anti-colonialistas, pela emancipação das mulheres e das minorias. A necessidade de recosturar as identidades antes oprimidas e impedidas de se manifestar, ao lado do próprio movimento de luto pela perda de vidas gerada pela Grande Guerra, pelos movimentos de auto-afirmação das minorias e pelas lutas contra governos totalitários e autoritários, gerou uma cultura da memória. (...) Não podemos esquecer que essa cultura da memória nasce da resistência ao esquecimento "oficial" e a uma cultura da amnésia, do apagamento do passado, que caracteriza nossa sociedade globalizada pós-industrial.<sup>63</sup>

---

61 SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A Escrita da Memória: Mostrar Palavras e Narrar Imagens**. Terceira Margem, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ / Faculdade de Letras, Ano VI, Nº 7; 2002, p. 101.

62 SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O Local da Diferença**. São Paulo: Editora 34, 2005, p.137

63 SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A Escrita da Memória: Mostrar Palavras e Narrar Imagens**. Terceira Margem, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ / Faculdade de Letras, Ano VI, Nº 7; 2002, p. 101.

Na obra de alguns artistas alemães, por terem convivido mais de perto com a II Grande Guerra e/ou suas conseqüências, podemos verificar de forma marcante a utilização, em instalações, dos meios de ordenamento da memória. Isto acontece quando observamos a transformação de espaços em arquivos de memória por meio da utilização de vestígios do passado. Na obra *2146 Steine* (fig. 41 e 42) o artista Jochen Gerz gravou, na superfície das pedras do revestimento do chão da praça do Castelo de Saarbrücken, os nomes de lápides de cemitérios judaicos. Apesar dos nomes não poderem ser vistos, pois foram escritos na parte de baixo dos paralelepípedos, eles funcionam como a memória de um passado que, apesar de soterrado, não pode ser esquecido. O artista utiliza temas como o desaparecimento e a invisibilidade para colocar o arquivo no lugar do espaço, que se transforma em cenário da memória. Na obra, diz Seligmann-Silva, Gerz “dá continuidade à antiga arte da memória ao entrelaçar culto dos mortos, escritura verbal e visual e o procedimento de fazer listas de nomes”<sup>64</sup>.



Figura 41 e Figura 42 — *2146 Steine*, de 1990-93 — Jochen Gerz

Fonte: <<http://www.medienkunstnetz.de/werke/2146-steine/>>

Outra obra que opera com os conceitos que interessam a esta pesquisa

---

64 SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A Escritura da Memória: Mostrar Palavras e Narrar Imagens**. Terceira Margem, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ / Faculdade de Letras, Ano VI, Nº 7; 2002, p. 104.

é a instalação de Sigrid Sigurdsson, *Vor der Stille* (Antes do Silêncio), de 1988. Uma série de prateleiras com escaninhos, onde foram colocados livros e outros materiais que compõem a instalação (fig. 43). Os objetos depositados em caixas ou sobre tecidos são retiráveis e podem ser colocados sobre mesas que se encontram diante das prateleiras, para que possam ser tocados ou folheados à semelhança do que ocorre em bibliotecas e salas de leitura. “Nesta medida”, diz Sigrid Weigel, “a instalação encena os dois elementos da arte da memória, o ordenamento espacial e lida com a transformação das coisas e das imagens. (...) Um processo que abre o arquivo e o encena como espaço da memória”<sup>65</sup>.



Figura 43 — Sigrid Sigurdsson — Instalação Vor der Stille, 1988  
Fonte: <[www.keom.de/kuenstler/text/sigurdsson\\_e.html](http://www.keom.de/kuenstler/text/sigurdsson_e.html)>

Outro artista alemão, Raffael Rheinsberg apresentou a instalação *Gebrochen Deutsch* (Alemão Fragmentário) na exposição “A memória da Arte”, realizada em Frankfurt em 2000. A instalação é composta por pedaços de placas

---

65 WEIGEL, Siegrid. **A Arte da Memória – memória da Arte. Entre o Arquivo e o Atlas de imagens, entre a alfabetização e o vestígio.** In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Memória da Arte – Arte da memória.* São Paulo: Ateliê no prelo.

de rua, feitas de plástico amarelo acinzentado que sobraram da substituição por outras de material diferente. Sigrid Weigel relata que as letras que surgem da combinação dos pedaços que formam a imagem total, involuntariamente reconstroem palavras isoladas.

O êxito da decodificação depende do conhecimento do conjunto das ruas de Berlim Oriental. Quanto mais familiarizados estivermos com ele, tanto menores serão os fragmentos que bastam para, a partir deles, reconstruir outros nomes de ruas. Mas o efeito também é atingido nas pessoas que não conhecem tão bem aquela parte de Berlim; também elas vêm-se postadas diante do campo de ruínas de uma topografia simbólica, que remete a um acontecimento da política da memória de um passado recente.<sup>66</sup>

O título da instalação, afirma ainda Sigrid Weigel, dá oportunidade para uma série de associações. Num sentido mais amplo, diz ela, “o título remete às rupturas que estão inscritas na reunificação alemã ou que ocorreram concomitantemente com ela e que [ali] se materializam”; além disso, “a coleção de nomes de ruas e de placas é transformada num *thesaurus*, no sentido original da palavra, num lugar onde se guardam objetos de culto.”<sup>67</sup> Vemos, na instalação de Rheinsberg, mais um exemplo da tendência da arte contemporânea em transformar a memória da arte na arte da memória.

Nas obras citadas o arquivo está configurado como um espaço memorial. Os objetos e suas narrativas exercem o mesmo papel das *imagines agentes*. Nesse mesmo sentido, na obra proposta para esta Dissertação as caixas/arquivo são os lugares (*loci*) onde estão depositadas as “exsicatas mnemônicas” (*imagines agentes*), que funcionam como o ponto de partida, o marco zero para a lembrança de situações específicas.

---

66 WEIGEL, Siegrid. **A Arte da Memória – memória da Arte. Entre o Arquivo e o Atlas de imagens, entre a alfabetização e o vestígio.** In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). Memória da Arte – Arte da memória. São Paulo: Ateliê no prelo.

67 Ibidem

### 4.3. Aby Warburg e seu Atlas Mnemosine

Nas últimas décadas a obra de Aby Warburg vem sendo revista. Atualmente tem sido lembrado como o mentor da “Escola de Warburg” e o fundador da Biblioteca Warburg. De suas contribuições a mais importante está na possibilidade de pensarmos a história da arte de uma maneira mais ampla, como um campo das “*ciências da cultura*”. “Warburg destrói as bases de uma imagem evolucionista da história cultural, declarando impraticáveis as periodizações tradicionais”<sup>68</sup>. Sua teoria proporciona a anulação das rígidas divisões e fronteiras estilísticas, dando à Arte Contemporânea a oportunidade de ser analisada mais propriamente.

Aby Warburg nasceu em Hamburgo, em 1866, filho de uma importante família de banqueiros judeus. Por ser o primogênito, estava destinado a gerir a riqueza e os negócios da família, mas passou o direito ao seu irmão Max Warburg, em troca de ser sustentado por toda sua vida e assim poder desenvolver seus estudos e pesquisas.

Estudando a obra de Botticelli, Warburg se deteve em uma questão que o intrigou sobremaneira: a sobrevivência de formas de um tempo passado para o outro. O que chamou a atenção de Warburg foi a preocupação recorrente do artista em reproduzir os movimentos das vestes e dos cabelos de figuras femininas, tomando por base figuras de Ninfas presentes em sarcófagos greco-romanos. Warburg percebeu que esses movimentos e essas formas, possuíam um percurso histórico que era possível acompanhar geograficamente, desde a Ásia até a Europa. A partir dessas observações “Warburg começa a encarar a história da arte em termos de uma memória errática de imagens que regressam constantemente como sintomas”<sup>69</sup>. A *Nachleben*, formas expressivas dotadas de vida póstuma, torna-se o objeto central de suas pesquisas e a partir daí Warburg

---

68 GUERREIRO, António. **Aby Warburg e os arquivos da memória**. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/aguerreiro-pwarburg/index.htm>>. Acesso em: 04 abr. 2006.

69 Ibidem.

formula o conceito de *Pathosformel*.

Se o Renascimento italiano constituiu, para ele (Warburg), um campo de eleição, não foi tanto por um interesse pelo Renascimento em si, mas porque este lhe fornecia o mais avançado exemplo histórico do funcionamento da memória cultural e das sobrevivências primitivas. Tentando compreender, em Botticelli e em Ghirlandajo, as leis que regem o regresso de formas outrora impressas e que a memória coletiva ao mesmo tempo conserva e transforma, ou descobrindo que as figuras representadas nos frescos do palácio Schifanoia, nas suas características clássicas, eram afinal os “decanos indianos”, emigrados da simbologia oriental e medieval, mas sob cujas vestes “bate um coração grego”, Warburg não estava a seguir os modelos canónicos da história da arte, nem da história *tout court*, mas a construir um específico modelo temporal para os factos da cultura à altura da sua *Kulturwissenschaft* unitária, abrindo-a a muitos campos do saber, nomeadamente à antropologia. Desde logo, porque encara o Renascimento (o Renascimento histórico mas também, por extensão, o processo transistórico dos “renascimentos”) não como um revivalismo através do qual se procederia à recuperação de uma tradição perdida, mas como um mecanismo inconsciente, próprio da memória coletiva, e portanto capaz de se manifestar através de sintomas. E são muitas as vezes em que Warburg, nos seus escritos, fala de sintomas. Por exemplo, quando num estudo de 1905 sobre “As Trocas da Cultura Artística Entre o Norte e o Sul no Século XV” designa determinados elementos “como sintomas de uma época de transição”. É precisamente como estruturas sintomáticas que Georges Didi-Huberman definiu e analisou, em *L’image survivante* as *Nachleben*.<sup>70</sup>

Como resultado de suas investigações sobre a permanência de valores expressivos, dotados de uma “força formadora de estilo” que sobrevivem como um património sujeito a complexas leis de transmissão e recepção<sup>71</sup>, Warburg idealizou um Atlas, o *Bilderatlas Mnemosyne* (mapa de imagens da memória)<sup>72</sup> (fig. 44 e 45), composto por 63 painéis de fundo negro, de 1,50m por 2,00m, onde

---

70 GUERREIRO, António. **Aby Warburg e os arquivos da memória**. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/aguerreiro-pwarburg/index.htm>>. Acesso em: 04 abr. 2006.

71 Ibidem.

72 MATTOS, Cláudia Valladão de. **Arquivos da Memória: Aby Warburg, a História da Arte e a Arte Contemporânea**. UERJ - Revista Concinnitas, vol. 2, nº 11, dez 2007, p. 130-139.

estão agrupadas perto de mil imagens fotográficas, extraídas da imensa coleção reunida por ele, de diversos tempos históricos e aparentemente desconexas. O projeto foi iniciado em 1924, após o regresso de Warburg da clínica psiquiátrica de Kreuzlingen e ficou inacabado com sua morte em 1929. Seu objetivo com o *Atlas Mnemosyne* era esclarecer visualmente o processo de circulação das imagens. “Na montagem [do *Atlas*] (...) cada símbolo registrado funciona como um arquivo de memória coletiva, posto numa relação com todos os outros, formando grandes constelações que cruzam conceitos espaciais e temporais na história”<sup>73</sup>

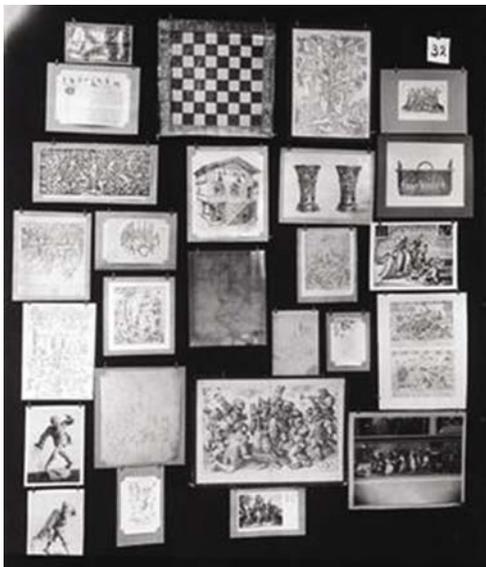


Figura 44 — *Atlas Mnemosyne*  
Painel nº 32 (1926)

Fonte: <[www.medienkunstretz.de/works/mnemosyne](http://www.medienkunstretz.de/works/mnemosyne)>



Figura 45 — *Atlas Mnemosyne*  
Painel nº 79 (1926)

Warburg interessava-se por qualquer fonte, como cartas, manuais de astrologia e mapas, que pudesse ajudá-lo a analisar a obra de arte. As imagens fixadas nos painéis serviam de catalisadores das recordações pré-existentes, auxiliando o pesquisador nas conexões que precisava estabelecer.

---

73 MATTOS, Cláudia Valladão de. **Arquivos da Memória: Aby Warburg, a História da Arte e a Arte Contemporânea**. UERJ - Revista Concinnitas, vol. 2, nº 11, dez. 2007, p. 130-139.

Em certo nível, Warburg era super-direcionado para as possibilidades dos novos meios e para o desejo simultâneo de comunicar o valor da arte clássica. Ele olhou de perto para os meios reprodutíveis, moventes, populares que poderiam mesmo fazer valer a sobrevivência das formas e suas energias intrínsecas. Seus objetos de estudo foram tapetes, selos, cartões postais, panfletos (...) e mesmo meios técnicos. Esta foi a razão porque ele foi lido, depois de sua morte, por etnógrafos e antropólogos, orientalistas ou filósofos mais do que por historiadores da arte.<sup>74</sup>

O *Atlas Mnemosyne* tinha um caráter exclusivamente visual e Warburg tinha a intenção de contar uma “*história da arte sem texto*,” ou apenas “*muda*”. Segundo Sigrid Weigel, o foco central do atlas de imagens de Aby Warburg estava na reformulação do arquivo da história da arte enquanto memória cultural, o que torna o projeto Atlas Mnemosyne interessante para o contexto desta pesquisa. “As gravuras estão localizadas exatamente no limiar entre o arquivo e a arte da memória porque tanto a sua produção quanto a sua leitura se confrontam com o problema da ordem e da alfabetização de uma coleção de imagens.”<sup>75</sup> O *Atlas Mnemosyne* encontra-se atualmente na Biblioteca Warburg, hoje sediada em Londres, outro grande legado de Aby Warburg.

---

74 BRUHN, Mathias. **Aby Warburg, The survival of an Idea**. Disponível em: <[www.educ.fc.ul.pt/hyper/resource/mbruhn/index.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resource/mbruhn/index.htm)>. Acesso em: 04 abr. 2006.]

75 WEIGEL, Siegrid. **A Arte da Memória – memória da Arte. Entre o Arquivo e o Atlas de imagens, entre a alfabetização e o vestígio**. In: SELIGMANN-SILVA. Márcio (org.). *Memória da Arte – Arte da memória*. São Paulo: Ateliê no prelo.

## Capítulo 5. A POÉTICA “VESTÍGIOS DO TEMPO”

Minha formação em artes visuais teve como foco principal a gravura e em um determinado momento da minha graduação, foi ela que me direcionou para a escultura, minha outra formação. Sou apaixonada pelo fazer da gravura, principalmente no que se refere aos processos desenvolvidos no ateliê dos gravadores; e a vivência com mestres como Marília Rodrigues, Stella Maris Bertinazzo, Cathleen Sidik, entre outros da Universidade de Brasília, reforçaram ainda mais este sentimento. Entretanto, o resultado que estava obtendo na gravura não me satisfazia, pois queria obter com a gravura, um relevo que se projetasse para fora do suporte. Por algum tempo tentei conseguir esse efeito desejado, utilizando a gravura de relevo ou então técnicas alternativas na construção de matrizes. Desde 2005 venho tentando pesquisar um “caminho do meio”, uma técnica que estivesse entre a gravura e a escultura. Nesse trilhar desenvolvi a “*Gravura de Vestígios*”, através da qual, como demonstrado em capítulo anterior, venho construindo meus objetos artísticos através da poética que denominei “*Vestígios do Tempo*”. No centro dessa poética está o entrelaçamento da memória e do tempo: a memória com foco na coleção e no arquivo de lembranças, e o tempo com foco nos vestígios deixados por sua ação sobre objetos, matérias e materiais.

O processo criativo envolvido no meu fazer artístico está diretamente relacionado com a seleção e organização de materiais e objetos que recolho de diversas formas e em diferentes lugares, atendendo a apelos da forma, cor ou aparência. Interessam-me os objetos esquecidos, largados ou abandonados: pedras, galhos, cascas, sementes, e as “manufaturas” da natureza: ninhos, casulos, caixas de vespas e marimbondos. Também as terras coloridas, vidros quebrados ou em pó, além das sucatas de metal enferrujadas, como enxadas, foices, latas, são objetos da minha predileção. Em todos eles a marca indelével da

passagem do tempo permanece, vestígios que não se dissipam facilmente, uma memória marcada e narrada pelo tempo decorrido. No ateliê separo os objetos colhidos e durante esse processo de seleção e ordenamento as possibilidades de cada objeto vão sendo reveladas. Alguns são utilizados de imediato e outros ficam guardados até que surja o momento de resgatá-los do “limbo” para um novo contexto, um novo uso, subvertido do seu ambiente natural. Faço um paralelo desta atitude com a do colecionador que garimpa, seleciona, classifica e arquiva seus “objetos de desejo”.

As duas atitudes marcantes do meu processo criativo, a coleta com a seleção e o arquivamento de materiais, e a atração por objetos que sofreram a arteficialidade do tempo, me aproximam de dois artistas aos quais tenho uma enorme admiração: Farnese de Andrade e Elida Tessler.

Tive a oportunidade de visitar no Centro Cultural Banco do Brasil/RJ, uma grande mostra com obras de Farnese de Andrade (1926-1970)<sup>76</sup>, desenhista, gravador e pintor mineiro. Os trabalhos expostos eram impactantes e me despertaram fortes emoções e reações antagônicas de aproximação e afastamento. Talvez o meu afastamento esteja relacionado ao conteúdo de algumas de suas obras: seus medos, dores, tristezas, rancores, complexos, perdas, depressões, recalques, pânico, além de relações conturbadas de paixão e ódio por seus genitores, como diz Charles Cosac<sup>77</sup>. A minha aproximação foi, certamente, motivada pelos trabalhos em que suas memórias de infância eram reveladas, além do uso de objetos garimpados em antiquários e brechós; materiais marcados pela arteficialidade do tempo. Algumas dessas obras relaciono a seguir:

*Oratório de Mulher* (1980/82), fig. 46, e *Anunciação* (1984), fig. 47, além de outras mais (são tantas que seria necessário um capítulo exclusivo para elas),

---

76 Farnese de Andrade nasceu em Araguari/MG. Estudou desenho com Alberto da Veiga Guignard, na Escola do Parque, em Belo Horizonte/MG e gravura em metal com Johnny Friedlander e Rossini Peres no ateliê do Museu de Arte Moderna/RJ.

77 COSAC, Charles. **Hábitos estranhos**. In: Farnese Objetos, catálogo, 2. ed. rev., São Paulo: Cosac Naify; 2005.

foram duas obras que me despertaram o interesse e me emocionaram de forma contundente. A representação dos personagens femininos através das formas ovais e ogivais, o uso de oratórios, de gamelas e ovos, além da cor vermelha de fundo, me pareceram perfeitas.

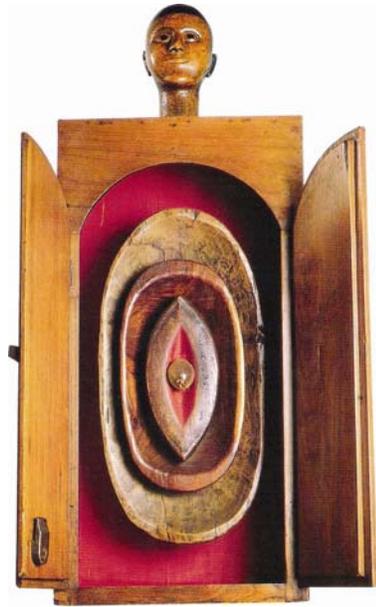


Figura 46 — Oratório de Mulher, 1980/82



Figura 47 — Anunciação, 1984

Fonte: Catálogo Farnese Objetos, 2005.

Em seu trabalho Farnese de Andrade contrapõe o uso de materiais desgastados e marcados pela passagem do tempo com o polimento das superfícies, atitude, acredito, oriunda de sua prática com a gravura. Essa ambigüidade fica evidenciada, também, na mistura de materiais nobres adquiridos em brechós e antiquários, além de um grande número de fotografias, com materiais “pobres” coletados em suas caminhadas pela orla do mar ou mesmo no lixo.

Comecei a percorrer a Praia de Botafogo (na época, um maravilhoso receptáculo de lixo) e a procurar formas de madeira e principalmente de borracha maleável, por exemplo, restos de sandálias

japonesas. Eu fazia com seus relevos minúsculos uma espécie de monotipia na chapa com asfalto líquido. (...) Aos poucos comecei a recolher também madeiras belamente tratadas pelo sol, pelo sal e pelo mar, assim como cabeças de bonecas de plástico ou de borracha com aquelas marcas da passagem do tempo, com aspecto de coisa usada, desgastada, machucada, vivida. Pelo costume automático de lixar, também tive gosto em tratar com diversas lixas os contornos de madeira já feitos pelo acaso, ressaltando apenas, polindo o trabalho da natureza.<sup>78</sup>

Em outro depoimento, de 1976, Farnese revela a emoção de seu processo criativo, em colocar juntos objetos oriundos de diversos lugares:

O prazer que me proporcionam esses achados nas mais variadas fontes, o encontro de duas peças que se completam, às vezes até existentes no caos de meu ateliê, e o ver a obra pronta, completa, definitiva. É aí que reside minha grande alegria.<sup>79</sup>

Nas obras *Auto Retrato* (1982/95), fig. 48, e *Carga Genética* (1981/85), fig. 49, Farnese combina fotos da família e objetos religiosos dispostos, no primeiro trabalho, dentro de um armário antigo, e, no segundo, dentro de um oratório. Os objetos agrupados dentro de um receptáculo dão à obra uma característica de narrativa: as imagens ali inseridas contam a história da família Andrade através de sua árvore genealógica. Compreendo que esse trabalho como um arquivo mnemônico tem grande afinidade com o meu próprio trabalho.

---

78 COSAC, Charles. **Hábitos estranhos**. In: Farnese Objetos, catálogo, 2. ed. rev., São Paulo: Cosac Naify; 2005, p. 181.

79 Ibidem, p. 189.



Figura 48 — Auto-Retrato, 1982/95



Figura 49 — Carga Genética 1981/85

Fonte: Catálogo Farnese Objetos, 2005.

A gaúcha Elida Tessler (1961)<sup>80</sup>, outra artista com a qual me identifico, resume boa parte das questões contidas em suas obra com as palavras:

A noção de tempo, bem como a de espera, está incluída em minha prática. Meu trabalho de ateliê consiste em recuperar alguma coisa perdida. Uma perda essencial que tem a cor específica da ferrugem. O gesto primordial é depositar uma coisa sobre a outra e acreditar no interstício de espaço e tempo.<sup>81</sup>

A memória e o tempo estão inseridos de forma inseparável na poética de Elida. É exatamente isto que me encanta e que gostaria de focar nos trabalhos que apresento a partir de agora.

---

80 Elida Tessler nasceu em Porto Alegre/RS, é professora e pesquisadora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou seu doutorado em História da Arte Contemporânea na Université de Paris I — Panthéon-Sorbone (França). Foi fundadora e coordena o Torreão, espaço de pesquisa, produção e exibição de arte em Porto Alegre.

81 Catálogo: Elida Tessler. **Elida Tessler: Vasos Comunicantes**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo; 2003.

Nos objetos da fig. 50, a paleta de cores obtida é resultado da ação da água em contato com metais ferruginosos sobre lençóis e diversos tipos de tecido. As impressões obtidas neste procedimento revelam a lenta absorção que transforma a passagem do tempo em registros, em camadas de lembrança, onde o acaso dos efeitos do tempo sobre as peças é incorporado pela artista, sendo esta, também, uma atitude que permeia os meus trabalhos: o acaso resultante da passagem do tempo é incorporado à obra. Acredito que ele é tão importante quanto o objeto que está sendo construído.



Figura 50 — Certas Coisas, Certas Outras, 1996  
Fonte: Catálogo Elida Tessler, 2003.

A obra *Inda* (fig. 51) é uma coleção de meias que pertenceram à sua mãe falecida. Apesar da referência à morte da mãe contida na obra, as nuances de cores e texturas são agradáveis ao olhar. A composição cromática sugere uma “pintura”<sup>82</sup>, na opinião de Angélica de Moraes. Nas duas obras as características do artista colecionador ficam bem evidentes.

---

82 Catálogo: Elida Tessler. **Elida Tessler: Vasos Comunicantes**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo; 2003, p. 07.



Figura 51 — In da, 1996  
Fonte: Catálogo Elida Tessler, 2003.

Todos os objetos e instalações da artista, que pude ver até hoje resultam do acúmulo de materiais iguais ou semelhantes pela função. A instalação “Me dá a sua palavra”, exposta no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, e que tive a oportunidade de ver, consistia em palavras coletadas entre pessoas e escritas em prendedores de roupa que foram colocados em um varal. Uma instalação simples, mas com possibilidades infinitas de reflexões, não só pela forma como estavam: expostas ao vento, como também pelo que as palavras escritas significavam para o doador e o que poderiam representar para o expectador.

A presença da obra desses artistas em especial e de muitos outros que refletem sobre o ponto de cruzamento entre memória, tempo e arte situam minha própria obra dentro de um contexto muito mais amplo, mostrando que muitas questões que me tocam particularmente, são na verdade expressões da problemática posta pelo nosso mundo contemporâneo. O “*Herbário Mnemosine*” reflete esse rico universo a partir de minha história e de meu percurso pessoal. Em sua materialidade convergem, minha história e nosso tempo e é esse encontro que faz da obra algo mais do que um diário particular.

## PARTE II

---

“As forças dela desaparecem,  
Esgotadas pelo longo esforço  
Do longo vôo; mortalmente pálida, olha para  
O rio de seu pai, e grita: “Ajuda-me!  
Se existe algum poder nos rios,  
Que ele transmute e destrua o corpo que despertou  
Tanta adoração!” E mal ela havia terminado a frase,  
Seus braços ficaram entorpecidos e pesados;  
Seus seios macios  
Fecharam-se num delicado tronco,  
Seus cabelos viraram folhas,  
Seus braços, ramos, e seus pés velozes  
Criaram raízes, e sua cabeça  
Transformou-se na copa de uma árvore.  
Tudo se transfigurou, exceto sua graça, seu brilho.  
Apolo a amou mesmo assim. Colocou as mãos  
Onde desejou tocá-la, e sentiu o coração  
Ainda pulsando  
Sob o tronco; e abraçou os ramos  
Como se ainda fossem braços,  
E beijou a madeira.”

(Ovídio – trecho de Metamorfoses)

## INTRODUÇÃO

Na classificação taxonômica dos participantes o nome do doador da memória e o nome da planta citada fundem-se em uma só especificação, como se a vivência narrada tivesse força aglutinadora e transformasse em um só elemento pessoa e planta.

Homens e plantas sempre estiveram intimamente conectados, na estreita relação de sobrevivência do gênero humano. Não é de se estranhar que, por misticismo ou pura poesia, o homem procure uma ligação íntima com o reino vegetal. De certa forma, o “*Herbário Mnemosine*” materializa esta pretensão.

A pesquisa desenvolvida para a construção das “*exsicatas mnemônicas*” não teve pretensões científicas; desta forma, alguns dos exemplares apresentados nas exsicatas nem sempre são os correspondentes ao nome científico constante da classificação dada, tendo em vista que a coleta dos exemplares não obedeceu a nenhuma norma estabelecida pela Botânica, que é uma ciência bastante complexa, com inúmeras variedades para a mesma espécie. Muitos dos problemas de classificação foram solucionados com a consulta do manual de identificação de plantas do pesquisador Harri Lorenzi.<sup>83</sup>

Nem todas as gavetas possuem o mesmo número de compartimentos. A Gaveta A possui oito caixas/arquivo, as Gavetas B, C e F possuem nove caixas/arquivo e as outras possuem 10 caixas/arquivo, totalizando 95 lugares de memória, com um número total de 71 participantes (59º lugar não há nenhum nome registrado). São 24 participantes do gênero ♂ (masculino) e 47 do gênero ♀ (feminino), e várias pessoas enviaram memórias afetivas com várias plantas.

---

83 LORENZI, Harri. **Árvores Brasileiras: uma manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Vol. 1 e Vol. 2, 3. ed, Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum; 2000.

**A COLEÇÃO “MNEMOTECA BIBLIOTECA  
DE TESTEMUNHOS”**

**GAVETA A**  
**AMIGOS DA UNICAMP**



---

**Cláudia Valladão de Mattos**

22/08/2006

**A 01 – 02**

---

*Amigos da Unicamp, ♀, Curcubita pepo L., Abóbora de halloween*

---

Desde criança sempre vivi em apartamento com pouquíssimo contato com a natureza. Em 1976, no entanto, minha família se mudou para Boston, USA, por dois anos e, lá, passamos a morar numa casa. Mudamos em janeiro, meio do inverno, e quando a primavera finalmente chegou, resolvemos plantar flores e legumes no jardim. Foi uma experiência maravilhosa, que envolveu a família toda. Passávamos os fim-de-semanas assim, ao ar livre, vendo as plantas crescerem. Lembro-me que plantei umas sementes de abóbora, daquelas redondas de Halloween e acompanhei o crescimento dela ao longo de muitos meses. Lá pelo verão, a planta deu fruto. Uma linda abóbora cresceu e cresceu, ficando realmente enorme! Quando o Halloween chegou, colhemos a abóbora e eu e minhas duas irmãs cavamos um rosto nela e a pusemos na janela com uma vela dentro. Foi muito legal!! Uma bela memória de minha infância tardia! (já tinha 12 anos!)

---



---

**Márcia Porto**

02/09/2006

**A 02 – 19**

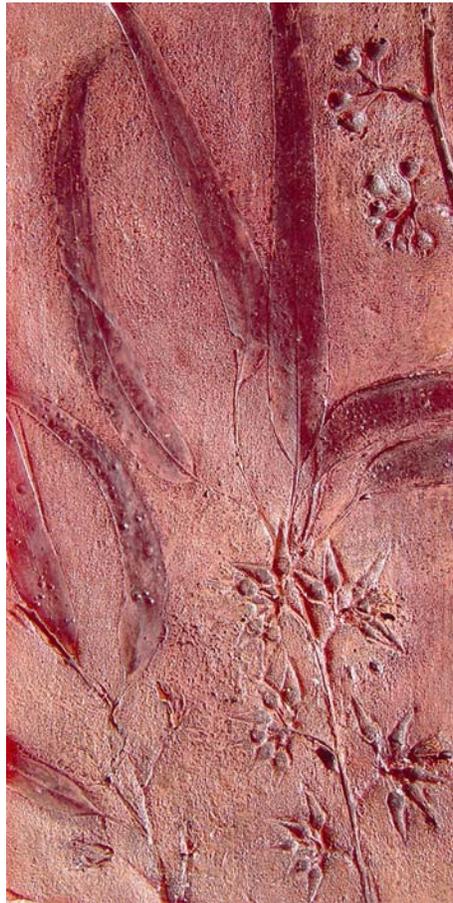
---

*Amigos da Unicamp, ♀, Anthurium andraeanum Linden, Antúrios*

---

O que mais me marcou foram os antúrios de vovó. Eram tão carinhosamente cuidados que me pareciam plantas carnívoras ou artificiais, tipo de laboratório mesmo. Acho que foi por esta razão que me marcou tanto, a artificialidade que trouxe a fantasia. Fora sua forma extremamente sensual!!! Vovó passava café nas folhas e elas brilharam carnudas... Acho que é isso, se vc precisar de mais alguma coisa é só dar um alô, ok?

---



---

**Patrícia Faria**

21/09/2006

**A 03 – 36**

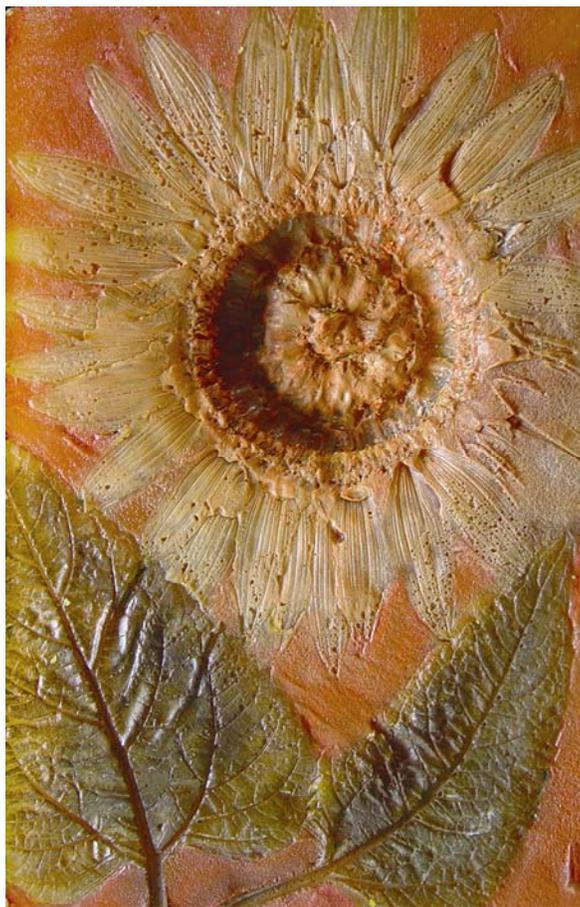
---

*Amigos da Unicamp, ♀, Eucalyptus citriodora Hook.f., Eucalipto*

---

As férias na fazenda da Vovó Nanaia, eram sempre uma festa. Todas as manhãs a garotada saía para passear... primeiro o leite quentinho no curral e depois as brincadeiras no eucaliptal. Uma bruma suave cobrindo tudo e aquele cheiro característico... inesquecível...

---



---

**Henrique Pires**

15/09/2006

**A 04 – 31**

---

*Amigos da Unicamp, ♂, Helianthus annuus L., Girassol*

---

A segunda planta que me veio à lembrança foi o girassol, me lembra uma ocasião em que eu estava meio baixo astral e minha ex-namorada, hoje médica formada também pela Unicamp, me trouxe um único girassol de Campinas, e uma mensagem que dizia: — Este girassol representa um começo iluminado, um novo dia estará por vir. Uma nova estação. Dando assim para mim uma esperança que deixara esquecida em algum lugar.

---



---

**Henrique Pires**

15/09/2006

**A 05 – 31**

---

*Amigos da Unicamp, ♂, Chrysanthemum Leucanthemum L., Margarida*

---

A primeira planta que me veio à lembrança foi uma flor; a margarida portuguesa. Esta por sua vez é branca e me lembra minha avó materna, pelo carinho e a forma que ela brincava comigo isso marcou minha infância, ela dizia que quando eu fosse arrumar uma namorada eu deveria oferecer uma única margarida à ela, representando a pureza de espírito e brincar com o bem me quer - mal me quer. Até pintei uma tela, a maior que tenho do meu acervo, esta óleo sobre tela mede 1,80 x 2,40.

---



---

**Edson Beleza**

13/09/2006

**A 06 – 26**

---

*Amigos da Unicamp, ♂, Amygdalus pérsica L., Pessegueiro*

---

Quando eu era criança, minha casa tinha um quintal enorme (pelo menos pra mim) cheio de árvores, era uma casa colonial no centro de Atibaia, ainda hoje meus pais moram lá, porém a casa perdeu um pouco dessas características, que eu adorava, paredonas, portonas e janelonas. Havia nesse quintal um pessegueiro, era o meu predileto tanto para ficar subindo, o dia todo, como comer seus frutos. Até hoje o cheiro, a textura, a cor, o fruto e o doce de pêsego me fascinam. Esse pessegueiro era também um refúgio, quando eu estava alegre ou triste, quando eu brigava, ou quando eu subia pra não apanhar, era uma salvação. Um dia joguei água numa senhora que passava na calçada e ela invadiu a minha casa para me pegar, eu subi no pessegueiro e achei o máximo minha mãe a expulsando e ela querendo me esganar lá de baixo. Certa vez eu e um amigo resolvemos fazer uma casinha em um de seus galhos, essa árvore era muito grande, acho que nunca mais vi um pessegueiro tão grande, como pra gente era muito alto, resolvemos nos precaver e amarrar uma corda na cintura, pois se caíssemos, estaríamos salvos pela corda, um ficava lá em cima e o outro lá embaixo mandando pela corda madeiras e ferramentas, tínhamos uns dez anos. Essa empreitada demorou horas, e quando o piso estava pronto meu amigo subiu para fazermos juntos as paredes (sempre presos pela corda de segurança). Quando uma das paredes estava quase pronta, começamos a ouvir um barulho, era assim como: um galho rachando. Pronto o galho foi rachando lentamente, até que foi de uma vez, nossa queda foi amortecida pelos galhos e folhas, porém, a corda que estava amarrada no galho de cima foi desenrolado junto e ficamos a poucos palmos do chão. Minha irmã que estava próxima riu a valer disse que parecíamos dois iô-iôs gigantes. Foi uma sorte não quebrarmos a espinha, porém acho um barato a imagem de dois caras pendurados pela cintura numa árvore. Isso aconteceu há 35 anos atrás, mas até hoje lembro do seu formato, e sinto sua textura nos abraços.

---



---

**Ana Maria Tagliari**

12/10/2006

**A 07 – 45**

---

*Amigos da Unicamp, ♀, Plumeria rubra L., Jasmim Manga*

---

Tenho várias memórias boas com relação a alguma planta. A primeira que me vem à lembrança com carinho é a flor jasmim manga. Quando eu era criança, morava numa casa na cidade de Santo André, SP, e nesta casa havia um corredor comprido que separava minha casa com a casa dos vizinhos. Um desses vizinhos tinha várias árvores em seu quintal e uma delas era a do jasmim manga. O que acontecia era o seguinte. Em uma parte do corredor, bem na frente da cozinha e área de serviço, o piso ficava repleto de jasmim manga que caía da árvore. Era muito bonito e também tinha um cheiro gostoso que consigo me lembrar. Esta florzinha marcou minha infância pois sempre vou associá-la com este corredor na frente da cozinha de minha casa. Me lembro até de pegar uma flor de jasmim e colocar em cima da orelha para tirar uma foto... mas não está aqui comigo neste momento. Preciso procurar na casa de meus pais.

---



---

**Cláudia França**

15/09/2006

**A 08 – 32**

---

*Amigos da Unicamp, ♀, Miltonia santanan, Orquídea*

---

Hoje são 15 de setembro de 2006, e esperei este dia chegar para escrever sobre uma plantinha do coração. Adoro todas as flores, mas as orquídeas me são especiais. Cada vez que uma se abre, torna-se um acontecimento para mim. Hoje acordei com uma branquinha, dizendo-me bom dia. E eu lhe respondi “bom-dia-coisa-linda”. Aprendi isso com papai. A ter uma conversa especial com elas. Às vezes, ele me ligava só para me dizer que uma orquídea já estava se abrindo. Ou que alguma não conseguiria esperar minha próxima visita. Fazia o mesmo para os ipês. Mas as orquídeas sempre foram o assunto mais corrente entre nós. Manter “a conversa em dia” com as orquídeas, mesmo com aquelas que nunca se abriram para mim, me faz sentir a presença de meu pai ao meu lado. Não importa se a flor é rara ou se é uma orquídea comum, cada flor que se abre é um acontecimento, uma celebração da vida, da beleza e da simplicidade. Cláudia França, Uberlândia (MG)

---

**GAVETA B**  
**AMIGOS DA UnB**  
**AMIGOS DAS GERAIS**



---

**Liliza Mendes**

21/08/2006

**B 01 – 01**

---

*Amigos das Gerais, ♀, Cassia fistula L., Cássia Imperial*

---

Entre as tantas memórias botânicas, que a sua mensagem fez 'aflorar' em mim, optei pela lembrança emocionada que sempre tenho de uma linda acácia de pendentes cachos amarelos que iluminava, ano após ano, a casa de uma querida tia. Ela, e tantas outras belezas que habitavam essa morada de afetos, já não pertencem ao mundo das coisas, mas ainda brilham invictas na imensidão da memória. Essa árvore deu nome a uma outra casa, longe, na praia, a Acácia do Pontal, que também já não é mais parte da concretude do mundo, mas está sempre viva, junto às mais intensas lembranças de um tempo de muitas descobertas.

---



---

**Edmar Herméto**

01/09/2006

**B 02 – 17**

---

*Amigos da UnB, ♂, Polianthes tuberosa L., Angélica*

---

Foi interessante perceber como os fatos e suas associações permanecem vivos na memória. Situações, aromas, e até sabores foram lembrados, em uma sucessão quase frenética. Como selecionar? São tantas lembranças boas, de tamanha importância. Mas separei duas, relacionadas a situações e pessoas distintas, muito caras na minha vida. Deixo a vc a arte de escolher a mais significativa, se vc conseguir. (rsrsrs) Afinal, vc está presente nas duas.

Uma vez ganhei um ramalhete de Angélica, flor perfumada e bela, que deixou no meu carro a lembrança da mulher amada. Estava a caminho de BH e decidi passar por Congonhas do Campo onde deixei o ramalhete, aos pés de um dos Profetas, gesto que representou uma escolha definitiva. A Angélica tem o perfume do amor e me faz lembrar você.

---



---

**Breno Carvalho**

25/08/2006

**B 03 – 07**

---

*Amigos das Gerais, ♂, Calliandra brevipes Benth, Calliandra*

---

O nome da planta é Calliandra, também é conhecida como cerca viva e também sapatinho de bebê, ou pompom de bebê, pq ela dá uma florzinha que parece um pompom, muito delicadinha, tinha no jardim da casa que morava em São José do Alegre. Eu nasci nesta casa e vim embora pra cá com 4 anos. Esta é uma lembrança muito forte que eu tenho da minha infância, sempre que vejo esta planta me bate uma nostalgia muito grande.

---



---

**Patrícia Faria**

21/09/2006

**B 04 – 36**

---

*Amigos da UnB, ♀, Artocarpus integrifolia L., Jaca*

---

Estávamos viajando de carro, a caminho de mais um local de férias. Era mês de janeiro e o calor era insuportável! Minha mãe viu algumas pessoas vendendo jaca na beira da estrada e por ser a sua fruta favorita resolveu comprar uma... imagine! Foi simplesmente impossível agüentar aquele cheiro enjoativo o resto da viagem!

---



---

**Nadiella Monteiro**

07/09/2006

**B 05 – 24**

---

*Amigos das Gerais, ♀, Foeniculum vulgare Mill., Funcho*

---

O pé de funcho da vovó Maria

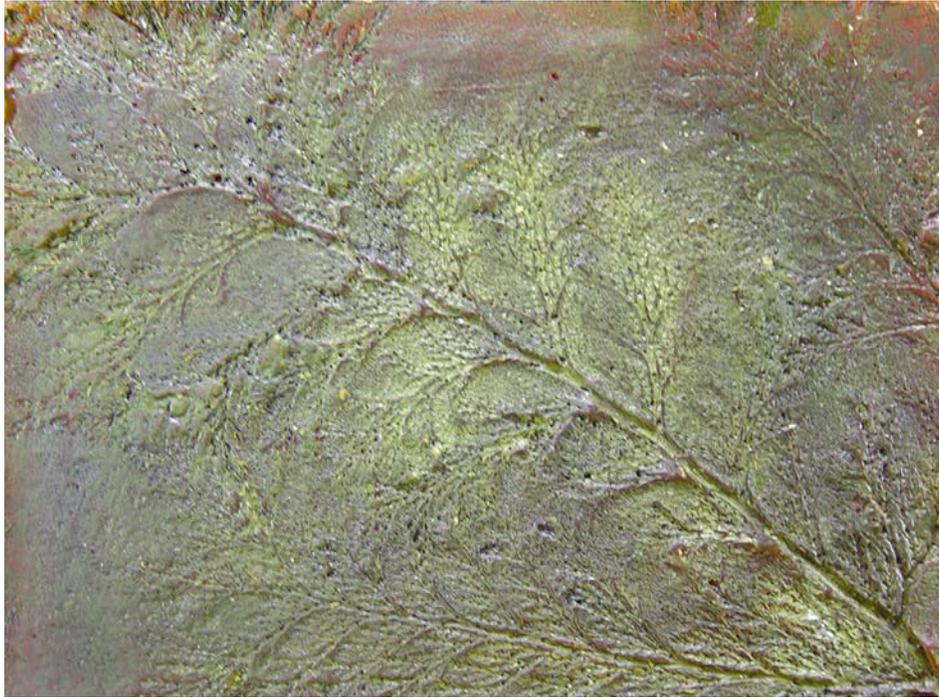
Na casa da minha avó tinha um pé de funcho. Era um arbusto de tamanho médio, com caule verde e fino, inúmeras folhinhas finas e com um cheiro, aaaahhh, um cheiro muito bom!

Mamãe levava pra casa um ramo e fazia chá.

Eu seguia sentindo o cheiro.

Pé de funcho tem cheiro da casa da vovó Maria.

---



---

**Patrícia Faria**

13/10/2006

**B 06 – 36**

---

*Amigos das Gerais, ♀, Chamaecypans obtusa, Tuia*

---

Quando dezembro chegava, ficava aguardando, na maior excitação e alegria, pela montagem da Árvore de Natal. Primeiro a escolha do pinheiro mais bonito, depois a escolha dos enfeites. Ficava fascinada com todas aquelas bolas de vidro e velas coloridas... para mim Natal tem cheiro e cara de pinheiro!

---



---

**Fernando Madeira**

28/08/2006

**B 07 – 16**

---

*Amigos da UnB, ♂, Carica papaya L., Mamão*

---

A planta que me acompanha desde a infância é o mamão. Eu sempre adorei esta fruta e quando era pequeno não podia comê-lo pois tinha intestino muito fraco e o mamão desanda. Vez por outra eu o comia escondido e depois tinha que assumir as conseqüências. Fiquei contente quando cresci e pude de novo degustá-lo e agora sem problemas. O mamoeiro é uma planta medicinal.

---



---

**Marisa Coli**

12/10/2006

**B 08 – 46**

---

*Amigos das Gerais, ♀, Sambucus australis Cham. & Schltdl., Sabugueiro*

---

Quanto a minha relação com alguma planta, não sei se posso ajudá-la. Sempre tive paixão por plantas, principalmente por árvores. De que me lembre e que me marcou mais foi a árvore do "Sabugueiro", não sei qual o nome correto, mas aprendemos desde muito cedo a gostar e saber que o chá desta planta tinha o poder de cura do sarampo. Então tínhamos muito cuidado com essa árvore. Ela tem uma floração linda toda branca em cachos, com folhas e galhos finos. Ela mais parece um arbusto. Essa planta é registrada em minha memória de maneira muito especial. Lembra minha infância, o perfume o alvoroço de muitas abelhas... enfim adoro lembrar dessa árvore.

---



---

**Clara Barreiro**

24/10/2006

**B 09 – 50**

---

*Amigos da UnB, ♀, Delonix regia (Bajer ex Hook.), Flamboyant*

---

Recordei-me do cheiro das palhas de arroz secas...  
brincadeira de esconder... férias em terra natal.  
recordei-me dos pés de milho  
generosos grãos dourada espiga...  
quitutes em mutirão  
justa separação do trabalho.  
recordei-me do perfume da almécega...  
sagrado banho no rio de ouro  
olhos rasos d'água.  
mas ela sempre teimava em estar lá...  
a postos, exuberante, frondosa  
na cancela que nos abria o pomar.  
corríamos da porta da casa  
atravessando o curral sem ser notados pelas vacas  
curto perigo!  
nos gramados de ruas eixo lá estava ela...  
florida, hipnótica, generosa  
impossível não perceber  
as gotas de leite em meio ao sangue das pétalas  
fusão ímpar de cor e forma.  
no campus universitário...  
antevendo o que viveria em saudosos bons tempos estudantis  
exibia-se ela escandalosa, abundante, suave e firme  
passeava não uma, mas várias de mãos dadas  
flamboyants vermelhos "no desmantelo da tarde" (com licença Alceu Valença)  
vou abraçar uma irmã sua hoje.

---

**GAVETA C**  
**AMIGOS DO PLANALTO**



---

**Andréa Nascimento**

06/10/2006

**C 01 – 44**

---

*Amigos do Planalto, ♀, Mimosa pudica L., Dormideira*

---

Quando eu tinha sete anos de idade perdi minha mãe, e sofri muito, mas uma das lembranças que tenho é que quando ela me levava para escola nós passávamos por uma estradinha de chão que tinha umas plantinhas, uma em especial me chamava atenção porque toda vez que passávamos por lá, minha mãe passava a mão sobre as plantinhas e falava "Fecha porta Maria que lá vem o boi" e então com o toque da mão dela as plantinhas se fechavam, e eu achava aquilo o máximo, pensava que minha mãe estava fazendo mágica.

---



---

**Graça Buratta**

27/08/2006

**C 02 – 10**

---

*Amigos do Planalto, ♀, Caesalpinia echinata Lam., Pau Brasil*

---

Estudei agronomia em Brasília e convivi com muitas espécies diferentes, inclusive, de outras regiões do Brasil. Mas, quando me formei, por opção, escolhi para plantar, na área de reflorestamento planejada pelo Diretório de Agronomia, um pau brasil. Atualmente não vou mais, mas, até pouco tempo atrás, eu ia lá para vê-lo. Atualmente, acredito que esteja bem grande, pois já são passados 29 anos!!!!

---



---

**Patrícia Faria**

21/09/2006

**C 03 – 36**

---

*Amigos do Planalto, ♀, Coffea arabica L., Café*

---

Na fazenda São Pedro, para onde íamos nas férias e passávamos grandes temporadas, a função da cozinha começava com o alvorecer... como era bom acordar bem cedinho com o estalar da madeira crepitando no fogão... aquele cheiro bom de café recém passado... uma luz suave lá fora... e lá dentro o aconchego da família...

---



---

**Martha Almeida**

28/08/2006

**C 04 – 12**

---

*Amigos do Planalto, ♀, Psidium guajava L., Goiabeira*

---

Quanto à minha modesta contribuição para sua tese, lembrei-me de três plantas da minha infância. Uma era um pé de goiaba, que tinha em casa. Eu adorava goiabas. Mas, gostava também de pegar as folhas e brincar de casinha. As folhas da goiaba eu fingia que eram couve e cortava fininho com gilete, para fazer couve à mineira. Um dia, cortei o dedo e sempre me lembro, quando vou tirar impressão digital. Lá está a cicatriz!

---



---

**Fátima Augusto**

27/09/2006

**C 05 – 37**

---

*Amigos do Planalto*, ♀, *Carica papaya* L., Mamão

---

Fui criada num pequeno sítio. Tínhamos muitas flores e frutas variadas. Eis que nos idos anos 60, num lindo mês de setembro e daí a alguns dias faria aniversário de dois anos uma priminha de 2º grau que eu adorava. Um dos doces escolhidos para ser feito era o de mamão verde que todos adoravam. Não é que justo neste dia não tínhamos um mamão sequer em nenhum dos pés que tínhamos. Bem, só apelando para os vizinhos. Nenhum deles tinha. Só encontrei na casa de uns portugueses. Toquei a campainha e pedi. Eram vários pés de mamão. Todos carregadinhos, mas a danada da portuguesa negou. Bem, passadas algumas horas, subi no muro que divisava a casa de uma tia minha com estes portugueses e confisquei (roubei) o mamão. Pois não é que a portuguesa no dia seguinte ao confisco sentiu falta do mamão no meio de todos aqueles pés carregados e foi fazer queixa a minha mãe. Final da história, enrolei todos os tipos de docinhos, ajudei em tudo e no dia da festa não fui. Minha mãe me colocou de castigo para que eu nunca mais fizesse isto e disse: — Vocês se preocupam a olhar para os lados e esquecem de olhar para cima onde está aquele que tudo vê. Moral da história, nunca mais peguei nada de ninguém, mesmo achando até hoje que a portuguesa é que não tinha razão. Aquela miserável.

---



---

**Nininha Bernardes**

01/09/2006

**C 06 – 18**

---

*Amigos da vida, ♀, Euterpe edulis Mart., Palmito*

---

Olha só... eu não sei o nome científico, mas uma coisa que marcou minha infância foi uma planta chamada palmito...

Eu morava em um sítio e na sexta-feira da paixão meu pai foi até a um local, que ficava no meio da mata, pra pegar palmito pra comermos...

Ele foi mordido por uma cobra e ficou mal... mas conseguiu sair dessa...

Me marcou muito porque eu era criança e não tinha noção da gravidade... vi minha casa se encher de gente, sabe como é o povo de lugar pequeno... todos se preocupam...

Mas é isso... acho que a cobra estava junto ao pé de palmito... foi horrível...

---



---

**Martha Almeida**

28/08/2006

**C 07 – 12**

---

*Amigos do Planalto, ♀, Jasminum nitidum Skan, Jasmim estrela*

---

Finalmente, lembro-me muito do jasmim. Aquele que é uma trepadeira e a flor parece uma estrelinha. Quando criança, eu ficava na janela e havia um senhor, que trabalhava na Prefeitura de BH. Ele ia a pé para o trabalho, passava em frente de casa e todos os dias me levava um raminho de jasmim. Eu já sabia a hora e dizia para a babá ou para mamãe: lá vem o vovô das flores e ia receber meu bouquezinho. Já em Brasília, para lembrar de minha infância, plantei um pé de jasmim perto de meu quarto e ao anoitecer sentia aquele perfume, que eu acho delicioso.

---



---

**Evelyn Tom Back**

29/10/2006

**C 08 – 54**

---

*Amigos do Planalto*, ♀, *Persea americana* Mill, *Abacateiro*

---

A segunda é um abacateiro que tinha no quintal da minha casa em Belo Horizonte. Além dos abacates, fruta que sempre gostei, ele era meu refúgio.

Quando estava triste subia seus galhos e me sentava num galho em forma de forquilha. Às vezes, estudava lá, pois levava uma almofada e ficava horas sentada lá em cima. Ele também servia para minhas brincadeiras de circo, já que tinha um galho no sentido horizontal que para mim era meu trapézio. Foram muitos tombos e machucados, mas era uma delícia. Além de tudo ele servia para que eu me escondesse quando tinha feito algo errado e queria fugir dos chinelos da minha mãe.

---



---

**Paulo Hummel**

26/10/2006

**C 09 – 51**

---

*Amigos do Planalto, ♂, Plectranthus barbatus Andrews, Boldo*

---

#### O PÉ DE BOLDO

Lá pelos idos dos anos 80, tempo em que era bem mais chegado a uma cerveja do que hoje, eu quase acabei com um pé de boldo que minha mãe mantinha em um vaso, na varanda do apartamento dela. Volta e meia eu aparecia por lá para tomar um chá da amarga planta, que mal tinha tempo de se recuperar... Com receio de perder a sua planta, Dona Wanda providenciou o plantio de uma muda do boldo em um vaso de barro, com o qual me presenteou. Mas fez questão de dizer que queria o seu vaso de volta. Instalei o vaso na varanda do meu apartamento, estrategicamente colocado em um local que permitia que fosse regado pela água das chuvas, pois eu morava só e viajava muito a trabalho. Apesar de muito explorada, até pela vizinhança, a planta prosperou...

Algum tempo depois, já quase concluindo a construção de uma casa no Lago Norte, decidi plantar o boldo naquele local. Em uma manhã, entreguei o vaso ao caseiro da obra, acompanhado de adubo e calcário, ao qual pedi que o plantasse, em local que escolhi. Na oportunidade ainda brinquei com o Seu Zé: — O boldo não vê a hora de espichar as pernas... No dia seguinte, ao chegar à obra, perguntei ao caseiro, um homem muito simples e matuto, se havia plantado o boldo. Ele respondeu-me positivamente e, prestativo, levou-me até o local em que havia colocado a planta. Satisfeito, perguntei-lhe então pelo vaso, pois eu pretendia devolvê-lo à minha mãe. Ao que, pra meu espanto, ele respondeu: — Ora, plantei o vaso junto... Foi uma gargalhada geral entre eu e os demais empregados da obra. Refeito o seu plantio, o boldo cresceu forte e revigorado e durante muitos anos ainda prestou-me incomensuráveis serviços...

---

**GAVETA D**  
**AMIGOS DO PLANALTO**



---

**Denize de Fátima Borgatto**

27/11/2006

**D 01 – 58**

---

*Amigos do Planalto, ♀, Hymenaea courbaril L., Jatobá*

---

O colo do Jatobá

Desde criança sinto uma ligação muito forte com o reino vegetal. As melhores lembranças de minha infância estão relacionadas aos passeios que fazíamos no Cerrado: suas flores, arbustos, frutos deliciosos e, em especial, suas árvores.

As árvores sempre me fascinam. Imaginar um ser que leva anos e anos para crescer, sempre parada no mesmo lugar, exposta e entregue às forças da natureza... lançando seus galhos em direção ao céu, ao mesmo tempo em que suas raízes expandem-se na terra em busca de alimento e sustentação — uma conexão perfeita Terra-Céu. Para mim um exemplo de doação, enquanto utiliza estratégias diversas para se adaptar, para crescer e expressar seu potencial, oferece abrigo, esconderijo, alimento e colo...

Já na fase de adulta, fui participar com um grupo de meditação de uma vivência de fim de semana na chácara Vida Mansa. Em uma das vivências, foi sugerido que fôssemos caminhar. Decidi entrar numa área com um resquício de uma mata ciliar. Naquele dia eu me sentia extremamente triste e angustiada. Logo na entrada da mata encontrei uma árvore alta de jatobá. Senti vontade de parar e abraçar aquela árvore. Foi um momento mágico. Senti que podia deixar que toda a tristeza e a angústia saíssem do meu peito. O Jatobá estava me oferecendo o colo, o apoio e o alívio que eu precisava. Chorei, conversei, agradei a Deus por aquele encontro

---

---

com minha “irmã árvore”.

---



---

**José Viana**

03/10/2006

**D 02 – 43**

---

*Amigos do Planalto, ♂, Euterpe oleracea Mart., Palmeira açáí*

---

Uma flor, uma planta, uma semente.

Lembro na minha adolescência, vagando pelas praias da Baía do Sol, um lugar à margem da baía do Marajó, ou rio Pará, olhava com atenção cada espécie de planta que se arrastava com as águas do inverno amazônico, contorcidas em suas formas estranhas e belas.

Ficava a imaginar de onde teriam vindo. Será que da Terra ou do espaço.

A imaginação fértil mandava pensar que estariam a flutuar de uma longa viagem espacial. Via a planta de Marte, de Vênus ou de Plutão.

Sentava na areia e viajava no pensar, rodeado de sementes de andiroba, seringa, olho de boto e tantas plantas das várzeas férteis, ricas de espécies oleaginosas, como o buruti, açáí, tucumã e a bacaba, que devem ser um presente dos deuses viajantes, felizes com os prazeres tropicais.

Molhava os pés plenos de areia nas águas tépidas e borbulhantes da praia grande e encoberta de uma vegetação nativa tão frondosa, singrada por veios d'águas frias, continuando a vagar pelas praias desertas de meus tenros anos.

Um belo herbário e abraços do amigo, que por coincidência agora viaja no ciber

---

---

espaço e começa a ouvir Madressilva em flor, cantada por Nana Mouskouri em Nana Latina, é lindo e fecha com ouro estas linhas.

---



---

**Vicente Celestino**

13/09/2006

**D 03 – 25**

---

*Amigos do Planalto, ♂, Mangifera indica L., Mangueira*

---

A mangueira marcou a minha infância porque com doze anos fomos morar em Belém, capital do Estado do Pará, conhecida como a cidade das mangueiras. Fomos morar perto da casa de um senhor chamado Jacob, muito amigo nosso, quase parente, ele tinha uma sobrinha da minha idade chamada Sônia.

Sônia era uma morena linda que mexeu com os meus hormônios. No terreno da nossa casa tinha uma mangueira, cujas mangas eram deliciosas. Certa ocasião, colhi uma manga bonita, perfeita, resolvi dá-la à Sônia, só que eu era gago, faltava-me coragem para fazer a entrega e ao mesmo tempo demonstrar o meu interesse e intenção de conquistá-la. O tempo passou, a manga apodreceu, e até hoje ela não sabe que foi a primeira menina a mexer com os hormônios de um menino de doze anos.

---



---

**Martha Almeida**

28/08/2006

**D 04 – 12**

---

*Amigos do Planalto, ♀, Saintpaulia ionantha Wedl., Violeta*

---

A outra planta que me vem à memória é a violeta. Plantei um canteiro com violetas na entrada de carro da casa de meus pais. Gostava muito de colher algumas folhas, colocar ao redor de algumas flores, como num bouquet e dar para as pessoas.

---



---

**Rafael Faria**

27/02/2007

**D 05 – 62**

---

*Amigos do Planalto, ♂, Mangifera indica L., Mangueira*

---

Outra lembrança legal são aqueles dois pés de manga-ubá que meu pai sempre disse que plantou com pote de leite ninho (ou era de papinha) minha e que eles tinham a minha idade... sempre achei o máximo isto, pois ficava imaginando como eles podiam ter a mesma idade que eu e ser tão grandes, rrsrs...

---



---

**Patrícia Faria**

13/10/2006

**D 06 – 36**

---

*Amigos do Planalto, ♀, Platanus occidentalis, Plátano*

---

Morei em São José dos Campos por 6 meses. Nesta ocasião tive a oportunidade de visitar Campos do Jordão desde janeiro até julho... fiquei simplesmente fascinada com os Plátanos. Essas árvores formam alamedas na maior parte das ruas de lá. Durante todo o ano suas folhas mudam de tonalidade: no verão são verdes e à medida que o outono se aproxima as copas das árvores parecem labaredas de fogo com tons que vão do ocre até o vinho. Durante o inverno elas perdem as folhas e hibernam à espera de uma nova brotação. Simplesmente incrível!

---



---

**Graça Buratta**

27/08/2006

**D 07 – 10**

---

*Amigos do Planalto, ♀, Brunfelsia uniflora (Pohl), Manacá*

---

Até os 5 anos, morei com minha avó materna que morava numa casa com um quintal grande, com algumas árvores frutíferas tipo, mangueira, abil, abacate e goiabeira; um bambuzal maravilhoso a beira de um rio que passava no fundo do quintal, onde tomávamos banho e pegávamos peixinhos de aquário; também haviam muitas plantas ornamentais, como um pé de manacá perfumadíssimo à frente da porta da sala e da janela do quarto em que eu dormia com minha avó; e alguns pequenos plantios sazonais, como moranguinhos.

---



---

**Paula Spinelli**

03/10/2006

**D 08 – 41**

---

*Amigos do Planalto, ♀, Helianthus annuus L., Girassol*

---

Aos cinco anos de idade perguntei a minha avó materna como nasciam os bebês. Didática como sempre (era professora de artes) e com muita delicadeza me levou até o jardim da minha casa onde tínhamos alguns Girassóis plantados. Ela me pediu que abrisse a mão e colocou uma semente da planta, retirada de seu miolo e explicou que a origem da vida vinha dali... de uma sementinha.

Fiquei confusa, mas ela logo tratou de esclarecer: “Seu pai guarda uma semente dentro de si e essa sementinha é plantada com muito amor, por ele mesmo, dentro de sua mãe. Ela a alimenta para que se desenvolva e se torne um belo bebê que cresce durante nove meses dentro de sua barriga, sob seus cuidados e, quando pronto para receber as graças que o mundo tem para oferecer, ele nasce. Foi assim com o seu irmão e foi assim com você também”.

Em seguida, cavamos um buraco na terra, perto dos outros Girassóis, onde colocamos a semente de Girassol, cobrimos de terra e minha avó me encarregou de todas as manhãs, regar o local em que plantamos a semente. Obedeci a seu pedido e dias depois a planta começou a brotar, cada dia maior até nascer a flor, sempre acompanhando a rota do sol. Minha avó comentou: “Viu só, você foi responsável pelo desenvolvimento dessa plantinha. No futuro ela deixará sua semente cair no solo, a chuva e a terra irão alimentá-las e seu desenvolvimento acontecerá naturalmente!”. Assim aprendi sobre o começo da vida...

---



---

**Flora Rodrigues da Silva**

11/03/2007

**D 09 – 65**

---

*Amigos do Planalto*, ♀, *bougainvillea spectabilis willd.*,  
*Bouganville/Primavera*

---

A minha melhor lembrança de criança é da época em que morávamos na fazenda. Nos finais de semana íamos à fazenda de um parente, que tinha na entrada da casa muitas árvores e entre elas tinha um pé de Primavera, que florido de um rosa lindo me fazia acreditar que o mundo era assim, florido e lindo. Tenho saudades até do cheiro do entardecer na fazenda.

---



---

**Paulo Antônio Andrade Pinto**

24/08/2006

**D 10 – 05**

---

*Amigos do Planalto, ♂, Pouteria torta(Mart.) Radlk, Abil*

---

Eu sou muito ligado em plantas, principalmente árvores. Tenho sempre a recordação do Pé de Abil da casa da D. Laura. Nossa vizinha em Ubá. A velha não comia as frutas e nem as doava. Então eu pulava o muro e as furtava.

---

**GAVETA E  
AMIGOS DA MANTIQUEIRA**



---

**Mila Leandro**

28/03/2007

**E 01 – 67**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♀, Cassia leptophylla Vog., Cássia*

---

Lembro muito bem da “minha árvore”. Ela ficava na praça da matriz e dava lindas flores amarelas. Para mim ela era tudo, balanço, refúgio... Um dia a prefeitura fez uma reforma na praça e cortou a minha árvore! Até adoeci de tanta tristeza!

---



---

**Graça Buratta**

27/08/2006

**E 02 – 10**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♀, Bambusa gracilis hort. Ex Rivière, Bambu*

---

Depois que vim morar em Brasília só ia para essa casa nas férias e era ótimo, sempre tinha motivação, novidades e artes, como uma que depois de subir bem alto num bambu escorreguei e ao chegar ao chão enfiei no calcanhar num broto de bambu, p. q. p., doeu para caramba, minha tia retirou o broto do meu pé e, como minha vó estava dormindo, para que eu não a acordasse com os meus gritos, colocou uma toalha na minha boca!!!!

---



---

**Eliana Marzulo**

20/09/2006

**E 03 – 34**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♀, Chorisia speciosa St. Hil., Paineira*

---

Minha mãe veio de uma família italiana, barulhenta e grande. Eram muitos irmãos. Ela sempre gostou muito de ler. E, desde muito nova, ouvia minha mãe contar que, para ler seus livros sossegada, subia numa árvore no fundo do quintal. Não tivemos árvores no quintal, mas se você for a Barra, em frente ao Casarão, você verá a minha árvore. É uma paineira, enorme e maravilhosa e que forma com as suas raízes um ninho muito aconchegante. Passei muitas férias lendo nesse ninho. Foram muitas histórias de romance e aventuras. A vi nesse feriado de 7 de setembro, continua maravilhosa. Tenho até uma foto tirada nesse local, mas não lendo.

---



---

**Iolanda Lago**

13/09/2006

**E 04 – 27**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♀, Abutilon striatum Dicks. Ex Lindl., Abutilon / Brinco de princesa*

---

O Luiz comentou comigo a respeito da sua pesquisa, achei bem interessante, estou enviando minha contribuição, espero que lhe seja útil.

Bem, as lembranças são muitas, envolvem diversos tipos de plantas, mas pelo que entendi só devo enviar uma, então vou eleger como minha representante uma flor bem singela, o "Brinco de Princesa", pesquisei no Google e só encontrei esta imagem, tenta acessar pelo endereço abaixo ou veja se abre a foto anexada. [www.expansys.cn/zoompic.asp?type=user&code=1554](http://www.expansys.cn/zoompic.asp?type=user&code=1554)

Esta planta/flor representa minhas primeiras experiências com tentativas de formar mudas e ir enfeitando o jardim com mais e mais plantas. Ela era fácil de lidar e eu ia tentando obter variações de cores e era sempre uma alegria quando elas floresciam (essa época corresponde mais ou menos dos meus 10 a 13 anos).

---



---

**Ana Carla Faria**

14/09/2006

**E 05 – 30**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♀, Psidium guajava L., Goiabeira*

---

Patrícia, lembrei... rs... Quando era pequena e comia muita bobeira e tinha dor de barriga a minha vó fazia chá com folhas da goiabeira pra mim.... rs

---



---

**Sérgio Lázaro**

13/09/2006

**E 06 – 28**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♂, Prunus campanulata Maxim., Cerejeira*

---

Vocês já puderam contemplar as flores de minha paixão, este ano.

Isto foi há uns vinte anos, eu pescava com meu pai no bairro da Ponte de Santo Antônio em Itajubá, quando vi pela primeira vez uma cerejeira em flor. Foi amor a primeira vista. Sempre imaginava uma daquelas árvores em meu quintal, hoje não só tenho em meu quintal, como também no meu local de trabalho e estou levando algumas para plantar na escola. Fiz algumas mudas para presentear meus amigos, pois é uma coisa que me causa muito bem, não só a vista como também à alma. Acredito valer a pena compartilhar. É claro que as pessoas são tocadas de forma diferente, mas a expectativa pelas flores da cerejeira este ano foi tão grande que eu as visitava diariamente e acompanhei as mesma desde o mais pequeno sinal até a sua despedida para se tornar frutos.

---



---

**Luiz Sorrenti**

06/09/2006

**E 07 – 21**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♂, Ingá edulis Mart., Ingazeiro*

---

Minha memória de criança tem relação com a fruta do ingazeiro. Toda vez que vejo ingá ou quando como a fruta, meus tempos de criança na roça em Cunha-SP (entre Guaratinguetá e Parati) afloram à minha consciência.

---



---

**Elisa Marsulo**

01/10/2006

**E 08 – 38**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♀, Myrciaria cauliflora (Mart.) O. Berg, Jaboticabeira*

---

Estou atrasada, mas cheguei! Uma árvore frutífera, entre outras tantas, que marcou minha infância e adolescência foi a jaboticabeira. Sempre passávamos férias na Barra (fazenda da família). Nas férias de final de ano, que coincidia com a época das jaboticabas, era tradição irmos a uma fazenda vizinha para apanhar e chupar a deliciosa fruta, lá era onde estavam as maiores e mais gostosas. Quando menores, só tínhamos o direito de ficar no chão, aguardando as frutas colhidas pelos outros. Não havia abuso e nem reclamação. Era uma norma estabelecida e seguida à risca, se quiséssemos participar da aventura. Porque era uma aventura. Ficávamos olhando para cima e imaginando se no ano seguinte já teríamos o direito de subir no 1º galho e colher nossa própria fruta, pois sempre as maiores e melhores estavam no ponto mais alto. Todo ano era a mesma coisa. O que diferenciava era o direito de subir cada vez mais alto e escolher até onde ir, que fruta apanhar, quantas apanhar, saboreá-las no local ou depois. O interessante é que através de um hábito de férias, foi inculcido em nossa personalidade o respeito às regras e a certeza de que tudo podemos e conseguiremos, se de fato for esse nosso desejo e soubermos dar os passos certos para a conquista.

---



---

**Rodrigo Mello dos Santos**

03/10/2006

**E 09 – 40**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♂, Myrciaria cauliflora (Mart.) O. Berg, Jaboticabeira*

---

Meus avós todos são de uma pequena cidade no extremo oeste do Estado de São Paulo. Por serem os avós de lá, meu pai e minha mãe acabaram por nascer e casar ali. Eu e minhas irmãs já nascemos na capital do Estado, para onde meus pais vieram ganhar a vida. Minhas irmãs e eu passávamos, invariavelmente, as férias longe dos pais e perto dos avós. Lá no interior, ficávamos meses na casa dos pais de meu pai. Os avós paternos tocavam um comércio. Vendiam de tudo, desde alfinete até geladeira. A loja ficava, ficava não, fica, na frente da praça da cidade e se estende por umas seis portas. Meus avós moravam no fundo da loja. Bem, queria dizer que minha avó ainda está lá, sentada à frente das lojas, como se já não houvesse alugado todas as portas. A casa de meus avós no fundo da loja sempre foi uma sobreposição de construções ao redor de um pátio. Tinha de tudo: cozinha, quarto para alugar, depósito, cobertura para a gente comer, tanque de lavar, banheiro... Só não tinha jardim. Pois é, não tinha jardim. Mas não precisava. Havia uma imponente jaboticabeira no centro do pátio, cercada por concreto por todos os lados. As minhas primeiras lembranças da jaboticabeira estão ligadas à quantidade inacreditável de jaboticabas que ela dava. Lembro-me que ficava até difícil ver o tronco. Eu tinha impressão que as jaboticabas eram intermináveis, porque parecia que as comia durante toda as férias. As próximas lembranças que tenho são de minhas trepadas na árvore. Lembro bem dos galhos que não podia alcançar, bem como daquelas que não era prudente tentar. Demorou certo tempo para eu entender que não poderia arrancar as frutas só porque atrapalhavam meu pé de apoio. Quando já não podia, ou não queria mais subir na jaboticabeira, ela continuou a ajudar na diversão. Agora fornecia forquilhas, varetas e infinitas gulodices. Confesso que durante anos, principalmente quando a diversão deixou de ser passarinhos, peixes e rios, esqueci a árvore. Só vim a querer saber dela quando percebi que já não produzia como antes. Ou melhor, quando produziu, em determinado ano, meia dúzia de jaboticabas. Não sei direito quando foi isso, parece-me que pode ter sido perto de quando meu querido avô adoeceu. De toda maneira, sei que a jaboticabeira não agonizou muito. Ficou uns anos sem produzir, e, num temporal de dezembro, dobrou e não resistiu. Este fato foi muito difícil de ser explicado pelos meus tios. Uma jaboticabeira não quebra facilmente, muito menos aquela. Suspeitei de sabotagem.

---



---

**Luis Felipe Branquinho**

12/04/2007

**E 10 – 68**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♂, Goiabeira Psidium guajava L., Goiabeira*

---

Tenho muito forte em minha memória o tempo em que passei minhas férias de criança, um período entre 6 e 8 anos, em Porto Alegre-RS. Era a cidade onde moravam as minhas bisavó (Maria) e avó (Vicentina) paternas, e o local onde moravam era fantástico: uma pequena chácara com várias árvores frutíferas, parecia o Sítio do Pica-pau Amarelo. Minha bisavó, muito velhinha, de cabeça branca e corpo fransino ficava do lado de fora de sua casa, sentada numa cadeira confortável, enquanto minha irmã, alguns primos e eu brincávamos no terreiro. A referência que eu tinha era uma goiabeira, sobre a qual subia, corria toda sua extensão, de galho em galho, ora buscando uma fruta, ora me esquivando para não ser pego no pique-pega. Do alto, podia ver a casa da bisavó e de minha avó, onde minha mãe ficava nos olhando e zelando, com alguns gritos, para que não nos machucássemos. As lembranças das brincadeiras na árvore e perto dela me fazem sentir mais próximo a presença dessas duas figuras maternas: bisavó e avó. É como se elas estivessem do meu lado, estáticas, a me olhar, posso sentir suas presenças quando lembro daqueles momentos... e volto a ser criança... e fico estático nas recordações...

---

**GAVETA F**  
**AMIGOS DA MANTIQUEIRA**



---

**Carlos Lara**

28/10/2006

**F 01 – 52**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♂, Tillandsia pohliana Mez, Bromélia*

---

Estava com uns amigos, desbravando uma cachoeira na Serra dos Toledos. A medida que descíamos pelas pedras, novos cenários vislumbravam a nossa frente. Paramos para umas fotos num lugar cheio de pequenas piscinas naturais. Uma forte ducha de água fria nas costas... Tudo lindo, a vegetação exuberante... etc...

Eu estava com o corpo todo submerso numa daquelas piscinas, e de repente caiu sobre mim, sei lá de onde, algo parecido com uma crista de abacaxi, veio rolando pelas águas e chegou a me ferir superficialmente o rosto. Na mesma hora agarrei aquilo e brinquei que havia caído do céu. Um presente de Deus pra mim.

Um dos meus amigos, biólogo, na mesma hora disse que aquilo era uma bromélia. Planta nativa, exótica, e me mostrou várias delas nos galhos das árvores. Fiquei encantado pela beleza das flores, e resolvi trazer aquele presente pra casa. Me dispus a adotar aquele rebento.

Apreendi as técnicas de cultivo e reprodução das bromélias através de um manual da Associação Brasileira dos Colecionadores de Bromélias que consegui emprestado.

Acabei me tornando um modesto colecionador e hoje posso me gabar de alguns belos exemplares dessa planta que aos poucos fui adquirindo e acrescentando a minha coleção. Cada plantinha tem a sua história de como entrou em minha vida. Umhas adotadas, outras compradas, e ainda aquelas recebidas de presente.

---



---

**Nadiella Monteiro**

07/09/2006

**F 02 – 24**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♀, Musa paradisíaca L., Bananeira*

---

Morei um tempo em Guanhães, numa casa que possuía um grande quintal. É claro que o terreno era bem pequeno, mas quando se é criança o mundo é sempre muito maior do que é mesmo.

Nos escondíamos atrás das bananeiras brincando pelo quintal. Das flores construíamos barcos, que velejavam tranqüilos pelo pequeno córrego que corria no fundo. Isto quando não atravancavam nalgum pedaço de pau!

Um dia meu pai fez muitos pés-de-moleque e colocou cada um deles, ainda quentes, sobre uma grande folha de bananeira. Que, aliás, dá uma toalha de mesa linda!!

Sem falar na banana, *Musa paradisiaca*, fruta boa e muito inteligente!

---



---

**Dayla Isabel**

31/10/2006

**F 03 – 55**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♀, Musa paradisíaca L., Bananeira*

---

Quando eu era pequena e a gente ia passar as férias de fim de ano em Itajubá, quase todas as tardes chovia e eu ficava sentada na varanda da casa da chácara, olhando para o morro, vendo a chuva vir vindo, chegando lá no alto do bananal. Ficava vendo o dia escurecer com a chuva, ela vindo e escurecendo, lá do alto até aqui em baixo, o barulho aumentando gradativamente, aquele cheirinho de primeiro de poeira, e depois de terra molhada.

Do bananal eu podia escutar a água batendo nas folhas, o barulho, o cheiro, o escuro parcial.

Era muito bom.

Acho que nunca mais eu tive tempo para ficar vendo a chuva vir vindo, devagar ou depressa. Ver ela cair inteirinha. O céu fechar e depois o sol se abrir. O cheiro de pó e depois o cheirinho de terra molhada.

Ah! Como isso faz falta!

---



---

**Maria Ignêz e Besita Rennó**

19/09/2006

**F 04 – 33**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♀, Mangifera indica L., Mangueira*

---

#### A MANGUEIRA MÁGICA

Nascemos numa linda casa antiga, na rua Xavier Lisboa, uma rua bem no centro de Itajubá. Porém, o fato de estarmos no centro da cidade, não nos impedia de viver num espaço amplo, com tudo que uma infância necessita para ser feliz e bem vivida. Na época não tínhamos alcance para compreender que vivíamos num paraíso!...

Nossa casa, além de muito ventilada e espaçosa, tinha mais de um quintal: no primeiro, cimentado, havia um galinheiro, um grande barracão para guardar quinilharias, uma tulha e muitos esconderijos no porão, onde se guardava a lenha

---

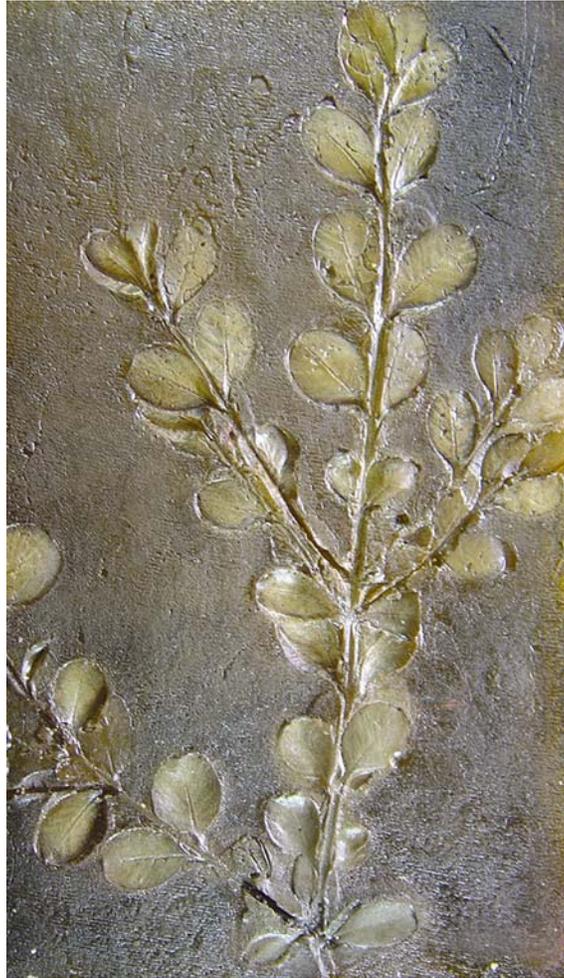
---

para o fogão; o segundo quintal era o pomar, nosso predileto, que tinha mangueiras enormes, laranjeiras e muitas outras qualidades de frutas; o terceiro e maior quintal, tinha um pastinho enorme, que papai emprestava para alguns charreteiros colocarem seus cavalos. Este terminava no rio Sapucaí, onde, de vez em quando, mamãe nos deixava andar de canoa. Portanto, morávamos numa “chácara” em pleno centro da cidade. Pois bem, havia uma pequena mangueira, no fundo do segundo quintal, que era a nossa preferida, pela maior facilidade para galgarmos seus pequenos galhos. Porém, havia um senão. Como a mangueira ficava mais longe do olhar de mamãe, ela só nos permitia ir lá, quando estávamos em férias, pois, durante as aulas ela não conseguiria chamar-nos para chegarmos a tempo na escola. Nós e nossas amiguinhas, nas férias anteriores, havíamos pregado, num galho bem alto da mangueira, um grande caixote, com tampa de dobradiça, tendo sido este trabalho feito por alguns meninos de nossa turminha. A finalidade do caixote era deixar guardados os brinquedos que utilizávamos, todos os dias, durante as férias, para brincar lá em cima. Ou seja: bonecas, panelinhas, mesinhas, enfim, tudo que é necessário para se brincar de “casinha”. Ao terminarem as férias, levamos para dentro de casa todos os brinquedos e deixamos o caixote no mesmo lugar, já preparado para as férias seguintes. Então, quando terminamos as provas e já estávamos novamente em férias, fomos, com nossas amigas, em desabalada correria até nossa mangueira, com os brinquedos em punho, para começar a brincadeira imediatamente. Eu, por ter as pernas mais compridas da turma, corria na frente e atrás vinham todas as outras, numa louca e barulhenta correria. Chegamos à mangueira. Comecei, apressadamente, a galgar seus galhos e, atrás, todas as outras seguiam no mesmo ritmo. Cheguei ao caixote, e, ao abrir-lhe a tampa tive um enorme susto... Lá dentro havia um bicho (no meu entender, um bicho bicudo, que eu não conhecia), com uma infinidade de filhotinhos, que, no susto, eu nem poderia dizer quantos eram!... Ao mesmo tempo que gritava “um bicho bicudo, um bicho bicudo” ia descendo violentamente, atropelando minha irmã e as outras meninas, enquanto elas, também saíam correndo e gritando o mesmo estribilho: “um bicho bicudo, um bicho bicudo”, sem nem ter visto aquela “calamidade” que me assustara tanto...

Resultado: mamãe mandou nosso jardineiro subir lá para ver o que acontecera e este constatou que o bicho bicudo era uma gambá que, tendo encontrado pronto um ninho grande e aconchegante, escolhera o lugar para parir suas crias... Depois de ser expulsa do caixote, a bicharada fugiu e nós pudemos voltar à nossa brincadeira. Mas o fato nunca mais foi esquecido e é lembrado sempre com muita alegria, pois coloriu a nossa infância e abriu-nos os olhos para nossa fase adulta.

Moral da história: “Nunca deixe um ninho pronto para visitantes invasores inoportunos”!

---



---

**Ana Maria Tagliari**

12/10/2006

**F 05 – 45**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♀, Buxus sempervirens L., Buxinho*

---

Outra lembrança com plantas também vem de minha infância. Na casa de minha avó paterna, na cidade de Mauá, SP, haviam vários arbustos no seu quintal que dividiam os espaços. Eu não sei o nome destes arbustos, mas eram várias folhas pequenas e grossas com um verde escuro. O interessante que me vem à memória é que quando eu era criança, achava que aqueles arbustos eram suuuper altos... e há alguns anos atrás quando eu fui até esta casa novamente percebi que não são... Era tudo uma questão de referencial de altura da criança.

---



---

**Célia Rennó**

25/08/2006

**F 06 – 08**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♀, *Sechium edule* (chuchu), Chuchu*

---

Uma parreira da casa de minha avó materna também me traz boas lembranças, assim como o pé de chuchu que havia no quintal da segunda casa que morei na vida. Brinquei demais com ela.

---



---

**Paulo César Prince**

02/09/2006

**F 07 – 20**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♂, Potentilla fragariastrum Ehrh., Fragaria*

---

Lembro-me na minha infância que íamos eu, meus irmãos, minha mãe, junto com meu saudoso pai, ajudar na cata do marmelo e na re-cata. Era férias escolares e para nós tudo era muito gostoso pois poderíamos sair da nossa rotina caseira e ir para a roça, na realidade o que nós queríamos mesmo era brincar, subir nas árvores, comer pêssego solta caroço no pé, pêra, tomar aquela limonada geladinha feita de limão vermelho graúdo, sapecar o pinhão no fogo de chão, comer aquela galinha caipira feita na hora pela minha mãe... tudo tinha um gosto, uma magia tão inexplicável, que só hoje entendo como era bom aqueles tempos de criança, nas férias lá no Brumado. Interessante que também não entendia o significado da palavra brumado, hoje entendo, pois sempre a serra do São Bernardo está envolta por uma bruma densa, parece que a serra está fumando, mas uma fumaça pura, um cobertor de alvas nuvens passageiras nas tardes de verão.

Pura nostalgia? Talvez!, mas muita coisa tem cheiro e gosto de infância, numa época em que cada fase da vida era vivida em seu verdadeiro e certo tempo, e não abreviado e antecipado como nos dias de hoje. Dentre as várias recordações que

---

---

tenho de minha infância, uma, até hoje me deixa com água na boca e com vontade de retornar ao passado. Colher as fragalhas debaixo dos velhos e frondosos marmeleiros; numa atmosfera de sombras, a luz do sol penetrava por entre as velhas ramagens e fazia cobertura para um salão, onde os troncos retorcidos dos velhos marmeleiros com mais de 50 anos plantados pelo meu avô Maneco, serviam de colunas, grandes tapetes verdes de relva, onde os pequenos pés de fragalhas parecidos com moranguinhos serviam um delicioso banquete a nós crianças e aos pequenos animais que por ali passassem. Enfim, saímos com canequinhas ou qualquer outro recipiente colhendo tudo, e coletivamente enchíamos estas vasilhas e colocávamos açúcar e macerávamos as frutinhas que soltavam um suco delicioso e uma cor maravilhosa, o sabor desta massa e o cheiro eram de igual intensidade, ou seja, delicioso, comíamos até se fartar, ali naquele momento nós éramos os donos do mundo, tudo era perfeito, esquecíamos de nossos problemas e dificuldades financeiras, pois a família era grande e o marmelo já não rendia mais tanto. Como era bom... tenho saudades... de meu velho pai, homem batalhador e íntegro. Obrigado por você me fazer lembrar de tão doces recordações.

---



---

**Jomar Rennó**

21/09/2006

**F 08 – 35**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♂, Eucalyptus citriodora Hook.f., Eucalipto*

---

#### EUCALIPTO BALANÇANTE

Quando tinha mais ou menos uns 8 anos de idade, gostava muito de, com meus amiguinhos, brincar na plantação de eucaliptos, que meu pai possuía no sítio de sua propriedade. Aquelas árvores altas e imponentes aguçavam a imaginação da criançada, trazendo sempre idéias novas para as travessuras. Uma das brincadeiras que mais nos agradava era procurar um eucalipto bem tenro, subir nele e, balançando em sua copa, fazê-lo vergar, até levar-nos de novo ao chão. Assim, eu e meus amigos íamos, um de cada vez, galgando a parte mais alta da árvore, até que, a uma determinada altura, a planta começasse a se curvar, dando o sinal para subir mais um pouco, soltar os pés, ficar pendurado apenas pelas mãos, forçando assim a árvore a vergar suavemente até o chão. Neste ponto, então, o candidato a trapezista soltava as mãos e, feliz com sua proeza, já estaria seguro, no chão, e o eucalipto voltava violentamente para a sua posição normal. Pois bem, havia entre nós um amigo mais medroso, o Roberto, que só se decidiu a subir no eucalipto após ver as tentativas de todos os outros, tal era o seu medo. Porém, encheu-se de coragem e foi subindo devagarzinho, até sentir aquela primeira curvada da árvore... Seu pavor era tanto, que se precipitou e já foi soltando os pés, antes daquela segunda subidinha. Ficou então pendurado pelas mãos por alguns segundos, e, não suportando seu peso, despencou e espatifou-se lá embaixo da árvore, caindo pesadamente de, mais ou menos, uns 5 metros de altura. Ficou sem ar, ficou sem fala, ficou tremendo, mas, felizmente, nada de pior lhe aconteceu. Ele só teve que suportar a estrondosa vaia de seus amigos!....

---



---

**Lúcia Cruz**

24/08/2006

**F 09 – 06**

---

*Amigos da Mantiqueira, ♀, Mentha spicata L., Hortelã*

---

Assim que li o seu e-mail, a primeira lembrança que tive foi do "chá de hortelã" que a mamãe preparava para nós quando éramos crianças, eu e meus cinco irmãos. Ela colhia os raminhos na nossa horta, de tardezinha, antes que escurecesse, e preparava o chá com que nos deliciávamos depois do jantar, antes de irmos para a cama.

---

**GAVETA G**  
**AMIGOS DA VIDA**



---

**Paula Spinelli**

03/10/2006

**G 01 – 41**

---

*Amigos da vida, ♀, Tabebuia roseo-alba (Rdl.) Sandw., Ipê Branco*

---

Bem mais tarde, aos 17 anos, quando passei pela perda mais difícil que enfrentei, a do meu pai, meu grande herói, meu modelo de caráter, meu melhor amigo, o “grande homem da vida” de toda filha, foi quando busquei o porquê do fim da vida.

Muitas pessoas queridas me deram explicações, algumas eu já conhecia, outras não faziam muito sentido, porém a que guardei como mais significativa foi uma história que também comparava a nossa caminhada pela vida com a vida das plantas. Um livro de estórias que, coincidentemente, começava com a semente sob o solo, se desenvolvendo com a chuva e o sol e que deu origem a uma belíssima árvore, que cresceu abriu suas flores durante a primavera, atingiu seu auge no verão cheia de folhas verdes, espalhou suas sementes, passou pelo outono com seus galhos e folhas douradas e chegou ao inverno cumprindo seu ciclo de vida e deixando seus “frutos” para dar continuidade a tudo que “semeou”, tudo que “plantou” e que deixou para seus filhos colherem...

A estória não dava um nome específico à árvore, mas pela beleza, pela serenidade e paz que me transmite, sempre me emociono diante de um Ipê Branco carregado de flores, uma das árvores preferidas de meu pai. Assim, ficou mais leve entender sua partida!

---



---

**Henrique Pires**

15/09/2006

**G 02 – 31**

---

*Amigos da vida, ♂, Strelizia reginae Ailton, Estrelítzia*

---

A terceira planta que me veio à lembrança foi a Strelizia, é uma flor que muitos chamam de "bird of paradise", (ave do paraíso), esta flor foi pintada por mim, óleo sobre tela 1,00 x 1,00 para presentear minha mãe, por representar para mim um paraíso e algo mais duradouro, uma existência permanente, ser, sentir, viver profundamente.

---



---

**Graça Buratta**

27/08/2006

**G 03 – 10**

---

*Amigos da vida, ♀, Cattleya morsslae var. Wagneri, Orquídea*

---

Embora, atualmente busque integrar as mais diferentes espécies de plantas, para não dizer que não falei de flores, independentemente da coloração de suas floradas, não posso deixar de concluir que tenho uma paixão muito particular por duas, as das orquídeas e as das bromélias, tanto que, quando me casei na Igreja, não levei um bouquet nas mãos, levei sim duas orquídeas brancas, belíssimas e, melhor, perfumadas, com detalhes fortes de lilás desde o tom claro até o mais escuro.

---



---

**Maristela Miyamoto**

10/11/2006

**G 04 – 57**

---

*Amigos da vida, ♀, Myrciaria cauliflora (Mart.) O. Berg, Jabuticabeira*

---

Desculpe por responder só agora.... espero que possa ajudar ainda....

Bem, tenho várias lembranças associadas a plantas, mas uma das mais marcantes é da época em que eu tinha + ou - 6 anos... quando ia pra casa do meu avô nas férias de fim de ano... Sempre que chegava lá meu avô dizia que tinha jabuticaba. Então, lá ia eu e meu pai com a escada para apanhar algumas jabuticabas... que delícia!!!! Todas docinhas e frescas!!!! Depois de comê-las no próprio pé, íamos pegar algumas para minha mãe que adorava e ainda adora!!!!

Em resumo, jabuticaba é sinônimo de avô, férias e deliciosa degustação!!!! Só de pensar já dá água na boca!!!!!! Além disso, tem uma linda flor que resulta depois em uma fruta, esta dá de maneira bem diferente.... fica umas bolinhas (frutas) grudadas no caule da árvore, que por sinal fica descascando....

---



---

**Graça Buratta**

27/08/2006

**G 05 – 10**

---

*Amigos da vida, ♀, Myrciaria cauliflora (Mart.) O. Berg, Jabuticabeira*

---

Com relação à jabuticabeira, me lembro de a ter conhecido nuns passeios que fazia com os pais de uma amiga, hoje já falecida. Íamos todos passar o dia em fazendas de jabuticabas e comê-las até quase passar mal..... O mais interessante deste passeio era o sistema de utilização destas jabuticabeiras, "aluguel" ou compra, não me lembro ao certo, de uma árvore por família e por dia, era maravilhoso, principalmente porque estas frutíferas se encontravam plantadas em fazendas do centro oeste e, nas imediações, sempre tinha um riacho para tomarmos banho.

---



---

**Fátima Augusto**

27/09/2006

**G 06 – 37**

---

*Amigos da vida, ♀, Brunfelsia uniflora (Pohl), Manacá*

---

Outra é sobre um pé de manacá em frente à cozinha de nossa casa, que todos os anos se enfeitava de flores e perfumava todo o nosso terreno. Por não termos dinheiro, quando chegava o Natal, o manacá ainda florido e perfumado, transformava-se em nossa árvore de natal. Minha mãe fazia uns enfeites com lâmpadas queimadas, jornal etc. iluminando este arbusto que durante o mês de dezembro absorvia a magia do mês natalino e me hipnotizava fazendo com que eu ficasse tempos esquecidos inebriada com seu perfume e sua beleza sonhando com Papai Noel e meu futuro. Era muito lindo.

---



---

**Célia Rennó**

25/08/2006

**G 07 – 08**

---

*Amigos da vida, ♀, Delonix regia (Bajer ex Hook.), Flamboyant*

---

Patrícia, nunca me esqueci — apesar de minha fraquíssima memória — de um flamboyant (não sei se é assim que se escreve) que existia em frente de minha casa, quando eu era pequena. Foi a casa onde nasci. Por muitos anos, fiquei sem ver um exemplar de flamboyant (não sei se por falta de atenção), mas reencontrei a árvore quando fui viver em Ribeirão Preto. Só então fiquei sabendo que nome ela tinha.

Foi embaixo de uma bela árvore que fiz uma importante declaração de amor. Só que não deu tempo de ver de que espécie era.....

---



---

**Vera Bossi**

08/02/2008

**G 08 – 72**

---

*Amigos da vida, ♀ Inga edulis Mart., Ingazeiro*

---

Nas férias, quando chegava de Salvador, andando de canoa no Rio de Contas na curva da fazenda São João, encontrava aquele pé de Ingá debruçado sobre as águas.

Era como se ele nos esperasse com o melhor presente: frutos de perfume discreto e sabor delicado. Até hoje sinto a brisa que subia o rio... balançando as folhas.

---



---

**Eduardo Lanza**

16/04/2007

**G 09 – 69**

---

*Amigos da vida, ♂, Myrciaria cauliflora (Mart.) O. Berg, Jabuticabeira*

---

Me lembro muito, quando era criança subia nos pés de jabuticaba lá na fazenda e chupava muita jabuticaba, e meus pais viviam me falando que depois iria ter problemas por causa do caroço do fruto.

---



---

**Nadiella Monteiro**

07/09/2006

**G 10 – 24**

---

*Amigos da vida, ♀, Xanthosoma robustum Schott, Taioba*

---

Vovó Alice, pingo na folha da taioba, pingo de gente.

Quando eu era criança pequena lá em Belorizonte, sempre viajava para a casa da minha avó materna em Guanhães, no Vale do Rio Doce.

Casa de vó é sempre cheia de surpresas, alegrias e segredos!

E lá tinha um quintal repleto de plantas e árvores frutíferas. Dentre os arbustos, uma planta de grandes folhas verde-escuro, lisas e brilhantes.

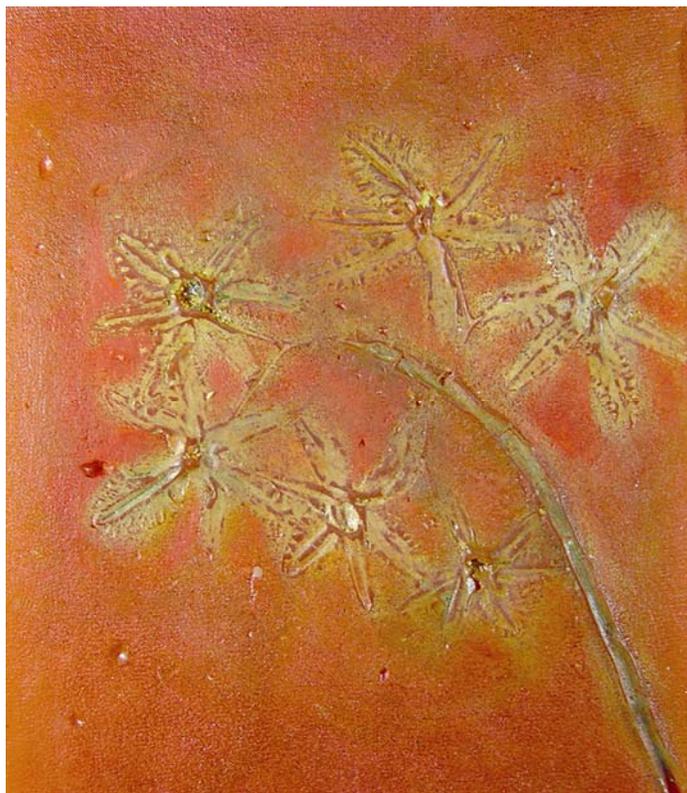
Era a taioba, vivendo sempre perto da água.

Então vovó Alice colocava um pingo d'água na grande folha e me mostrava, aquele cristalzinho líquido e reluzente, se movendo para lá e para cá na superfície da taioba.

Depois, ela me chamava de 'pingo de gente' e minha mente criava logo a imagem do pingo d'água brilhando na folha...

---

**GAVETA H**  
**PARENTES DOS RIBEIRO E DOS HERMÉTO**



---

**Marina Figueiredo**

06/09/2006

**H 01 – 22**

---

*Parentes dos Ribeiro e dos Herméto, ♀, Den.rainbow dance akazukim, Orquídea*

---

Uma planta que tem uma certa estória comigo é uma orquídea, a *Laelia Purpurata*, nativa da mata atlântica. A primeira estória que escrevi na vida por iniciativa própria (fora os pedidos de meus pais e coisas da escola) foi um conto. Eu tinha 12 anos. Lia muito, mas me arriscava pouco a escrever. Então, surgiu esse primeiro conto... era uma estória com influências de literatura fantástica, cheia de elementos estranhos e com jeitão de poesia romântica. Bem reflexo do que eu lia na época, pra dizer a verdade. Para as personagens principais (era um conto sobre mulheres), eu escolhi nomes que derivassem de nomes científicos de flores. Tinha bastante a ver com o que eu queria na época, então pesquisei um tempão todas as flores possíveis. Foram semanas... aí, o primeiro nome que encontrei foi o da *Laelia*, que ficou sendo a personagem principal. Fiquei encantada com o nome no momento em que o vi: achei plástico, bem acabado, como uma pedra lapidada. Encaixou direitinho. Então, hoje acho que nem tenho mais o conto, mas guardo com muito carinho o nome que escolhi para a minha "primeira" personagem. 10 anos depois, continuo achando um nome lindo, igual à flor.

---



---

**Yula Porto**

31/08/2006

**H 02 – 14**

---

*Parentes dos Ribeiro e dos Herméto, ♀, Espécie Psidium guajava L.,  
Goiabeira*

---

Tive uma infância cercada de rosas, margaridas, trepadeiras... mas a goiabeira era mais vasta de possibilidades: galho trapézio, casa suspensa, sombra para a casinha de bonecas. Até goiaba dava...

---



---

**Edmar Herméto**

01/09/2006

**H 03 – 17**

---

*Parentes dos Ribeiro e dos Herméto, ♂, Saintpaulia ionantha Wedl., Violeta*

---

Violetas são uma referência na minha vida adulta. D. Valmira as cultivava em vasinhos espalhados pela sala. Era uma grande paleta de cores e brilho, como se as flores lhe dessem o retorno do carinho, do cuidado que ela lhes dispensava. Fazia com as flores o que havia feito por nós. Violetas são a lembrança permanente da minha Mãe.

---



---

**Elton Herméto**

19/04/2007

**H 04 – 70**

---

*Parentes dos Ribeiro e dos Herméto, ♂, Psidium guajava L., Goiabeira*

---

Engraçado como a gente começa a lembrar de coisas que estavam armazenadas em algum ponto da memória. Prontas para serem extraídas e contadas. Tem aquela árvore de frutinhas vermelhas, que ficava na frente da nossa casa na rua Bernardo Guimarães. Tem aquela árvore que caiu quando cerca de trinta crianças resolveram subir todas ao mesmo tempo... E tem o pé de Jatobá, que quase me faz dizer: játôlá.

Mas eu quero contar mesmo é a respeito da Goiabeira que ficava no quintal da casa do Vovô Benedito, na rua Marechal Floriano, em Governador Valadares. Era o ponto de encontro da criançada. Quando as brincadeiras de rua nos cansavam, nós nos reuníamos para exercitar nossas capacidades de conquista, domínio e negociação. Enfim, era um jogo de poder. Divertido, mas era um exercício. Cada um tinha direito a um galho que havia sido conquistado com muita coragem (tínhamos 7 ou 8 anos, e menos até). Os mais corajosos atingiam a altura astronômica de até uns... 3 metros. Este galho era uma conquista perpétua, que durava até o dia seguinte. Tão distante. Todas as goiabas do galho pertenciam ao conquistador, não interessando se estavam maduras ou verdes. Comíamos todas do jeito que estavam. No dia seguinte era outra batalha para tentar pegar o mesmo galho de volta, pois normalmente ele já havia sido conquistado por outro "invasor". As discussões eram acirradas e, algumas vezes, chegávamos às vias de fato. Mas os antagonismos duravam pouco. Quem sofria mais eram os pequenos, que não conseguiam pegar bons lugares. Até que um dia a Vânia resolveu o problema: ela pediu ao vovô que lhe desse um título de propriedade de um galho do qual ela se achava dona. E ele deu!!! Datilografado e assinado. Parecia até coisa do MSG (Movimento dos sem Galho).

---



---

**Patrícia Faria**

21/09/2006

**H 05 – 36**

---

*Parentes dos Ribeiro e dos Herméto, ♀, Ricinus communis L., Mamona*

---

Atrás da casa de minha casa em Belo Horizonte tinha um lote vago com vários pés de mamona. Seus frutinhas serviam de arsenal para nossas guerras fictícias... era ótimo acertar os incautos, mas não tão gostoso quando era eu a distraída!

O talo da mamona era ótimo também para as brincadeiras com bolinhas de sabão! Soprando com cuidado conseguia fazer umas enormes e brilhantes. Era lindo vê-las bailar no ar e depois estourarem como num estalar de dedos. Como dizia a música: "sentada na calçada com canudo e canequinha..."

---



---

**Bárbara Herméto**

03/11/2006

**H 06 – 56**

---

*Parentes dos Ribeiro e dos Herméto, ♀, Taraxacum officinale Weber ex F.H. Wigg., Dente de Leão ou Amor dos Homens*

---

Demorou mas saiu!! Bom, como meu forte não é escrever vou tentar em poucas palavras contar uma memória minha! Moro na mesma casa desde que tinha apenas um ano de idade, então dá para notar que o que não me faltam são lembranças daqui! Logo que me pediu para lembrar de alguma planta, fruta, cheiro que me remetesse a algum momento, várias coisas me passaram pela cabeça! As guerras de mamona no terreno baldio ao lado de casa, as cagaitas que passávamos a tarde procurando pés que pudéssemos colher algumas. Mas acabei percebendo que pelo menos aqui por perto não existem mais os pés de mamona e nem os de cagaita. Foi aí que lembrei que quando era bem pequena, tinha uma plantinha que dava na grama aqui de casa, que tinha o caule bem fininho e a flor era branca e quando assoprávamos ela saía voando. Lembra meu pai, que eu dizia serem pequenos pára-quadras caindo. Aí fui lá fora ver se achava algum e acabei encontrando alguns. Muito pouco perto dos tantos que haviam. Como de costume assoprei. E não é que se parecem mesmo com pequenos pára-quadras descendo ao sabor do vento?!

---



---

**Antônio César Costa**

27/08/2006

**H 07 – 11**

---

*Parentes dos Ribeiro e dos Herméto, ♂, Cestrum nocturnum L., Dama da noite*

---

Sou muito alérgico o que implica, ou implicava, com muita freqüência crises de rinite. Isto significa que uma pessoa alérgica passa boa parte da sua vida destituída das suas capacidades olfativas. Pra completar tinha um enorme desvio de septo nasal o que obstruía quase na totalidade uma das narinas. Em resumo, tinha a capacidade olfativa de um anão de jardim.

Há alguns anos, por orientação da minha otorrino, iniciei dois processos que mudaram para sempre meu olfato. Primeiro comecei uma rotina comum para os iogues, fazer diariamente uma limpeza nasal, usando água e uma lota. Este simples procedimento praticamente terminou com minha rinite. E em seguida me submeti à cirurgia para correção do desvio de septo.

O pós-operatório dessa cirurgia é muito chato e nos primeiros dias perde-se completamente a capacidade olfativa. Mas passados alguns dias, e de repente, ela retorna e com uma força que eu não havia experimentado antes. A partir deste ponto para mim inicia-se como que o descobrir de um novo olfato, o que era sutil passa a ser intenso, me sentia um cão perdigueiro.

No início desta nova fase, já com um novo nariz, estou correndo no início da noite no Parque do Ibirapuera quando sinto o aroma luxuriante da Dama da Noite. Fico arrebatado pelo aroma, e naquele momento consegui entender como aquela planta pode ter um nome tão apropriado. Aquela plantinha mirrada com suas flores pequenas, é capaz com seu aroma intenso, de criar no seu entorno como que uma Entidade feminina, um fantasma de mulher perfumado.

---



---

**Vânia Herméto**

25/05/2007

**H 08 – 71**

---

*Parentes dos Ribeiro e dos Herméto, ♀, Psidium guajava L., Goiabeira*

---

A goiabeira

Era uma goiabeira enorme com galhos gigantescos, aquela da casa da vovó. Tinha seus segredos e suas manhas mas para todas as crianças era sempre dócil. Creio que até vergava seus galhos, num gesto muito elegante, para que subíssemos até o céu. Meu irmão mais novo e eu tínhamos uma certa dificuldade de defender nosso melhor lugar: uma forquilha de bom tamanho em que entrelaçávamos as pernas e ficávamos seguros nas viagens intergalácticas. Todos os pirralhos queriam aquele lugar. Ele era perfeito para que não voássemos quando o comandante Elton (um irmão mais graduado) desse a partida balançando loucamente a linda goiabeira. Defendi bravamente meu lugar quando convenci meu avô, do alto da sua autoridade, a assinar um papel dando total concessão daquela forquilha para mim. Ela me pertence desde aquela época e ainda está aqui. É onde me agarro e posso voar para onde quiser. Linda goiabeira!

---



---

**Vânia Herméto**

25/05/2007

**H 09 – 71**

---

*Parentes dos Ribeiro e dos Herméto, ♀, Tibouchina granulosa Cogn.,  
Quaresmeira*

---

A quaresmeira

Não sei se é pela sua cor das capas roxas das Verônicas ou o seu contraste balançando ao vento passando por verdes impossíveis, mas quando me lembro do sítio logo me vem a cabeça a quaresmeira. Talvez pela lembrança das crianças andando de velocípede na sua sombra ou o anúncio que sua floração traz do breve feriado, ela para mim cheira a sítio.

Deveria ser o pau-brasil que empresta o nome ao local ou o jacarandá que guarda o umbigo de meu filho, mas não. Para mim o sítio é a quaresmeira. Por quê? Não sei explicar. É porque é.

---



---

**Terezinha Ribeiro Barros**

23/08/2006

**H 10 – 03**

---

*Parentes dos Ribeiro e dos Herméto, ♀, Bixa orellana L., Urucum*

---

Tenho muitas recordações afetivas com plantas de diversos tipos. No entanto, aquelas que são mais 'aconchegantes' dizem respeito a minha infância; que foi repleta de brincadeiras e alegria. Gostava especialmente de um pé de urucum que havia no terreiro de baixo da minha casa. Para você entender bem, o terreiro de baixo é aquele que a gente avista ficando na varanda da casa. Não era perto do rio, por isso nós tínhamos passe liberado para brincar lá. O pé de urucum era muito grande e o tronco principal, que era bem áspero, facilitando a subida, bifurcava de forma a propiciar um galho bem grosso e forte no qual amarrávamos uma corda e produzíamos um super balanço. Ali brincávamos horas, pois além da aventura de subir na árvore, confeccionávamos o balanço e depois nos revesávamos em balançar. O piso era inclinado, o que também facilitava a brincadeira.

Esta árvore produzia também lindas flores e frutos com os quais brincávamos de casinha, fazendo comida com as sementes ou então pintando tudo que víamos com a tinta que elas soltavam. Outra hora os frutos serviam para uma eventual guerra, quando o 'bicho pegava'. Era o paraíso! Hoje, quando vejo uma árvore deste tipo, não consigo não lembrar desta época, e as lembranças são sempre prazerosas. Continuo achando as flores lindas e os frutos exóticos. Bem em frente ao meu prédio existem várias delas — são pequenas, filhotes — adornando o passeio de uma casa. Agora, como ninguém é de ferro, penso em fazer um molho bem suculento para uma macarronada e degustá-lo. O molho, claro, será bem vermelhinho, colorido com uma boa pitada de corolal...

---

**GAVETA I**  
**PARENTES DOS SANCHES E DOS FARIA**



---

**Ana Lúcia Cunha**

26/03/2007

I 01 – 66

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Myrciaria cauliflora (Mart.) O. Berg, Jabuticabeira*

---

Uma boa lembrança que tenho de minha infância são as jabuticabeiras, na verdade, mais início de adolescência, por volta dos 12 ou 13 anos. Não cresci em fazenda ou chácara, mas um vizinho tinha um belo pé de jabuticaba em seu quintal, e eu adorava pular o muro e subir na jabuticabeira e lá ficar durante horas e horas. Não era pelo fruto em si, apesar de eu gostar de jabuticaba, essa não é a minha fruta preferida. Mas o que me fascinava era a sensação de proteção e liberdade.

Quando eu lá subia, eu criava o meu mundo. Tinham as formigas, os bichinhos naturais da árvore com quem eu imaginava longas conversas. E eles sempre me entendiam, sempre me consolavam. Eu me sentia protegida pelos galhos e pelas folhas. Parecia que ninguém poderia me encontrar ou me alcançar quando eu estava lá em cima da jabuticabeira, no meio dos galhos e frutos.

---



---

**Suzana Gontijo**

29/08/2006

**I 02 – 13**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Myrciaria cauliflora (Mart.) O. Berg, Jabuticabeira*

---

Gostei do seu projeto e contribuo com meu gosto especial pela jabuticabeira. Além da fruta deliciosa e exótica, pois nasce agarradinha no tronco e tem cores diferentes — por dentro e por fora, além da surpresa do caldo cor de vinho. Além disso, as pequenas folhas delicadas e lindas fazem um conjunto bonito com o tronco meio malhado e descascado.

E as lembranças gostosas são de compartilhar o degustar na farra alegre e solidária, desde a infância. Subir na jabuticabeira da casa da Nanáia era especial, pois tenho a idéia de que era tão alta quanto um arranha-céu. Depois curtia uma na Itaporanga, que subia perto do telhado do curral. Se cansava dos galhos ou precisa cedê-los para os amigos, tinha o telhado velho e firme para descansar os pés e continuar na farra das jabuticabas.

Depois curti as árvores também na fazenda Santa Rita, já adolescente e adulta, com outro olhar, outra sensação, mas também prazerosos.

E, já em São Paulo, fiz questão de plantar uma no quintal, que no momento está com florzinhas brancas e frutinhas verdes. Mas os passarinhos urbanos não me deixam deliciar muitas delas. Acho que a oferta a deles é pouca e eles levam uma vantagem danada sobre mim nesta mini cadeia alimentar.

Só não consegui passar para meus filhos a mesma opção de fruta favorita. Eles acham graça de ver a mãe subindo feliz na árvore, mas nem querem experimentá-la... cada um com suas vivências...

Hoje chupei 4 jabuticabinhas ainda não muito maduras, mas para ter o gostinho da lembrança antes de os passarinhos ganharem novamente a competição urbana...

---



---

**Lúcia Burke**

09/09/2006

**I 03 – 23**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Mimosa pudica L., Dormideira*

---

Você se lembra quando a gente passeava na fazenda da vovó, a gente ia andando até a represa ou até o eucalipto, e de vez em quando aparecia na beira da estrada uma plantinha, era mato mesmo porém delicada, e toda vez que a gente tocava nela, as folhinhas se fechavam? Você se lembra? Eu achava uma curtição ver elas se fechando ao nosso toque. Bom, no ano passado fui a um "Garden Show" e num dos stands que vendia plantas exóticas, quem eu vejo? A plantinha da minha infância!!! Num vaso super pequeno, um caule só e eles estavam vendendo por \$ 5.00!! Falei para o vendedor que essa planta no meu país era mato, e ele me disse que de fato ela era nativa do Brasil. Comprei a plantinha para mostrar para o Gabriel, contei para ele dos passeios na fazenda, dessa planta ao longo da estrada de terra e da brincadeira de ir tocando em todas no caminho.

Foi um sucesso, ele e os amiguinhos adoraram a planta que se fecha quando você toca nas folhas, e eu achei muito legal mostrar para o meu filho uma planta que eu curti na minha infância, principalmente agora que estou estudando horticultura e eu gosto de ensinar a ele sobre plantas, jardinagem e etc.

O nome da planta é *Mimosa pudica L.*, o nome comum em inglês e 'Sensitive Plant' (não sei em português), é da família *Leguminosae (Fabaceae)*.

---



---

**Mariana Faria**

15/10/2006

**I 04 – 49**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Citrus sinensis (L.) Osbeck., Laranja*

---

Devia ter mais ou menos uns cinco aninhos e sempre que íamos para o sitio da minha avó paterna, meu pai me chamava para ir comer laranja no pomar... lembro do cheiro da laranja quando ele descascava com todo cuidado para a casca sair toda inteira e a gente ficava brincando de jogar os pedacinhos no ar... depois ele sempre me dava a tampinha e ficava com o resto... era uma delicia chupar a tampinha, mas eu nunca entendi direito porque eu só podia ficar com a tampinha... mas acho que era porque eu era pequenininha... eu adorava ir chupar laranja com meu pai...

---



---

**Márcia Gontijo**

24/08/2006

I 05 – 04

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Malus domestica Borkh, Maçã*

---

Não sei se entendi bem o que você pediu, mas, enquanto estava lendo a sua mensagem, me veio à lembrança um gesto do vovô Nelson que marcou a minha infância, e do qual estou sempre me recordando... e com saudades...

Quando estávamos na época de trocar os dentes, ele dizia que era para enterrar o dente na macieira, pois assim as maçãs nasceriam mais docinhas...

E eu sempre fiz isto, acreditando que estava contribuindo para a "doçura" daquelas frutas.

---



---

**Ludmila Coelho**

13/09/2006

**I 06 – 29**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Psidium guajava L., Goiabeira*

---

A minha planta é a goiabeira.

Para mim ela tem um significado importante porque remete a minha infância. Quando eu era pequena e morava em Cachoeira Dourada tinha um monte de goiabeira na cidade. Inclusive só na minha casa tinham três. O que mais me lembro é do cheiro do quintal quando as frutas amadureciam e caíam do pé e do seu tronco que é liso, meio manchado e fácil de ser escalado. Eu costumava contornar o meu quarteirão em cima do muro e sempre tinha que me desviar das goiabeiras que eram também minhas escadas. Bom, acho que mais ou menos isso...

---



---

**Adriana Gontijo**

01/10/2006

**I 07 – 39**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Fuchsia hybrida hort. Ex Siebert & Voss., Brinco de princesa*

---

Olha, a minha maior lembrança de criança é a flor que nós a chamávamos "brinco de princesa". Pegávamos ali na beira do rego, lá na Itaporanga, e colocávamos na orelha com um grampo de cabelo. E achávamos aquilo lindo. Não sei se tinha alguma correlação por não ter, naquela época, orelha furada ou por quê considerava chique mesmo!!!

---



---

**Jairo Faria**

03/10/2006

**I 08 – 42**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♂, Mangifera indica L., Mangueira*

---

Gosto das mangueiras. Especialmente porque elas me fazem lembrar as minhas férias. Adorava brincar com os meus primos nas mangueiras da vovó. Uma vez eu e o Gabriel plantamos dois caroços de manga para ver se nascia alguma coisa. Nasceu uma árvore no meio dos dois caroços. A batizamos Chiquitita. Sempre que nos encontrávamos regávamos a Chiquitita. Certo dia, porém, podaram nossa mangueira. Foi uma baita decepção.

---



---

**Beth Barillo**

31/08/2006

**I 09 – 15**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Hibiscus rosa-sinesis Linn., Hibisco*

---

Apesar de eu ter poucas lembranças de infância, esta flor me remete a sensações variadas, numa idade entre 4 e 7 anos, o tempo que morei em Cambuquira, onde as horas eram lonnnnngas e me permitiam entreter com a flor hibisco que havia no jardim da minha casa, ou na casa do meu avô, que adorava plantas. Achava interessante as várias possibilidades de brincadeiras com ela, a coisa de ir tirando aos poucos a coroa, o talo, as pétalas, as saias, e por último o triunfal coco.

Percebo agora, com uma pitada de humor e sacanagem, o quanto estava exercitando o desfazer-me das coisas, o duplo sentido das utilidades de cada parte que compõe a flor, a sexualidade e sensualidade, a coisa de começar com a coroa e terminar com o coco, evidencia o lema de que todos acabaremos do mesmo jeito, independente dos valores materiais, as pétalas — saias — que também podiam se transformar em unhas postiças, o contato com a textura das partes, o pólen que grudava na minha mão e me incomodava um pouco pois não sabia que pó era aquele, enfim, uma brincadeira solitária e introspectiva, tal qual a minha maneira de ser, pois eu era uma criança muito quieta e pensativa.

---



---

**Marisa Faria**

15/10/2006

**I 10 – 48**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Impatiens walleriana Hook. f.,  
Beijinho*

---

A primeira delas... e na verdade a mais forte... é a sensação maravilhosa que tinha ao encostar o dedo em seus frutos verdes e redondos... eles explodiam e enrolavam... espalhando sementes para todo lado... às vezes... explodiam ao simples toque... outras... elas me davam o prazer de deixar pegá-las... e aí sim... elas explodiam em minha mão... uma delícia...

A outra... é uma brincadeira que eu fazia... adorava unha grande e pintada quando era menina... e por ainda ser muito nova não era permitido essa vaidade... cada pétala era delicadamente tirada e colada na unha... essa plantinha me dava o prazer de ter por algumas horas... belas unhas grandes e pintadas... a cada dia uma cor... ou ainda... cada unha de uma cor... “the best one”...

---

**GAVETA J**  
**PARENTES DOS SANCHES E DOS FARIA**



---

**Maristela Correa Faria**

04/03/2007

**J 01 – 64**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Mentha spicata L., Hortelã*

---

É engraçado como determinadas essências permanecem em minhas lembranças por toda a vida. Quando entro em contato com algo que me marcou no passado, tenho a impressão de que por alguns instantes transporto-me para o momento em que experienciei aquela sensação. Talvez por uma característica particularmente minha de ter um olfato muito sensível, dele faço freqüente uso para associar os momentos da minha vida. Dentre tantas memórias que preservo, não exitei em escolher o hortelã como, sem sombra de dúvidas, a planta que imediatamente vem no pensamento.

Quando era criança em torno dos 5 ou 6 anos, estava com dor de garganta e muita febre. Não conseguia comer absolutamente nada há vários dias e isso deixava minha mãe muito apreensiva. Foi quando lhe pedi que fizesse “ovo mexidinho”. Minha mãe, como todas as outras, sempre se preocupava com a nossa alimentação (tenho mais 4 irmãs e 1 irmão), e assim, sempre repetia nas refeições que a comida tinha que estar muito colorida, pois assim ficaríamos muito mais fortes e bonitos. Apesar de minha dificuldade para engolir, estava com muita fome e desejei ardentemente aquele “mexidinho de ovo”. Para minha surpresa e, é claro, com a criatividade da minha mãe, recebi em uma bandeja decorada, um prato com uma coisa amarela desbotada e cheio de coisinhas verdes. Fiquei a perguntar o que era aquilo, mas a minha mãe insistia em dizer que era mexido colorido. Confesso que ao sentir aquele cheiro estimulante, juntamente com a fome que já me deixava tonta e principalmente com aquele carinho que via no olhar da minha mãe, desejando ardentemente que eu me alimentasse. Não pensei duas vezes, me delicieei com aquela mistura de sensações e emoções, sem imaginar que aquele verdinho era a mais perfumada de todas as ervas que já conheci. Para finalizar, não posso deixar de me lembrar da carinha de realização da minha mãe que só tinha amor para me dar. Um amor com hortelã.

---



---

**Gabriel Sanches**

25/08/2006

**J 02 – 09**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♂, Dieffenbachia amoena Bull., Comigo ninguém pode*

---

Lembra aquela planta, que havia na casa da vovó Nathália, que ficava entre a piscina e a janela do escritório? Acho que chamava-se "Comigo-ninguém-pode". Pois é. Tal planta ficou registrada na minha "Mnemória" acho que porque, lembro-me bem, ninguém podia tocar nela e depois encostar em alguma parte do corpo. Os adultos diziam que ela era perigosa, que causava cegueira e outras coisas mais. O nome também era uma coisa marcante e soava desafiador.

---



---

**Evelyn Tom Back**

29/10/2006

**J 03 – 53**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Ficus carica L., Figueira*

---

A primeira é uma figueira.... linda e bem grande que tinha na casa de minha avó materna Edith, em Joinville-Santa Catarina. Todas as vezes que me lembro das férias passadas por lá me vêm à mente essa figueira. Os figos eram deliciosos e como em Belo Horizonte essa fruta não era muito comum de ser achada, na minha época de menina, achava o máximo, roxinha por fora e vermelha por dentro, com aqueles carocinhos que ficavam nos dentes. Eu achava que só tinha lá. Me lembro de minha avó pedir para tomar conta com o leite que saia do seu caule, quando arrancada, pois podia dar queimadura. Era um misto de aventura e gostosura. Essa figueira nunca foi arrancada até minha avó falecer, pois era o xodó dela, que fazia doces deliciosos da fruta.

---



---

**Nelson Faria**

07/12/2006

**J 04 – 60**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♂, Myrciaria cauliflora (Mart.) O. Berg, Jabuticabeira*

---

Bom, tenho duas lembranças traumáticas com jabuticaba, que aliás, é minha fruta preferida... Mas a primeira (cronologicamente) foi na fazenda da Nanaia quando eu estava sozinho chupando jabuticaba no pé e ouvi um barulho no mato... quando olhei, vi um bicho grande parecido com um jacaré (meio dragão de gomorra)... sei lá... sei que pulei e corri assustado... era um Tiú...

A segunda foi na fazenda da Tia Lysia... comi muita jabuticaba com caroço e tive uma prisão de ventre na parte baixa e uma diarréia na parte alta do intestino... dá pra imaginar????? Foi um tiroteio... uma guerra tipo Irã Iraque dentro da minha barriga.... com direito a mísseis e tudo mais.... fiquei literalmente HORAS pra conseguir me livrar da situação....

Bom é isso.... nada disso me fez desistir de comer jabuticaba...

Bjs do irmão que te ama e tá com saudades...

---



---

**Andréa Pontes Faria**

14/12/2006

**J 05 – 61**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Gardenia jasminoides J. Ellis, Jasmim*

---

Oi Patrícia,

Que lindo esse jasmim!

Deve ser esse mesmo, pois é bem parecido com que tinha na casa da vovó Dina.

Sempre que estava no sítio, ao entardecer, eu ficava na janela do quarto da vovó, conversando muito com ela, ouvindo as histórias dela quando criança, admirando a natureza tão exuberante e esperando à noite chegar! Bem na frente da janela, tinha essa flor linda que me chamava atenção, pelo seu tamanho e pelo seu perfume, e eu ficava ali, por muito tempo, só para admirá-la...

---



---

**Maroa Furtado**

14/10/2006

**J 06 – 47**

---

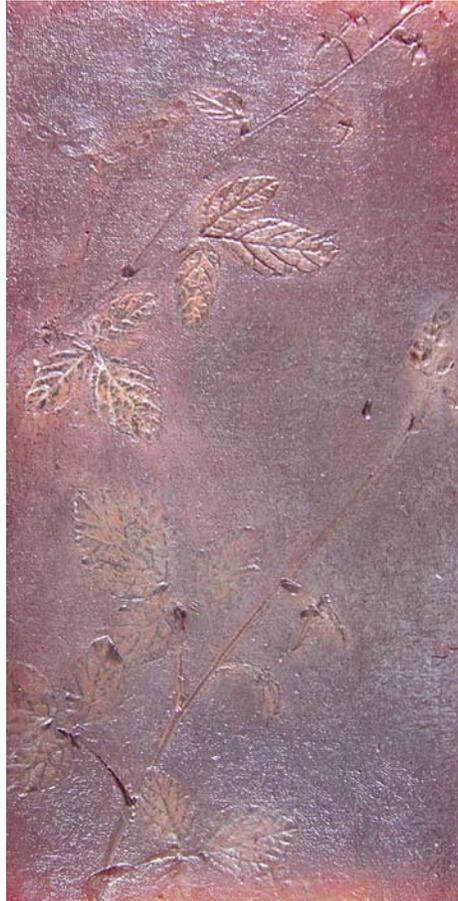
*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Citrus sinensis (L.) Osbeck., Laranja Lima*

---

Você se lembra de quando morávamos, na casa de sua mãe, na fazenda Santa Fé? A Maira devia ter uns 4 meses... Perto da piscina eu estava fazendo mudinhas com as sementinhas da laranja lima do suco da Maira e você me disse que eu teria que esperar 10 anos para ter algum fruto, que era melhor comprar pés de laranja enxertados? Eu lhe disse que ia fazer assim mesmo, porque dali a dez anos alguém iria provar. Hoje elas estão com flor. No ano passado, pela primeira vez elas produziram... deram laranjas... e eu me lembrei de você!

Moral da história: se você não fizer hoje, você não vai colher amanhã.

---



---

**Ana Tozzi**

01/12/2006

**J 07 – 59**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Desmodium incanum, Amor do campo*

---

Esqueci de entregar a você a minha memória. Quando lembrei, já era tarde. Segue agora: *Desmodium incanum* é o nome da primeira planta que estudei no meu primeiro estágio da graduação. Ela foi escolhida por estar associada a uma lembrança agradável dos meus tempos de estudante e por ter sido um marco em minha vida, pois desde então dediquei-me ao estudo das leguminosas, que tem tido continuidade nos estudos dos meus orientados. Os nomes populares dela dizem muito: amor-do-campo, carrapicho, pega-pega, amores, carrapicho-de-beiço-de-boi. Bom trabalho e um grande beijo.

---



---

**Edmar Herméto**

01/09/2006

**J 08 – 17**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♂, Eugenia uniflora L., Pitangueira*

---

Eu nasci em um barracão plantado nos fundos do terreno em que moravam os meus avós maternos. Era um barracão em formato de L, bem na quina do lado direito do terreno, e deixava livre um grande espaço para plantas e brincadeiras. Lembro-me bem do abacateiro e, principalmente, da Pitangueira, que acabou por se tornar uma velha amiga. Convivemos juntos por muitos anos e dela saboreei frutos vermelhos e doces, amarelos e ácidos, verdes e acres. Muitos sabores e cores, muitas brincadeiras e devaneios, muitos risos e muitas lágrimas que adubaram uma amizade que sobrevive na lembrança.

---



---

**Rafael Faria**

27/02/2007

**J 09 – 62**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♂, Polypodium persicifolium Desv.,  
Samambaia chorona*

---

Com eu te disse, eu ia te falar da melancia, mas acho que não é afetiva e sim festiva, rrsrs... portanto a lembrança afetiva mais forte que me ocorre agora eram aquelas suas samambaias que ficavam na sala do nosso apto da 309, lembra? Que eu gostava de ficar tirando aquelas bolinhas das folhas (o pólen delas) e destruía as samambaias, hehehehe... você ficava bem brava comigo e acho que você tinha razão!!! Mas a sensação de tirar as bolinhas era inexplicavelmente gostosa!!!!

---



---

**Francisco Faria**

28/02/2007

**J 10 – 63**

---

*Parentes dos Sanches e dos Faria, ♂, Pterodon emarginatus Vogel,  
Sucupira Branca*

---

Minha planta é a Sucupira Branca. Sua forma me traz lembranças de uma época de sonhos, autonomia e realizações que o tempo, na passagem pelas terras da Fazenda São Pedro, me possibilitou. É a lembrança do por do sol, na copa da Sucupira, que por dentre as folhas e os galhos enraizando o céu, terminantemente arredondados, a taça de bojo invertido, e perceber que estar feliz só depende de nosso puro ser.

---

## **LIVRO TOMBO**

Nº	Gaveta/Data		Taxonomia	
01	<b>B 01</b>	21/08/2006	<b>Liliza Mendes</b>	<i>Amigos das Gerais</i> , ♀, <i>Cassia fistula</i> L., <i>Cássia Imperial</i>
02	<b>A 01</b>	22/08/2006	<b>Cláudia V. de Mattos</b>	<i>Amigos da Unicamp</i> , ♀, <i>Curcubita pepo</i> L., <i>Abóbora de halloween</i>
03	<b>H 10</b>	23/08/2006	<b>Terezinha R. Barros</b>	<i>Parentes dos Ribeiro e dos Herméto</i> , ♀, <i>Bixa orellana</i> L., <i>Urucum</i>
04	<b>I 05</b>	24/08/2006	<b>Márcia Gontijo</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♀, <i>Malus domestica</i> Borkh., <i>Maçã</i>
05	<b>D 10</b>	24/08/2006	<b>Paulo A. A. Pinto</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♂, <i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk, <i>Abil</i>
06	<b>F 09</b>	24/08/2006	<b>Lúcia Cruz</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♀, <i>Mentha spicata</i> L., <i>Hortelã</i>
07	<b>B 03</b>	25/08/2006	<b>Breno Carvalho</b>	<i>Amigos das Gerais</i> , ♂, <i>Calliandra brevipes</i> Benth., <i>Caliandra</i>
08	<b>G 07</b>	25/08/2006	<b>Célia Rennó</b>	<i>Amigos da Vida</i> , ♀, <i>Delonix regia</i> (Bajer ex Hook.), <i>Flamboyant</i>
08	<b>F 06</b>	25/08/2006	<b>Célia Rennó</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♀, <i>Sechium edule</i> (chuchu), <i>Chuchu</i>
09	<b>J 02</b>	25/08/2006	<b>Gabriel Sanches</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♂, <i>Dieffenbachia amoena</i> Bull., <i>Comigo ninguém pode</i>
10	<b>C 02</b>	27/08/2006	<b>Graça Buratta</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Caesalpinia echianata</i> Lam., <i>Pau Brasil</i>
10	<b>C 06</b>	27/08/2006	<b>Graça Buratta</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg., <i>Jabuticabeira</i>
10	<b>D 07</b>	27/08/2006	<b>Graça Buratta</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl), <i>Manacá</i>
10	<b>E 02</b>	27/08/2006	<b>Graça Buratta</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♀, <i>Bambusa gracilis</i> hort. Ex Rivière, <i>Bambu</i>
10	<b>G 03</b>	27/08/2006	<b>Graça Buratta</b>	<i>Amigos da Vida</i> , ♀, <i>Cattleya morsslae</i> var. <i>Wagneri</i> , <i>Orquídea</i>

Nº	Gaveta/Data		Taxonomia	
10	<b>G 05</b>	27/08/2006	<b>Graça Buratta</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg., <i>Jabuticabeira</i>
11	<b>H 07</b>	27/08/2006	<b>Antônio César Costa</b>	<i>Parentes dos Ribeiro e dos Herméto</i> , ♂, <i>Cestrum nocturnum</i> L., <i>Dama da noite</i>
12	<b>C 04</b>	28/08/2006	<b>Martha Almeida</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Psidium guajava</i> L., <i>Goiabeira</i>
12	<b>C 07</b>	28/08/2006	<b>Martha Almeida</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Jasminum nitidum</i> Skan, <i>Jasmim estrela</i>
12	<b>D 04</b>	28/08/2006	<b>Martha Almeida</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Saintpaulia ionantha</i> Wedl., <i>Violeta</i>
13	<b>I 02</b>	29/08/2006	<b>Suzana Gontijo</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♀, <i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg., <i>Jabuticabeira</i>
14	<b>H 02</b>	31/08/2006	<b>Yula Porto</b>	<i>Parentes dos Ribeiro e dos Herméto</i> , ♀, <i>Espécie Psidium guajava</i> L., <i>Goiabeira</i>
15	<b>I 09</b>	31/08/2006	<b>Beth Barillo</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♀, <i>Hibiscus rosa-sinesis</i> Linn, <i>Hibisco</i>
16	<b>B 07</b>	28/08/2006	<b>Fernando Madeira</b>	<i>Amigos da UnB</i> , ♂, <i>Carica papaya</i> L., <i>Mamão</i>
17	<b>B 02</b>	01/09/2006	<b>Edmar Herméto</b>	<i>Amigos da UnB</i> , ♂, <i>Polianthes tuberosa</i> L., <i>Angélica</i>
17	<b>H 03</b>	01/09/2006	<b>Edmar Herméto</b>	<i>Parentes dos Ribeiro e dos Herméto</i> , ♂, <i>Saintpaulia ionantha</i> Wedl., <i>Violeta</i>
17	<b>J 08</b>	01/09/2006	<b>Edmar Herméto</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♂, <i>Eugenia uniflora</i> L., <i>Pitangueira</i>
18	<b>C 06</b>	01/09/2006	<b>Nininha Bernardes</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Euterpe edulis</i> Mart., <i>Palmito</i>
19	<b>A 02</b>	02/09/2006	<b>Márcia Porto</b>	<i>Amigos da Unicamp</i> , ♀, <i>Anthurium andraeanum</i> Linden, <i>Antúrios</i>

Nº	Gaveta/Data		Taxonomia	
20	<b>F 07</b>	02/09/2006	<b>Paulo C. Prince</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♂, <i>Potentilla fragariastrum</i> Ehrh., <i>Fragalha</i>
21	<b>E 07</b>	06/09/2006	<b>Luiz Sorrenti</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♂, <i>Ingá edulis</i> Mart., <i>Ingazeiro</i>
22	<b>H 01</b>	06/09/2006	<b>Marina Figueiredo</b>	<i>Parentes dos Ribeiro e dos Herméto</i> , ♀, <i>Laelia Purpurata</i> , <i>Orquídea</i>
23	<b>I 03</b>	09/09/2006	<b>Lúcia Burke</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♀, <i>Mimosa pudica</i> L., <i>Dormideira</i>
24	<b>B 05</b>	07/09/2006	<b>Nadiella Monteiro</b>	<i>Amigos das Gerais</i> , ♀, <i>Foeniculum vulgare</i> Mill., <i>Funcho</i>
24	<b>F 02</b>	07/09/2006	<b>Nadiella Monteiro</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♀, <i>Musa paradisíaca</i> L., <i>Bananeira</i>
24	<b>G 10</b>	07/09/2006	<b>Nadiella Monteiro</b>	<i>Amigos da Vida</i> , ♀, <i>Xanthosoma robustum</i> Schott, <i>Taioba</i>
25	<b>D 03</b>	13/09/2006	<b>Vicente Celestino</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♂, <i>Mangifera indica</i> L., <i>Mangueira</i>
26	<b>A 06</b>	13/09/2006	<b>Edson Beleza</b>	<i>Amigos da Unicamp</i> , ♂, <i>Amygdalus pérsica</i> L., <i>Pessegueiro</i>
27	<b>E 04</b>	13/09/2006	<b>Iolanda Lago</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♀, <i>Abutilon striatum</i> Dicks. Ex Lindl., <i>Abutilon/Brinco de princesa</i>
28	<b>E 06</b>	13/09/2006	<b>Sérgio Lázaro</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♂, <i>Prunus campanulata</i> Maxim., <i>Cerejeira</i>
29	<b>I 06</b>	13/09/2006	<b>Ludmila Coelho</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♀, <i>Psidium guajava</i> L., <i>Goiabeira</i>
30	<b>E 05</b>	14/09/2006	<b>Ana Carla Faria</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♀, <i>Psidium guajava</i> L., <i>Goiabeira</i>
31	<b>A 04</b>	15/09/2006	<b>Henrique Pires</b>	<i>Amigos da Unicamp</i> , ♂, <i>Helianthus annuus</i> L., <i>Girassol</i>
31	<b>A 05</b>	15/09/2006	<b>Henrique Pires</b>	<i>Amigos da Unicamp</i> , ♂, <i>Chrysanthemum Leucanthemum</i> L., <i>Margarida</i>

Nº	Gaveta/Data		Taxonomia	
31	<b>G 02</b>	15/09/2006	<b>Henrique Pires</b>	<i>Amigos da Vida</i> , ♂, <i>Strelizia reginae</i> <i>Ailton, Estrelítzia</i>
32	<b>A 08</b>	16/09/2006	<b>Cláudia França</b>	<i>Amigos da Unicamp</i> , ♀, <i>Arundina bambusifolia</i> , <i>Orquídea</i>
33	<b>F 04</b>	19/09/2006	<b>Maria Ignêz e Besita Rennó</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♀, <i>Mangifera indica</i> L., <i>Mangueira</i>
34	<b>E 03</b>	20/09/2006	<b>Eliana Marzulo</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♀, <i>Chorisia speciosa</i> St. Hil., <i>Paineira</i>
35	<b>F 08</b>	21/09/2006	<b>Jomar Rennó</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♂, <i>Eucalyptus citriodora</i> Hook.f., <i>Eucalipto</i>
36	<b>A 03</b>	21/09/2006	<b>Patrícia Faria</b>	<i>Amigos da Unicamp</i> , ♀, <i>Eucalyptus citriodora</i> Hook.f., <i>Eucalipto</i>
36	<b>B 04</b>	21/09/2006	<b>Patrícia Faria</b>	<i>Amigos da Unb</i> , ♀, <i>Artocarpus integrifolia</i> L., <i>Jaca</i>
36	<b>B 06</b>	21/09/2006	<b>Patrícia Faria</b>	<i>Amigos das Gerais</i> , ♀, <i>Chamaecyparis obtusa</i> , <i>Tuia</i>
36	<b>C 03</b>	21/09/2006	<b>Patrícia Faria</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Coffea arabica</i> L., <i>Café</i>
36	<b>D 06</b>	13/10/2006	<b>Patrícia Faria</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Platanus occidentalis</i> , <i>Plátano</i>
36	<b>H 05</b>	21/09/2006	<b>Patrícia Faria</b>	<i>Parentes dos Ribeiro e dos Herméto</i> , ♀, <i>Ricinus communis</i> L., <i>Mamona</i>
37	<b>C 05</b>	27/09/2006	<b>Fátima Augusto</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Carica papaya</i> L., <i>Mamão</i>
37	<b>G 06</b>	27/09/2006	<b>Fátima Augusto</b>	<i>Amigos da Vida</i> , ♀, <i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl), <i>Manacá</i>
38	<b>E 08</b>	01/10/2006	<b>Elisa Marsulo</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♀, <i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg, <i>Jabuticabeira</i>
39	<b>I 07</b>	01/10/2006	<b>Adriana Gontijo</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♀, <i>Fuchsia hybrida hort. Ex Siebert &amp; Voss</i> , <i>Brinco de princesa</i>

Nº	Gaveta/Data		Taxonomia	
40	<b>E 09</b>	03/10/2006	<b>Rodrigo Mello dos Santos</b>	<i>Amigos da Mantiqueira, ♂, Myrciaria cauliflora (Mart.) O. Berg, Jabuticabeira</i>
41	<b>D 08</b>	03/10/2006	<b>Paula Spinelli</b>	<i>Amigos do Planalto, ♀, Helianthus annuus L., Girassol</i>
41	<b>G 01</b>	03/10/2006	<b>Paula Spinelli</b>	<i>Amigos da Vida, ♀, Tabebuia roseo-alba (Rdl.) Sandw., Ipê Branco</i>
42	<b>I 08</b>	03/10/2006	<b>Jairo Faria</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria, ♂, Mangifera indica L., Mangueira</i>
43	<b>D 02</b>	03/10/2006	<b>José Viana</b>	<i>Amigos do Planalto, ♂, Mauritia flexuosa L., Buriti e outras</i>
44	<b>C 01</b>	06/10/2006	<b>Andréa Nascimento</b>	<i>Amigos do Planalto, ♀, Mimosa pudica L., Dormideira</i>
45	<b>A 07</b>	12/10/2006	<b>Ana Maria Tagliari</b>	<i>Amigos da Unicamp, ♀, Plumeria rubra L., Jasmim Manga</i>
45	<b>F 05</b>	12/10/2006	<b>Ana Maria Tagliari</b>	<i>Amigos da Mantiqueira, ♀, Buxus sempervirens L., Bruxinho</i>
46	<b>B 08</b>	12/10/2006	<b>Marisa Coli</b>	<i>Amigos das Gerais, ♀, Sambucus australis Cham. &amp; Schtdl., Sabugueiro</i>
47	<b>J 06</b>	14/10/2006	<b>Maroa Furtado</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Citrus sinensis (L.) Osbeck., Laranja Lima</i>
48	<b>I 10</b>	15/10/2006	<b>Marisa Faria</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Impatiens walleriana Hook. f., Beijinho</i>
49	<b>I 04</b>	15/10/2006	<b>Mariana Faria</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria, ♀, Citrus sinensis (L.) Osbeck., Laranja</i>
50	<b>B 09</b>	24/10/2006	<b>Clara Barreiro</b>	<i>Amigos da Unb, ♀, Delonix regia (Bajer ex Hook.), Flamboyant</i>
51	<b>C 09</b>	26/10/2006	<b>Paulo Hummel</b>	<i>Amigos do Planalto, ♂, Plectranthus barbatus Andrews, Boldo</i>
52	<b>F 01</b>	28/10/2006	<b>Carlos Lara</b>	<i>Amigos da Mantiqueira, ♂, Tillandsia pohliana Mez, Bromélia</i>

Nº	Gaveta/Data		Taxonomia	
50	<b>C 08</b>	29/10/2006	<b>Evelyn Tom Back</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Persea americana</i> Mill, Abacateiro
53	<b>J 03</b>	29/10/2006	<b>Evelyn Tom Back</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♀, <i>Ficus carica</i> L., Figueira
54	<b>F 03</b>	31/10/2006	<b>Dayla Isabel</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♀, <i>Musa paradisíaca</i> L., Bananeira
55	<b>H 06</b>	03/11/2006	<b>Bárbara Herméto</b>	<i>Parentes dos Ribeiro e dos Herméto</i> , ♀, <i>Taraxacum officinale</i> Weber ex F.H. Wigg., Dente de Leão ou Amor dos Homens
56	<b>G 04</b>	10/11/2006	<b>Maristela Miyamoto</b>	<i>Amigos da Vida</i> , ♀, <i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg, Jabuticabeira
57	<b>D 01</b>	27/11/2006	<b>Denize de Fátima Borgatto</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>Hymenaea courbaril</i> L., Jatobá
58	<b>J 07</b>	01/12/2006	<b>Ana Tozzi</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♀, <i>Desmodium incanum</i> , Amor Agarradinho
59				
60	<b>J 04</b>	07/12/2006	<b>Nelson Faria</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♂, <i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg, Jabuticabeira
61	<b>J 05</b>	14/12/2006	<b>Andréa Pontes Faria</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♀, <i>Gardenia jasminoides</i> J. Ellis, Jasmim
62	<b>J 09</b>	27/02/2007	<b>Rafael Faria</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♂, <i>Polypodium persicifolium</i> Desv., Samambaia chorona
63	<b>J 10</b>	28/02/2007	<b>Francisco Faria</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♂, <i>Pterodon emarginatus</i> Vogel, Sucupira Branca
64	<b>J 01</b>	04/03/2007	<b>Maristela Correa Faria</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♀, <i>Mentha spicata</i> L., Hortelã

Nº	Gaveta/Data		Taxonomia	
65	<b>D 09</b>	11/03/2007	<b>Flora R. da Silva</b>	<i>Amigos do Planalto</i> , ♀, <i>bougainvillea spectabilis willd.</i> , <i>Bouganville</i> , <i>Primavera</i>
66	<b>I 01</b>	26/03/2007	<b>Ana Lúcia Cunha</b>	<i>Parentes dos Sanches e dos Faria</i> , ♀, <i>Myrciaria cauliflora (Mart.) O. Berg</i> , <i>Jaboticabeira</i>
67	<b>E 01</b>	28/03/2007	<b>Mila leandro</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♀, <i>Cássia leptophylla Vog.</i> , <i>Cássia</i>
68	<b>E 10</b>	12/04/2007	<b>Luis Felipe Branquinho</b>	<i>Amigos da Mantiqueira</i> , ♂, <i>Psidium guajava L.</i> , <i>Goiabeira</i>
69	<b>G 09</b>	16/04/2007	<b>Eduardo Lanza</b>	<i>Amigos da Vida</i> , ♂, <i>Myrciaria cauliflora (Mart.) O. Berg</i> , <i>Jabuticaba</i>
70	<b>H 04</b>	19/04/2007	<b>Elton Herméto</b>	<i>Parentes dos Ribeiro e dos Herméto</i> , ♂, <i>Psidium guajava L.</i> , <i>Goiabeira</i>
71	<b>H 08</b>	25/05/2007	<b>Vânia Herméto</b>	<i>Parentes dos Ribeiro e dos Herméto</i> , ♀, <i>Psidium guajava L.</i> , <i>Goiabeira</i>
71	<b>H 09</b>	25/05/2007	<b>Vânia Herméto</b>	<i>Parentes dos Ribeiro e dos Herméto</i> , ♀, <i>Tibouchina granulosa Cognn.</i> , <i>Quaresmeira</i>
72	<b>G 08</b>	08/02/2008	<b>Vera Bossi</b>	<i>Amigos da Vida</i> , ♀, <i>Ingá edulis Mart.</i> , <i>Ingazeiro</i>

## CONCLUSÃO

A pesquisa desenvolvida para a consecução desta dissertação de mestrado estabeleceu um novo modo de fazer artístico dentro da minha poética, e oportunizou um diálogo bastante fértil com outras disciplinas, nem sempre tão próximas e parceiras. O fato de conseguir unir na mesma obra áreas distintas do conhecimento, como elementos da botânica, teorias sobre a memória e a coleção, proporcionou-me um campo de infinitas possibilidades para a expressividade do meu trabalho artístico. Esta interdisciplinaridade enriqueceu pesquisa e obra, motivando interesse para botânicos, psicólogos, arqueólogos, artistas, estudiosos da memória, entre outros.

Acredito que a maior contribuição desta dissertação é a pesquisa que tive a oportunidade de desenvolver com o auxílio da Profa. Dra. Luise Weiss e da minha orientadora Profa. Dra. Cláudia Valladão de Mattos. Foram muitos dias de trabalho em meu ateliê e discussões nas salas de aula da Unicamp, até que chegássemos a um resultado satisfatório. Pesquisar o melhor material para a construção do trabalho, pensar na melhor forma de expor as “exsicatas mnemônicas”, buscar as referências que pudessem me auxiliar no embasamento teórico do trabalho, proporcionou-me enorme prazer.

Minha maior satisfação, entretanto, foi poder compartilhar com os amigos e parentes suas memórias afetivas, doadas com total desprendimento. Na maior parte das vezes escrevemos como falamos, e ao copiar as memórias nas placas, pude “ouvir” o que cada um dos participantes narrava em suas lembranças e compartilhar com eles as mesmas emoções. Algumas narrativas são divertidas, outras poéticas, algumas lúdicas e outras lembram pequenas tragédias pessoais, mas, em todas elas, as experiências representaram fatos marcantes em uma determinada época da história da vida de cada um.

Pude constatar o que Francis Yates afirmou: a memória está vinculada

aos órgãos dos sentidos, entretanto, a visão não foi o sentido mais marcante e sim os sentidos relacionados com o sabor, a textura e o aroma. Um outro fato interessante é que a maior parte das lembranças relatadas ocorreu na infância, sendo que a jabuticabeira e a goiabeira, seguidas de perto pela mangueira, foram as mais citadas. Isto mostra que o imaginário coletivo é quase sempre alimentado pelos mesmos elementos e que a ocorrência de lembranças é muito mais forte quando relacionadas com folgedos infantis. Observação que se valida frente às plantas mais citadas, geralmente árvores presentes em quase todos os quintais e acessíveis a fantasias e escaladas seguras, além do prazer de saborear suas frutas, sempre tão mais próximas.

Como citei no corpo do trabalho, assim como o romancista que colhe fatos reais para alimentar sua narrativa, desenvolvi uma escrita de forma invertida, colhendo informações que basearam a feitura das gravuras; invertida porque ao contrário do livro que se ilustra com gravuras, minhas gravuras foram ilustradas pelo relato das memórias.

Destaco, finalmente, que durante a realização do trabalho uma das amigas que contribuíram com a pesquisa, Marta Almeida, foi vitimada no acidente com o avião da TAM, ocorrido em julho de 2007 no aeroporto de Congonhas, em São Paulo/SP. Sua experiência de vida ficará preservada do apagamento, representando uma evidência da função do arquivo de memórias. Sua família receberá a duplicata que lhe dediquei com especial carinho.

# BIBLIOGRAFIA

## Livros

BARBOSA, Maria Regina de V. & Ariane Luna Peixoto. **Coleções de Plantas Brasileiras: situação atual e perspectivas.** in: Coleções Biológicas de Apoio ao Inventário, Uso Sustentável e Conservação da Biodiversidade. Ariane Luna Peixoto (org.), Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro; 2003.

BENJAMIN, Valter. **Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, 7. ed., São Paulo: Editora Brasiliense; 1994, V. 01.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação corpo com o espírito.** Tradução Paulo Neves, 3. ed., São Paulo: Martins Fontes; 2006.

BLOM, Philipp. **Ter e Manter.** Rio de Janeiro: Record; 2003.

DIDI-HUBERMAN, George. **L'Image Survivante. Histoire de L'Art et temps des fantômes selon Aby Warburg.** Paris: Présentation Presse; 2002.

COLOMBO, Fausto. **Os Arquivos imperfeitos.** Tradução de Beatriz Borges, São Paulo: Editora Perspectiva; 1991.

COSTELLA, Antonio. **Introdução à gravura e história da xilografia.** Campos do Jordão: Mantiqueira; 1984.

DERRIDA, Jaques. **Mal de Arquivo: uma impressão Freudiana.** Tradução Cláudia de Moraes Rego, Rio de Janeiro: Relume Dumará; 2001.

FERREIRA, Nilda Marquete, L.A.F.C., J.F.A.B., (org.). **O herbário do jardim Botânico do Rio de Janeiro: um expoente na história da Flora brasileira.** Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro; 2001.

FRANÇA, Junia Lessa. **Manual para Normatização de Publicações Técnico-Científicas.** 4. ed., Belo Horizonte: Ed. UFMG; 1998.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Editora 34; 2006.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais.** Tradução de Fernando Pio de Almeida Fleck, São Paulo: Editora Schwarrez Ltda; 1991.

GOMBRICH, Ernest Hans. **Aby Warburg: na intellectual Biography**. 2. ed., Chicago: University of Chicago Press; 1986.

LORENZI, Harri. **Árvores Brasileiras: uma manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Vol.1 e vol. 2, 3. ed., Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum; 2000.

LORENZI, Harri. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 3. ed., Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum; 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). **Imagem e Memória**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond; 2001.

KURY, Adriano B. [et al.]. **Brasília Centro de Gestão e Estudos Estratégicos**. Ministério da Ciência e Tecnologia; 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. vol. 2, Portugal: Edições 70; 2000.

MARTINS, Itajahi. **Gravura, Arte e Técnica**. Laserprint: Fundação Nestlé de Cultura, São Paulo; 1987.

MOLES, Abraham. **Teoria dos objetos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1972.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. São Paulo: Madras Editora; 2003.

PEIXOTO, Ariane Luna (org.). **Coleções Biológicas de Apoio ao Inventário, Uso Sustentável e Conservação da Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro; 2003.

RESENDE, Ricardo. **Gravura. Arte brasileira no século XX. Desdobramento da gravura contemporânea**. São Paulo: Itaú Cultural; 2001.

RODRIGUES, José Barbosa, **Uma Lembrança do Primeiro Centenário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: oficinas da “Renascença” – E. Bevilacqua & C., 1908

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Análise e o Arquivo**. Tradução André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2006.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado**. 2. ed., São Paulo: FAPESP: Annablume; 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A Escritura da Memória: Mostrar Palavras e Narrar Imagens**. Terceira Margem, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ / Faculdade de Letras, Ano VI, nº 7; 2002.

\_\_\_\_\_ **O local da Diferença — Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34; 2005.

\_\_\_\_\_ **Palavra e Imagem, Memória e Escritura**. São Paulo: Ed. Argos; 2006.

\_\_\_\_\_ **História, Memória, Literatura: O Testemunho da era das Catástrofes**. São Paulo: Ed. Unicamp; 2003.

SILVA, Orlando da. **A Arte Maior da Gravura**, Edição Espade; 1976.

TARKOVSKIAEI, Andraei Arsensevich. **Esculpir o Tempo**, 2. ed., São Paulo: Martins Fontes; 1998.

WARGURG, Aby. **The Renewal of Pagan Antiquity**. Los Angeles: Getty Research Institute; 1999.

WEIGEL, Sigrid. **Arte da Memória – Memória da Arte. Entre o arquivo e o atlas de imagem, entre a alfabetização e o vestígio**. In: Márcio Seligmann-Silva (org.), *A Memória da Arte – A Arte da Memória*, São Paulo: Ateliê Editorial; no prelo.

YATES, Fances A. **El Arte de La Memória**. Tradução de Ignacio Gómez de Liaño, Madrid: Ediciones Siruela; 2005.

## **Teses e Dissertações**

BERNARDES, Marilda. **Uma poética da ação do tempo nas artes plásticas: a monotipia**. Dissertação de Mestrado — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Orientador: Prof. Dr. Ernesto Giovanni Boccara — Campinas/SP; 2003.

NAZÁRIO, Aparecido José Carlos. **Tempo e Memória no Teatro de Jorge Andrade**. Dissertação de Mestrado — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Orientador: Prof. Dr. Antônio Arnoni Prado — Campinas/SP; 2003.

## Textos

RESENDE, Ricardo. **A Gravura Hoje – Apropriação e Contaminação de Linguagens**, Curador assistente do MAM/SP.

\_\_\_\_\_ **São ou não são gravuras**. Exposição.

## Catálogos

BENÉ FONTELES. **Palavras e Obras, 1998 a 2004**. Apresentação Marcelo Mattos Araujo; textos de Jean-François Timmers, Wagner Barja et al., São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo; 2004.

ELIDA TESSLER. **Elida Tessler: Vasos Comunicantes**. Curadoria: Angélica de Moraes; textos de Angélica de Moraes e Donaldo Schüller; apresentação de Marcelo Mattos Araujo, São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo; 2003.

FARNESE DE ANDRADE. **Farnese Objetos**. Charles Cossac, 2. ed. rev., São Paulo: Cosac Naify; 2005.

FLAVIA RIBEIRO. São Paulo: Galeria Millan

## Sites:

BRUHN, Mathias. Aby Warburg (1866-1929). **The Survival of an Idea**. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/mbruhn/>>. Acesso em: 04 abr. 2006.

GRECCO, Vera Regina Luz. **Colecionismo: o desejo de guardar**. Disponível em: <[dolivro.org.br/historia/colecionismo.html](http://dolivro.org.br/historia/colecionismo.html)>. Acesso em: 04 out. 2007.

GUERREIRO, António. **Aby Warburg e os arquivos da memória**. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/aguerreiro-pwarburg/index.htm>>. Acesso em: 04 abr. 2006.

**Flora Brasiliense**. Disponível em: <<http://florabrasiliensis.cria.org.br/info?history>>. Acesso em: 03 mar. 2007.

MARTÍNEZ, Paula Christian. **Boltanski: la infancia, la misión, el intento**. Disponível em: <<http://www.portal.arts.ve/papeles/martinez/boltansk.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2006.

MINHOTO, Miguel José. Disponível em: <<http://www.botanicasp.org.br/educacao/historico.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2006.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Sobre a Autonomia das Novas Identidades Coletivas: Alguns Problemas Teóricos**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 38, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0102-690919980003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-690919980003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 abr. 2006.

SCARSO, Davide. **Fórmulas e arquétipos, Aby Warburg e Carl G. Jung**. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/dscarso/>>. Acesso em: 06 abr. 2006.

Disponível em: <<http://www.skulptur-als-feld.de/ns/rheinsberg.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2006.

## **Revistas:**

TERCEIRA MARGEM: Revista da Pós-Graduação em Letras. Rio de Janeiro. Universidade, Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, Ano VI, nº 7; 2002.

TUPIGRAFIA, Editora Bookmakers, São Paulo; outubro de 2002.